



Beijada por um anjo



ELIZABETH CHANDLER

Uma inesquecível história
de amor e suspense



Beijada por um anjo



Elizabeth Chandler

Tradução

Marsely De Marco Martins Dantas



© 1995 Daniel Weiss Associates, Inc., and Mary Clair Helldorfer
© 2008 Simon & Schuster, Inc.
© 2010 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão Digital – 2012

Produção Editorial
Equipe Novo Conceito

Tradução: Marsely De Marco Martins Dantas

Preparação de Texto: Denise Cristina Morgado

Revisão de Texto: Maria Dolores Delfina Sierra Mata e Tânia Marisa Cotrim Donato

Diagramação: Heber Maia (Parceria OnLine)

Diagramação E-pub: Brendon Wiermann

Capa: Equipe Novo Conceito

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Chandler, Elizabeth
Beijada por um anjo / Elizabeth Chandler;
tradução Marsely De Marco Martins Dantas.
Ribeirão Preto, SP: Editora Novo Conceito, 2010.

Título original: Kissed by an angel.
ISBN 978-85-63219-14-5
eISBN 978-85-8163-056-4
1. Romance norte-americano I. Título.

10-09205 CDD-813

Índices para catálogo sistemático:
1. Romances : Literatura norte-americana 813



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885 – Parque Ind. Lagoinha
14095-260 – Ribeirão Preto – SP
www.editoranovoconceito.com.br

Beijada por um anjo

A força do amor

Almas Gêmeas



Elizabeth Chandler



Para Pat e Dennis

15 de outubro de 1994





Capítulo 1



-Nunca imaginei que o banco de trás de um carro pudesse ser romântico – disse Ivy, reclinando-se, sorrindo para Tristan. Em seguida, olhou para a bagunça que estava no chão do carro. – Talvez fosse melhor você tirar a sua gravata de dentro do copo do Burger King.

Tristan pegou a gravata encharcada e jogou-a no banco da frente, depois sorriu e sentou-se ao lado de Ivy novamente.

– Ai! – o odor de flores esmagadas espalhou-se por todo o carro. Ivy deu uma gargalhada.

– Qual é a graça? – perguntou Tristan, tirando as rosas esmagadas grudadas em suas costas, não conseguindo evitar o riso.

– E se alguém passar por aí e reparar no adesivo de sacerdote do seu pai colado no para-choque do carro?

Tristan jogou as flores no banco da frente e trouxe Ivy para mais perto de si. Deslizou a mão pelo vestido de seda, que ela usava, e deu um beijo suave em seu ombro. – Eu falaria que estava com um anjo.

– Ah! Que conversa fiada!

– Ivy, eu te amo – disse Tristan, ficando sério subitamente.

Ela olhou para ele e depois mordeu os lábios.

– Isso não é um jogo. Eu amo você, Ivy Lyons, e um dia você vai acreditar em mim.

Ela deu-lhe um abraço bem apertado. – Te amo, Tristan Carruthers – sussurrou em seu ouvido. Ivy acreditava e confiava nele como jamais havia confiado em alguém. Um dia, criaria coragem para dizer,

com todas as letras, “Eu te amo, Tristan.” Colocaria a cabeça para fora da janela e gritaria. E até colocaria uma faixa bem no meio da piscina da escola.

Depois disso, levaram alguns minutos para se arrumar. Ivy começou a rir de novo. Tristan sorriu ao vê-la tentar inutilmente arrumar os cabelos desalinhados. Em seguida, ligou o carro, passando por cima dos buracos e das pedras até chegar à estrada estreita.

– Última olhada no rio – disse assim que fizeram uma curva, desviando-se do lugar em que estavam.

O sol de junho dominava toda a região oeste do interior de Connecticut, enviando os seus raios de luz às copas das árvores, cobrindo-as como se fossem ouro. A estrada sinuosa parecia um túnel de bordos, álamos e carvalhos. Ivy sentia estar nadando em meio às ondas com Tristan, o sol brilhando no alto, os dois juntos em movimento uníssono, em direção a um abismo de azul, roxo e verde-escuro. Tristan ligou os faróis do carro.

– Você não precisa correr – disse Ivy. – Não estou mais com fome.

– Eu matei a sua fome?

Ela balançou a cabeça negativamente. – Acho que me alimentei de felicidade – respondeu suavemente.

A velocidade do carro continuava aumentando pelas curvas da estrada. – Já falei que a gente não precisa correr.

– Engraçado. Não sei o quê... Não parece que... – murmurou Tristan, olhando para os seus pés.

– Vá mais devagar, está bem? Não tem problema se a gente se atrasar um pouquinho.

– Ah! – Ivy apontou para frente da estrada. – Tristan!

Havia algo saindo do meio dos arbustos e parando no meio da estrada. Não dava para ver o que era. Só dava para perceber a movimentação por entre as sombras. E, então, o cervo parou. Virou a cabeça e olhou fixamente para as luzes dos faróis.

– Tristan! – eles estavam cada vez mais próximos dos olhos

brilhantes. – Tristan, você não está vendo?

A velocidade não parava de aumentar.

– Ivy, tem algo...

– Um cervo!

Os olhos do animal reluziam. Havia uma luz atrás dele, uma mancha brilhante em meio à escuridão. Um carro vinha na outra pista. Do outro lado, havia inúmeras árvores. Não tinha como eles desviarem nem para a esquerda nem para a direita.

– Pare! – ela gritou.

– Estou...

– Pare! Por que você não para? – ela implorou. – Tristan, pare!

O para-brisas explodiu.

Nos dias que se seguiram àquele, Ivy não conseguia se lembrar de nada, além da cascata de vidro estilhaçado.

Ivy deu um pulo ao ouvir os tiros. Odiava piscinas, especialmente piscinas cobertas. Apesar de ela e suas amigas estarem a uns 300 metros da piscina, sentia-se como se estivesse nadando. O ambiente não passava de uma névoa úmida, escura, de cor verde azulada e com um forte cheiro de cloro. Tudo ecoava, o som dos tiros, os gritos da multidão, os nadadores caindo na água. Assim que Ivy entrou na área da piscina coberta, sentiu falta de ar. O que ela queria mesmo era estar lá fora, apreciando a brisa e o sol daquele belo dia de março.

– Deixe-me ver de novo. Qual deles é ele? – perguntou.

Suzanne Goldstein olhou para Beth Van Dyke. E Beth também olhou para Suzanne. As duas balançaram a cabeça negativamente, suspirando.

– Ah tá, como é que eu posso saber quem é ele? Todos estão depilados, todos eles, sem exceção: braços depilados, pernas depiladas e até peitos depilados – um bando de carecas usando toquinhas de borracha e óculos de natação. Todos usam sungas com as cores da escola. Pelo que sei, podiam muito bem ser um bando de

alienígenas.

– Se eles são alienígenas, vou me mudar para o planeta deles – disse Beth sem parar de clicar a ponta da sua caneta.

Suzanne tirou a caneta das mãos de Beth e disse com voz rouca: – Meu Deus, como eu gosto de competições de natação!

– Mas você nem liga para os nadadores quando a competição começa – comentou Ivy.

– Porque estou olhando para o próximo grupo a subir nos trampolins – explicou Beth.

– Tristan é o que está na raia central. Os melhores nadadores sempre competem nas raias centrais – disse Suzanne.

– Ele é o nosso homem-bala. É o melhor no estilo borboleta. Na verdade, é o melhor de todo o Estado – acrescentou Beth.

Ivy já sabia disso. Havia cartazes da equipe de natação espalhados por toda a escola com Tristan emergindo da água, seus ombros movimentando-se rapidamente em direção ao espectador, seus braços poderosos como se fossem asas.

A pessoa encarregada da publicidade sabia o que estava fazendo ao escolher aquela foto. E tinha feito inúmeras cópias, o que foi muito bom, pois todos os cartazes de Tristan viviam desaparecendo – indo parar dentro dos armários das garotas.

Foi em algum momento no meio dessa loucura de cartaz que Beth e Suzanne começaram a pensar que Tristan estava interessado em Ivy. Bastaram dois encontrões no corredor em uma mesma semana para convencer Beth, a criativa escritora que já tinha lido uma coleção de romances de bolso.

– Mas Beth, já dei vários encontrões em você. Você sabe como eu sou – argumentou Ivy.

– Sabemos – disse Suzanne. – Cabeça nas nuvens. Quilômetros de distância da Terra. Vive no mundo dos anjos. Mas, mesmo assim, acho que a Beth tem razão quanto a isso. Lembre-se, foi ele quem deu um encontrão em você.

– Talvez ele seja desajeitado fora da água. Como os sapos – disse Ivy, sabendo que não havia nada de desajeitado em Tristan Carruthers.

Lembrou-se de seu primeiro dia na escola. Estava nevando e era início de janeiro. Uma líder de torcida tinha sido designada para mostrar a escola a Ivy e fez questão de lhe mostrar quem era Tristan quando se dirigiram à lanchonete lotada.

– Você provavelmente se interessa por atletas – disse a líder de torcida.

Na verdade, Ivy estava ocupada tentando entender o que era aquela coisa verde que estavam servindo aos alunos na lanchonete.

– Na sua escola em Norwalk, as garotas devem sonhar com os astros do futebol. Mas muitas das garotas de Stonehill...

Sonham com ele, Ivy pensou assim que percebeu o olhar da líder de torcida concentrar-se em Tristan.

– Na verdade, prefiro alguém que tenha cérebro – disse Ivy.

– Mas ele tem cérebro! – insistiu Suzanne quando Ivy lhe contou sobre o que tinha conversado anteriormente com a líder de torcida.

Suzanne era a única garota que Ivy já conhecia em Stonehill e, de algum modo, ela tinha conseguido encontrar Ivy no meio da multidão naquele dia.

– Estou falando de um cérebro que não esteja cheio de água – acrescentou Ivy.

– Você sabe que eu nunca dei bola para atletas. Quero alguém com quem eu possa conversar.

– Você já conversa com os anjos – disse Suzanne.

– Não começa com isso – avisou Ivy.

– Anjos? – Beth perguntou. Ela estava sentada à mesa ao lado, ouvindo a conversa delas. – Você fala com anjos?

Suzanne revirou os olhos, mostrando-se incomodada por ter sido interrompida. Em seguida, voltou a atenção para Ivy novamente. – Será que em algum lugar nessa sua coleção de asas há um anjo do

amor?

– Sim.

– Que tipo de conversa você tem com eles? – Beth perguntou novamente. Ela abriu um bloco de anotações e foi logo pegando o lápis como se fosse escrever tudo o que Ivy ia dizer, palavra por palavra. Suzanne ignorou a presença de Beth. – Bom, se você realmente tem um anjo do amor, Ivy, ele não está fazendo muito bem o seu trabalho, não é mesmo? Alguém precisa lembrá-lo de sua missão.

Ivy deu de ombros. Seus dias estavam muito ocupados e não havia tempo para prestar atenção nos rapazes. Tinha de se dedicar à música, ao trabalho na loja, à manutenção de suas notas acima da média, além de ajudar a cuidar do seu irmão de oito anos, Philip. Os últimos meses tinham sido muito tumultuados para Philip, sua mãe, e até para ela mesma. Não teria aguentado sem a ajuda dos anjos.

Depois daquele dia de janeiro, Beth passou a procurar Ivy para perguntar sobre sua crença nos anjos, bem como para lhe mostrar alguns de seus contos românticos. Ivy gostava de conversar com ela. Beth era uma garota de rosto redondo e cabelos tingidos, na altura dos ombros. Vestia-se de um jeito que variava entre o estranho e o fora de moda, e vivia romances incrivelmente apaixonados – só na sua imaginação.

Suzanne tinha magníficos cabelos pretos e sobrancelhas e bochechas expressivas, também vivia uma vida de muitas paixões – na sala de aula e nos corredores, deixando os garotos da escola Stonehill emocionalmente exaustos. Beth e Suzanne nunca tinham sido amigas, mas, no final de fevereiro, tinham se unido na tentativa de transformar Ivy e Tristan em um casal.

– Ouvi dizer que ele é bem esperto – disse Beth durante um almoço na lanchonete.

– Ele é todo cérebro – concordou Suzanne. – O melhor aluno da classe.

Ivy ergueu a sobrancelha.

– Ou um dos melhores.

– Natação é um esporte sutil – continuou Beth. – Sei que parece que a pessoa está indo para frente e para trás, mas um cara como o Tristan planeja, ele tem uma estratégia complexa para vencer cada competição.

– Ah-hã – disse Ivy.

– O que a gente quer dizer é que basta você vir a uma competição de natação – disse Suzanne.

– Mas tem de se sentar bem na frente – sugeriu Beth.

– E pode deixar que eu escolho suas roupas neste dia – acrescentou Suzanne. – Você sabe que eu sei te produzir muito melhor do que você mesma.

Ivy balançou a cabeça positivamente, imaginando por que as suas amigas achavam que alguém como Tristan estaria interessado nela. Mas, quando Tristan apareceu na reunião dos alunos do segundo ano do ensino médio dizendo a todos que a equipe de natação precisava da sua presença na última competição, sem tirar os olhos de Ivy o tempo todo, sentiu que tinha uma chance.

– Se a gente perder essa competição, você vai ficar com a consciência pesada – disse Suzanne.

Era final de março e Ivy estava observando Tristan balançar seus braços e pernas. Ele tinha uma constituição perfeita de nadador – ombros poderosos e largos e cintura fina. A touca escondia seus lisos cabelos castanhos, mas ela lembrava que eram curtos e espessos.

– Cada pedacinho dele é feito de músculos – suspirou Beth. Depois de dar vários cliques na caneta, que já tinha pegado de volta de Suzanne, começou a escrever no seu bloquinho. “Como rocha reluzente. Sinuosa na mão do escultor, fundida nos dedos do amante...”

Ivy deu uma olhada no bloquinho de Beth. – O que você está fazendo, poesia ou romance?

– Tem diferença? – respondeu Beth.

– Nadadores, preparem-se! – disse o organizador da competição em voz alta e todos subiram em seus trampolins.

– Ah, meu Deus! Aquelas sunguinhas não deixam muito espaço para imaginação, não é mesmo? Imagino como o Gregory ficaria em uma delas – murmurou Suzanne.

Ivy a repreendeu. – Fale mais baixo. Ele está bem ali.

– Eu sei – disse Suzanne, passando as mãos pelos cabelos.

– Aos seus lugares...

Beth inclinou-se para dar uma olhada em Gregory Baines. Seu corpo esbelto e longilíneo, faminto e quente...

Bum!

– Você sempre usa essas palavras – disse Suzanne.

Beth concordou. – É que são palavras fortes, parecem combinar com a sua respiração. Faminto, excitado, emocionante...

– Você vai tentar pelo menos assistir à competição? – disse Ivy, interrompendo a conversa.

– São 400 metros, Ivy. Tudo o que Tristan tem de fazer é ir para frente e para trás.

– Entendi. E aquela história de ele ser totalmente cérebro, com uma complexa estratégia de vitória no sutil esporte chamado natação? – perguntou Ivy.

Beth estava escrevendo novamente: “nadando como um anjo, desejando que suas asas molhadas servissem de aconchego para Ivy.” – Eu estou muito inspirada hoje!

– Eu também – disse Suzanne alternando seu olhar entre Gregory e os corpos que se aqueciam para nadar.

Ivy viu o que ela estava fazendo, mas voltou a se concentrar nos nadadores novamente. Nos últimos três meses, Suzanne corria atrás de Gregory Baines de forma quente, excitante e faminta. Ivy queria que Suzanne se interessasse por outra pessoa e que isso acontecesse logo, muito rápido, antes do primeiro sábado de abril.

– Quem é aquela moreninha? – perguntou Suzanne. – Odeio tipos *mignon*. Ela não combina com Gregory. Rostinho, mãozinhas, pezinhos.

– Peitões! – disse Beth, olhando para cima.

– Quem é ela? Você já a viu antes, Ivy?

– Suzanne, você está na escola há mais tempo do que...

– Você nem está olhando – disse Suzanne, cortando a frase de Ivy.

– Porque estou olhando para o nosso herói. Não é isso que eu devia estar fazendo? O que significa Demolidor? Todo mundo grita Demolidor quando Tristan faz a volta.

– É o apelido dele – respondeu Beth. – Por causa da forma como ele ataca a parede, arremessando-se contra ela com a cabeça primeiro. Assim, consegue dar um impulso mais rápido.

– Entendi – disse Ivy. – É, ele parece mesmo um cérebro total para mim, atirando-se contra uma parede de concreto. Quanto tempo normalmente duram essas competições?

– Ivy, por favor – implorou Suzanne, pegando-a pelo braço.

– Veja se você sabe quem é a morena.

– Twinkie.

– Você está inventando! – disse Suzanne.

– É a Twinkie Hammonds – insistiu Ivy. – Ela faz aula de música comigo.

Percebendo que Suzanne não parava de encará-la, Twinkie virou-se para ela e fez uma careta. Gregory prestou atenção em tudo, olhando por cima dos ombros. Ivy conseguiu notar que ele estava se divertindo com a situação.

Gregory Baines tinha um sorriso encantador, cabelos escuros e olhos acinzentados. Olhos acinzentados muito “maneiros”, pensou Ivy. Era alto, mas não era a sua altura que fazia com que se destacasse no meio da multidão. Era sua autoconfiança. Ele era como um ator, como uma estrela de cinema fazendo seu papel, e, quando o show terminava, afastava-se dos demais por acreditar ser

melhor que os outros. A família Baines era a mais rica da cidade de Stonehill, mas Ivy sabia que não era por causa do dinheiro de Gregory, e sim por causa dessa frieza, dessa indiferença, que Suzanne estava louca por ele. Suzanne sempre queria o que não podia ter.

Ivy pegou no braço da amiga suavemente e apontou para os nadadores que estavam se alongando para começar a competir, esperando, assim, distraí-la de alguma forma. Depois gritou: Demolidor!, quando Tristan começou a última volta. – Acho que estou pegando o jeito – disse. Mas percebeu que os pensamentos de Suzanne continuavam em Gregory. Dessa vez, temia Ivy, Suzanne parecia estar profundamente apaixonada.

– Ele está olhando para nós. Está vindo na nossa direção – disse Suzanne toda animada.

Ivy sentiu a tensão em seu corpo. – E a cachorrinha de estimação está vindo logo atrás.

Por quê? Ivy se perguntou. O que Gregory teria para falar com ela depois de passar três meses ignorando-a? Em janeiro, entendeu rapidamente que Gregory não tinha a intenção de notá-la. E, como se tivessem feito um acordo silencioso, nem ele nem Ivy falaram nada sobre o fato de que o pai dele iria se casar com a mãe dela. Poucas pessoas sabiam que Gregory e Ivy passariam a morar na mesma casa no começo de abril.

– Oi, Ivy! – Twinkie foi a primeira a falar. Ela tentou se sentar perto de Ivy, ignorando Suzanne e mal olhando para a Beth. – Acabei de falar para o Gregory que sempre me sento ao seu lado na aula de música.

Ivy olhou para a garota com surpresa. Nunca tinha percebido em que lugar Twinkie se sentava.

– Ele disse que nunca ouviu você tocar piano, e eu estava falando para ele como você toca bem.

Ivy abriu a boca para falar, mas não conseguiu pensar em nada

para dizer. Na última vez em que tocou alguma composição sua na sala, tudo o que Twinkie fez para mostrar seu interesse foi lixar as unhas.

Foi aí que Ivy percebeu que Gregory estava olhando para ela. Quando ela olhou para ele, este piscou. Ivy apontou para suas amigas e disse: – Vocês conhecem Suzanne Goldstein e Beth Van Dyke?

– Não muito – ele disse, sorrindo para as duas.

Suzanne estava radiante. Beth olhava para todos com o interesse de uma pesquisadora, o tempo todo clicando sua caneta.

– Sabe de uma coisa, Ivy? A partir de abril você vai morar bem perto da minha casa – disse Twinkie. – Vai ficar mais fácil se a gente começar a estudar juntas agora.

Mais fácil?

– Posso te dar uma carona para escola. É rapidinho da minha casa até a sua.

Rapidinho?

– Talvez a gente possa passar mais tempo juntas?

Mais tempo?

– Então, Ivy – disse Suzanne, piscando exageradamente seus longos cílios. – Você nunca me contou que era tão íntima da Twinkie! Talvez nós todas devêssemos passar mais tempo juntas. Você iria gostar de ir à casa da Twinkie, não iria, Beth?

Gregory mal conseguiu esconder o riso.

– Devíamos fazer uma noite do pijama, Twinkie.

Twinkie não pareceu muito entusiasmada.

– Poderíamos falar sobre os rapazes e fazer uma votação do mais bonito daqui.

Suzanne voltou sua atenção para Gregory, olhando-o de cima a baixo, prestando atenção em cada detalhe. Ele continuou mostrando que estava se divertindo muito.

– Conhecemos outras garotas, da escola antiga de Ivy em Norwalk

– Suzanne continuou de forma animada. Sabia que as garotas da alta sociedade de Stonehill, que iam e voltavam todo dia de Nova York, não tinham nada a ver com as caipiras de Norwalk.

– Elas iam adorar vir até aqui. Assim podemos ser todas amigas. Você não acha que seria muito legal?

– Não, não acho – disse Twinkie dando as costas para Suzanne.

– Foi muito bom conversar com você, Ivy. Espero vê-la em breve. Venha, Gregory, está muito lotado aqui – disse Twinkie, aninhando-se debaixo dos braços dele.

Assim que Ivy voltou sua atenção para a piscina, Gregory pegou em seu queixo. Com as pontas dos dedos, virou o rosto dela na sua direção. Estava sorrindo.

– Ingênua, Ivy – disse. – Você parece envergonhada! Isso tem acontecido comigo também, sabia? Há muitos rapazes, que eu mal conheço, que de repente passaram a agir como se fossem meus melhores amigos, e estão contando com o fato de poderem me visitar a partir da primeira semana de abril. Por que você acha que isso está acontecendo?

Ivy deu de ombros. – Acho que é porque você é uma pessoa muito popular.

– Você é mesmo ingênua! – disse ele. Ela queria que ele parasse de pegar no seu pé. Olhou para a outra arquibancada, onde estavam os amigos dele. Eric Ghent e um outro rapaz conversavam com Twinkie e riam. O “supermaneiro” Will O’Leary olhava para ela.

Gregory tirou a mão do queixo dela. Saiu balançando a cabeça e foi em direção a seus amigos, seus olhos ainda mostravam o quanto estava se divertindo com a situação. Quando Ivy voltou sua atenção para a piscina novamente, viu que três rapazes com toucas de borracha e sungas exatamente iguais estavam olhando para ela. Não fazia a mínima ideia se algum deles era Tristan.



Capítulo 2



-Eu me sinto um idiota – disse Tristan, dando uma olhada no salão de festas da associação de ex-alunos da faculdade pelo vidro da porta da cozinha. A equipe do bufê estava acendendo os candelabros e verificando as taças de cristal. Na imensa cozinha em que ele e Gary esperavam, havia várias mesas postas com frutas bem lavadas e diferentes tipos de entradas. Tristan não fazia a mínima ideia do que eram feitas aquelas entradas e se tinham de ser servidas de alguma forma especial. Tudo o que pedia era simplesmente que suas taças de champanhe não caíssem da bandeja.

Gary não estava conseguindo colocar as abotoaduras. A faixa do seu *smoking* alugado não parava de cair, pois o velcro não estava funcionando direito. Um dos seus sapatos pretos e engraxados, um número menor que o dele, estava amarrado com cadarço roxo improvisado. Gary era um amigo de verdade, pensou Tristan, por concordar com aquela situação.

– Lembre-se, a grana é boa – disse Tristan. – E nós vamos precisar dela para a próxima competição de natação.

– É, se sobrar algum dinheiro depois de a gente pagar pelo prejuízo – reclamou Gary.

– Vai sobrar tudo – respondeu Tristan com confiança. Será que era muito equilibrar uma bandeja por aí? Ele e Gary eram nadadores. O seu equilíbrio atlético natural foi responsável pelas mentiras sobre sua experiência como garçom durante a entrevista no bufê. Tinha sido muito fácil conseguir esse trabalho.

Tristan pegou uma bandeja de prata e a usou como espelho.

– Não pareço um idiota. Estou com cara de idiota.

– Você é um idiota – disse Gary. – É bom ir logo sabendo que não sou tão tonto para acreditar nessa sua historinha de conseguir dinheiro para a próxima competição de nataação.

– Do que você está falando?

Gary pegou um espanador e colocou na cabeça de forma que as suas fibras parecessem cabelos.

– Oh, Tristy – disse com a voz em falsete. – Que surpresa encontrá-lo no casamento da minha mãe!

– Cale a boca, Gary.

– Oh, Tristy, deixa essa bandeja para lá e vem dançar comigo – Gary sorriu passando a mão nos cabelos de espanador.

– O cabelo dela não é assim.

– Oh, Tristy, acabei de pegar o buquê da minha mãe. Vamos fugir e nos casar.

– Eu não quero casar com ela! Só quero que ela saiba que eu existo. Só quero sair com ela. Só uma vez! E se ela não gostar de mim, então...

Tristan deu de ombros como se não tivesse a mínima importância, como se a maior paixão que já sentira na vida pudesse simplesmente desaparecer do dia para a noite.

– Oh, Tristy, eu vou chutar o seu...

A porta da cozinha se abriu. – Cavalheiros – disse *monsieur* Pompideau – os convidados já chegaram e estão prontos para serem servidos. Que sorte a nossa contarmos com a presença de dois garçons tão experientes, disponíveis justamente para nos auxiliar hoje!

– Ele está sendo sarcástico? – perguntou Gary.

Tristan revirou os olhos e eles apressaram-se em ir atrás dos outros garçons, que já se posicionavam em suas bases.

Nos primeiros dez minutos, Tristan preocupou-se em observar os outros garçons trabalhando, tentando aprender a sua função. Sabia

que garotas e mulheres gostavam de um sorriso, e fazia uso disso, especialmente quando o caviar que estava servindo saiu voando, como se fosse um peixe bem desenvolvido, indo parar bem no colo de uma senhora.

Perambulou pelo imenso salão de festas, procurando por Ivy, sempre olhando enquanto os homens de barriga grande continuavam esvaziando suas bandejas. Dois deles passaram por ele resmungando alguma coisa, mas ele nem tomou conhecimento. Seu pensamento estava focado em Ivy. E se ficasse cara a cara com ela, o que iria dizer? Aceita um croquete de caranguejo? Ou talvez posso sugerir *le ballé de crabe*.

Sim, isso iria impressioná-la.

Que tipo de pessoa ele tinha se tornado? Por que ele, Tristan Carruthers, um cara cujo rosto estava pendurado nos armários de centenas de garotas (tudo bem, talvez estivesse exagerando um pouco) precisava impressioná-la? Uma garota que não tinha interesse em ter a foto dele, nem a de mais ninguém, colada em seu armário, pelo que ele podia perceber. Ela passava pelos mesmos corredores que ele, mas era como se vivesse em um mundo totalmente diferente.

Tinha prestado atenção nela no primeiro dia em que ela chegou em Stonehill. Não era só a sua beleza exótica, os seus louros cabelos encaracolados, e os seus olhos verdes como o mar, que faziam com que ele não conseguisse parar de olhar, desejando tocá-la. Era a maneira como ela parecia desprendida das coisas que interessavam às demais pessoas – a maneira como prestava atenção na pessoa com quem estava conversando, sem ficar olhando para o lado para ver se tinha mais alguém por ali; a maneira como se vestia diferente de todo mundo; a maneira como se entregava a uma canção. Um dia, ficou parado na porta da sala de música, maravilhado. É claro que ela nem percebeu sua presença.

Duvidava que Ivy soubesse que ele existia. Mas será que trabalhar como garçom seria realmente uma boa maneira de fazer com que ela

finalmente o notasse? Depois de resgatar um croquete de caranguejo que tinha saltado de sua bandeja e ido parar no meio de dois sapatos *scarpin* de um convidado, começava a ter suas dúvidas.

Foi então que ele a viu. Estava de cor-de-rosa – muito cor-de-rosa, e tinha uma espécie de *glitter* cor-de-rosa que não parava de cair dos seus ombros.

Gary passou perto dele. Tristan virou-se rápido demais e eles deram uma cotovelada. Oito copos chacoalharam na bandeja, derrubando vinho tinto.

– Que vestido! – disse Gary abafando o riso.

Tristan deu de ombros. Sabia que o vestido era brega, mas não estava nem aí. – Ela vai acabar tirando.

– Amigão, você está bem ousado, hein?

– Não foi isso que eu quis dizer. O que eu...

– Pompideau – avisou Gary e os dois dispersaram-se rapidamente. Entretanto, o *maître* pegou Tristan pelo braço e o levou para a cozinha. Quando Tristan voltou, tinha nas mãos uma bandeja cheia de legumes e um potinho de patê – coisas que não derramavam. Percebeu que alguns dos convidados pareciam reconhecê-lo e, rapidamente, desviavam-se de seu caminho quando se aproximava. O que significava que estava com a bandeja sempre cheia para lá e para cá, mal precisava olhar para onde estava indo, e tinha tempo suficiente para prestar atenção na festa.

– Ei, ssssenhor nadador. Ssssenhor nadador.

Era alguém da escola que estava chamando por ele, provavelmente alguns dos amigos de Gregory. Tristan nunca gostou das garotas e rapazes que andavam com Gregory. Todos tinham dinheiro e se gabavam por isso. Faziam coisas realmente estúpidas e estavam sempre procurando novas emoções.

– Nadador, nadador, você é ssssurdo? – chamou o rapaz. Eric Ghent, rosto comprido e cabelos louros, encostado na parede, segurando um castiçal.

– Desculpe – disse Tristan. – Você está falando comigo?

– Eu conheço você, Demolidor. Eu conheço você. É isso que você faz quando não está nadando? – Eric soltou o castiçal e cambaleou.

– É isso que eu faço para poder ter dinheiro para nadar – respondeu Tristan.

– Ótimo. Vou te ajudar a conseguir maissssss dinheiro para nadar.

– Como?

– Vou fazer com que você não desperdice mais o seu tempo, Demolidor, vou te dar uma grana para você pegar uma bebida para mim.

– Eu acho que você já tomou uma bebida – Tristan olhou para Eric de cima a baixo.

Eric fez que ia dar um soco nele, mas depois deixou para lá.

– Na verdade, você já tomou quatro bebidas – Tristan se corrigiu.

– Esta é uma festa particular. Menores de idade podem beber. Festa particular ou não, vão sssservir o que quer que seja, a quem quer que o velho Baines queira que seja sssservido. Ele compra todo mundo, sabia?

Gregory havia aprendido com o pai, pensou Tristan. – Então, tá – disse em voz alta. – O bar é logo ali – tentou ir embora, mas Eric se colocou bem na frente dele. – O problema é que eles não me deixam beber mais.

Tristan respirou fundo. – Eu preciso beber, Demolidor. E você precisa de grana.

– Eu não aceito gorjetas – disse Tristan.

Ele começou a rir. – Bem, talvez você não tenha conseguido nenhuma. Já percebi como está todo desajeitado para lá e para cá. Mas acho que, ssssssse te oferecessem, você pegaria.

– Sinto muito.

– Nós precisamos um do outro. Nós temos uma escolha. Podemos ajudar um ao outro ou machucar um ao outro – disse Eric.

Tristan não respondeu.

– Entende o que eu quero dizer, Demolidor?

– Eu entendo o que você quer dizer, mas não posso ajudá-lo.

Eric deu um passo para frente. Tristan deu um passo para trás. Eric deu outro passo à frente.

Tristan ficou tenso. O amigo de Gregory era peso-pena perto dele. Tinham a mesma altura, mas ele não era nem de longe do mesmo tamanho que Tristan. Mesmo assim, o cara estava bêbado e não tinha nada a perder – nada como uma bandeja cheia de legumes.

Tudo bem, pensou Tristan. Se tirasse o corpo rapidamente, Eric cairia de joelhos e daria com a cara no chão.

Mas Tristan não havia contado com um dos noivos passando por ali na mesma hora. Ao ver essa aproximação, pelo canto do olho, teve repentinamente de mudar de direção. Acabou esbarrando em Eric, que estava embriagado. Aipo e couve-flor, cogumelos e pimentões, brócolis e vagens foram arremessados para o lustre, e acabaram caindo em cima dos noivos.

E foi aí que ela olhou para ele. Ivy, a garota do *glitter*. Na mesma hora seus olhos se encontraram. Ela virou seus olhos redondos como tomate cereja para a direção de sua mãe. Tristan tinha certeza de que ela finalmente sabia da sua existência. Ele tinha também plena certeza de que ela nunca sairia com ele. Jamais.

– Talvez você esteja certa, Ivy – sussurrou Suzanne enquanto olhavam os legumes crus espalhados pelo salão. – Fora da água, Tristan é bem desajeitado.

O que ele estaria fazendo ali? – Ivy perguntou a si mesma. Por que não ficara na piscina, que era o seu lugar? Sabia que suas amigas ficariam totalmente convencidas de que ele a estava seguindo, e isso a deixava envergonhada.

Beth foi atrás delas, pisando em um tomate com seu salto alto. – Talvez seja assim que ele ganhe dinheiro – disse Beth, interpretando o rosto confuso de Ivy.

– Jogando brócolis na noiva? – Suzanne balançou a cabeça

negativamente.

– Aquele nadador lindinho está com ele também – continuou Beth. O seu cabelo tingido estava todo para cima, fazendo com que parecesse ainda mais com uma corujinha fofinha.

– Nenhum dos dois tem a mínima ideia da função de garçom – Suzanne percebeu. – Estão fazendo um bico – Ivy suspirou.

– Acho que Tristan está duro – disse Beth.

– Você está falando de dinheiro ou de amor por Ivy? – perguntou Suzanne, e as duas riram.

– Ah, dá um tempo, Ivy – disse Beth tocando suavemente em seus braços.

– É engraçado. Aposto que os olhos dele ficaram arregalados quando viu seu vestido – Suzanne arregalou os olhos e começou a cantarolar a música tema de *E o vento levou*.

Ivy riu. Sabia que parecia uma Scarlett O’ Hara coberta por *glitter*. Mas era o vestido que a sua mãe tinha escolhido especialmente para ela.

Suzanne não parava de cantarolar.

– Aposto que os olhos de Gregory se arregalaram quando ele viu o que você não está usando – disse Ivy à amiga, esperando que, assim, ela calasse a boca. Suzanne estava usando um vestido preto, decotado, superjusto.

– Eu espero que sim.

– E falando no diabo... – disse Beth. – Finalmente te achei, Ivy – o tom de Gregory era quase íntimo. Suzanne virou-se para ele, que pegou no braço de Ivy. – Nossa presença é aguardada na mesa principal.

De braços dados, Ivy seguiu com ele, desejando que fosse Suzanne em seu lugar. Sua mãe viu os dois se aproximarem, sorrindo para Ivy e seu vestido, que mais parecia um merengue de framboesa.

– Obrigada – disse Ivy quando Gregory puxou a cadeira para que se sentasse.

Ele sorriu para ela – o mesmo tipo de sorriso secreto que tinha visto pela primeira vez em uma competição de natação –, inclinou-se, seus lábios ficaram muito próximos do seu pescoço, e disse: – O prazer é meu, madame.

Ivy sentiu sua pele arrepiar-se. Ele está fazendo um joguinho, disse a si mesma. Jogue com ele. Desde a competição de natação, sempre a provocava e tentava ser amigo dela, e sabia que deveria dar a ele algum crédito por isso; mas preferia o velho e frio Gregory.

Ela tinha entendido completamente sua postura fria quando chegou na escola. Sabia que deveria ter sido um terrível choque quando ele descobriu que Maggie estava se mudando com sua prole do apartamento de Norwalk para um que seu pai havia alugado em Stonehill, e estava fazendo isso para iniciar os preparativos do casamento.

O romance de Andrew e Maggie começara há muitos anos. Mas romances eram romances, diziam as pessoas, e Andrew e sua mãe faziam um par romântico muito estranho: o presidente muito rico e distinto de uma faculdade e sua esposa cabeleireira. Quem iria imaginar que, anos depois do caso de amor deles, anos depois de Andrew ter se divorciado, ele e Maggie iriam oficializar o casamento?

Tinha sido um choque para Ivy. Seu pai havia morrido quando ela era criança. Ela havia crescido vendo a mãe ter um namorado atrás do outro, e pensou que seria sempre assim.

Ivy inclinou-se na mesa para dar uma olhada na mãe. Andrew olhou para ela e sorriu, em seguida deu uma cotovelada de leve em sua nova esposa. Maggie sorriu para Ivy. Ela estava tão feliz. Anjo do Amor, rezou Ivy silenciosamente, proteja a mamãe. Proteja a todos nós. Faça de nós uma família forte e amorosa.

– Será que eu preciso dizer que o seu *glitter* está caindo na sopa?

Ivy voltou-se para trás. Gregory sorriu e ofereceu um guardanapo a ela.

– Esse vestido ainda pode te meter em encrencas – provocou. –

Quase deixou Tristan Carruthers cego.

Ivy percebeu que estava corando. Ela queria mostrar para o Gregory que a culpa era do Eric, e não... – Coitadas das pessoas que serão servidas por ele hoje à noite. Ele e aquele outro atleta – disse Gregory, ainda sorrindo. – Espero que não sejamos nós.

Os dois deram uma olhada pelo salão.

Eu também, pensou Ivy, eu também.

Um pouco depois da chuva de legumes, o *maître* disse a Tristan que podia ir embora, e seria melhor que saísse de lá imediatamente. Cansado e humilhado, teria adorado partir, mas tinha prometido dar uma carona para Gary. Então, ficou perambulando pela cozinha até encontrar um depósito em que pudesse se esconder.

Estava escuro e tranquilo por lá, as prateleiras estavam cheias de caixas e enlatados. Tristan tinha acabado de se acomodar em uma caixa de papelão quando ouviu um ruído atrás dele. Ratos, pensou, ou ratazanas. Não estava nem aí. Tentou consolar-se, imaginando-se no alto de um pódio, ganhando o primeiro lugar, a bandeira dos Estados Unidos sendo hasteada ao som do hino nacional, e Ivy assistindo a tudo pela TV, triste por ter perdido a chance de ter saído com ele um dia.

– Sou um idiota – disse, segurando a cabeça com as mãos. – Poderia ter qualquer garota que quisesse e...

Sentiu uma mão encostar suavemente em seu ombro.

Tristan olhou para cima e viu um garoto pálido, de rosto triangular. O garoto, que parecia ter 8 anos, estava todo arrumado, o nó da gravata bem feito, e o cabelo todo cheio de gel. Devia ser um dos convidados do casamento.

– O que você está fazendo aqui? – Tristan quis saber.

– Será que você conseguiria arrumar um pouco de comida para mim? – perguntou o garoto.

Tristan franziu a testa, irritado por ter de dividir seu esconderijo, um lugar aconchegante para ficar chorando as mágoas por causa de Ivy.

– Por que você mesmo não pega a sua comida?

– Eles vão me ver – disse o garoto.

– Mas eles também vão me ver!

O garoto fez uma cara de desapontamento. Seus olhos mostravam insegurança e havia uma ruga no meio das suas sobrancelhas.

Tristan usou um tom mais gentil. – Parece que eu e você estamos na mesma situação: nos escondendo.

– Estou com muita fome. Não tomei café da manhã e nem almocei – disse o garoto.

Pela fresta da porta, Tristan via os outros garçons entrando e saindo. O jantar começava a ser servido.

– Pode ser que tenha algo no meu bolso – disse ao garoto, tirando do bolso um croquete de caranguejo amassado, alguns camarões, três pedaços de aipo recheados, um punhado de castanhas e um alimento não identificado.

– Isso aí é sushi? – perguntou o garoto.

– Agora você me pegou. Tudo isso aí caiu no chão e eu coloquei no meu bolso, e sei lá por onde é que esse casaco andou, pois é alugado.

O garoto concordou com a cabeça e ficou examinando as opções que Tristan havia lhe oferecido. – Gosto de camarão – disse, pegando um finalmente, cuspiando nele e depois limpando-o com os dedos. Fez isso com cada camarão que pegou, fez o mesmo com o croquete de camarão e também com o aipo. Tristan ficou imaginando se ele iria cuspir em cada pedacinho de castanha. Perguntou-se qual teria sido o problema daquela criança para ela ter ficado o dia inteiro sem comer, escondida dentro de um quarto escuro.

– Então – disse Tristan. – Acho que você não deve gostar muito de casamento, não é?

O garoto olhou para ele. Depois, deu uma mordida no alimento não identificado.

– Você tem nome, garoto?

– Sim.

– O meu nome é Tristan. Qual é o seu?

O garoto deixou de lado a entrada não identificada e partiu para as castanhas. – O que eu queria mesmo era jantar – disse. – Estou com muita fome.

Tristan olhou pela fresta. Os garçons entravam e saíam apressadamente da cozinha. – Há muita gente lá – disse.

– Você se meteu em encrencas? – perguntou o garoto.

– Uma encrenquinha. Nada sério. E você?

– Ainda não – disse o garoto.

– Mas você vai se meter?

– Assim que me encontrarem.

Tristan fez que sim com a cabeça. – Acho que você já percebeu que não pode ficar aqui para sempre.

O garoto semicerrou os olhos e começou a examinar as prateleiras do quarto escuro, como se estivesse considerando seriamente ficar por lá.

Tristan, gentilmente, colocou a mão no braço do garoto. – Qual é o seu problema, amigão? Quer falar sobre isso?

– Gostaria mesmo de jantar – disse o garoto.

– Está bem, está bem! – disse Tristan, irritado.

– E também gostaria de sobremesa.

– Você vai comer aquilo que eu conseguir pegar – repreendeu Tristan.

– Tudo bem – respondeu o garoto de maneira obediente.

Tristan suspirou. – Não liga para mim. Estou de mau humor.

– Eu não ligo – disse o garoto suavemente.

– Veja, amigão – disse Tristan. – Só um garçom na cozinha e um monte de comida. Você vem comigo? Ótimo! Lá vão eles. Invasores, aos seus lugares, preparar...

– Onde está o Philip? – perguntou Ivy.

Os convidados já estavam no meio do jantar quando ela percebeu

que o seu irmão não estava sentado onde deveria estar. – Vocês viram o Philip? – disse, levantando-se do seu lugar.

Gregory fez com que ela se sentasse de novo. – Eu não me preocuparia, Ivy. Provavelmente ele está fazendo bagunça por aí.

– Mas ele não comeu nada o dia todo.

– Sendo assim, ele está na cozinha – disse Gregory simplesmente.

Gregory não entendia. Seu irmãozinho estava ameaçando fugir de casa há semanas. Ela tinha tentado explicar a Philip o que estava acontecendo e como seria bom eles se mudarem para uma casa grande com uma quadra de tênis e vista para o rio, além de terem um irmão mais velho como o Gregory. Ele não acreditou em nada do que ela disse. Na verdade, nem mesmo Ivy acreditava.

Ela empurrou a cadeira, rápido demais para que Gregory pudesse interrompê-la, e correu para cozinha.

– Vai fundo! – disse Tristan. Na caixa que estava no meio deles havia uma enorme quantidade de comida – filé-mignon grelhado, camarão, vários tipos de legumes, saladas e pãezinhos de manteiga.

– Isso é bom demais! – disse o garoto.

– Bom demais? É um banquete! – disse Tristan. – Coma! Vamos precisar ser fortes para conseguir pegar a sobremesa.

O garoto deu um sorrisinho que logo desapareceu.

– Quem meteu você em encrencas? – o garoto quis saber.

Tristan terminou de mastigar e disse: – O *maître, monsieur* Pompideau. Estava trabalhando para ele e derramei algumas coisas. Sabe como é, deixei as calças de algumas pessoas molhadas – o garoto sorriu de novo, dessa vez o sorriso foi maior.

– Você molhou as calças do Sr. Lever?

– Deveria ter feito isso? – Tristan perguntou.

O garoto fez que sim com a cabeça e seu rosto brilhou ao imaginar a cena.

– Bem, de qualquer forma, Pompideau falou que eu deveria servir coisas que não derramassem. Imagine só que coisa!

– Sabe o que teria dito para ele? – disse o garoto. A ruga na sua sobrancelha tinha desaparecido, estava engolindo a comida e falando com a boca cheia. Parecia muito melhor do que estava há 15 minutos. – Teria dito: Vá servir na sua orelha!

– Boa ideia! – disse Tristan, pegando um pedaço de aipo. – Vá servir na sua orelha, Pompideau!

O garoto morreu de rir e Tristan quebrou o aipo ao meio.

– Vá servir na sua outra orelha, Pompideau! – disse o garoto.

Tristan pegou outro pedaço de aipo.

– Vá servir no seu cabelo, Diptidu! – gritou o garoto, deixando-se levar pela brincadeira.

Tristan pegou um pouco de salada e jogou na cabeça. Só então percebeu que a salada tinha molho de vinagrete.

O garoto jogou a cabeça para trás de tanto rir. – Vá servir no seu nariz, Dubidu!

Bem, por quê não? – pensou Tristan. Ele já tinha tido oito anos uma vez, e ainda se lembrava o quanto os garotos gostavam de caretas e melecas de nariz. Pegou dois camarões e colocou cada um deles nas suas narinas, deixando os rabinhos cor-de-rosa de fora.

O garoto quase caiu da caixa de tanto rir. – Vá servir nos seus dentes, Dubidu!

Colocou duas azeitonas pretas em cada um dos seus incisivos. – Vá servir no...

Tristan estava tão concentrado arrumando o aipo e os rabinhos de camarão que não percebeu que a fresta da porta estava maior. Não viu quando o rosto do garoto se transformou. – Vai servir onde, Dubidu?

Foi, então, que Tristan olhou para cima.



Capítulo 3



Ivy ficou paralisada. Surpreendeu-se ao ver Tristan com aipos enfiados nas orelhas, salada espalhada pelo cabelo, e uma coisa preta e estranha em seus dentes, e – por mais difícil que fosse acreditar que alguém com mais de oito anos pudesse fazer uma coisa dessas – rabinhos de camarão enfiados nas narinas.

Tristan ficou tão paralisado quanto ela.

– Eu estou encrencado? – perguntou Philip.

– Acho que eu estou – disse Tristan suavemente.

– Você deveria estar no salão de festas, jantando conosco – disse Ivy a Philip.

– Nós estamos jantando aqui. Este é o nosso banquete!

Ela olhou para a enorme quantidade de comida nos pratos em cima da caixa no meio deles, e enrugou o canto da boca.

– Por favor, Ivy, a mamãe disse que podíamos trazer qualquer amigo que quiséssemos para o casamento.

– E você disse a ela que não tinha nenhum amigo, lembra-se? Você disse que não tinha nenhum amigo em Stonehill.

– Agora eu tenho.

Ivy olhou para Tristan. Ele foi sensato o suficiente para não olhar para ela, concentrando-se em retirar o aipo, o camarão e as azeitonas amassadas do seu corpo, deixando em cima da caixa à sua frente. Nojento!

– *Mademoiselle!*

– É o Dubidu! – gritou Philip – Feche a porta! Por favor, Ivy!

Contrariando sua própria vontade, ela fechou. Por mais estranho que parecesse, seu irmão nunca estivera tão feliz nas últimas semanas. De costas para o depósito, Ivy olhou para o *maître*.

– Há algo errado, *mademoiselle*?

– Não, senhor.

– *Très certaine*?

– *Très* – respondeu, pegando no braço de Pompideau e caminhando com ele para fora da cozinha.

– Bem, estão esperando por *mademoiselle* no salão de festas – *mademoiselle* disse, secamente. – Chegou a hora do brinde. Todos estão esperando.

Ivy foi correndo para o salão. Estavam mesmo esperando por ela, e todos perceberam quando entrou. Ivy corou ao atravessar o salão. Gregory puxou-a para perto de si, rindo. Depois, entregou-lhe uma taça de champanhe.

Um amigo de Andrew fez o brinde. Ele falou, falou e falou.

– Saúde! – todos os convidados disseram finalmente.

– Saúde, irmãzinha! – disse Gregory bebendo todo o champanhe da sua taça e pegando outra.

Ivy deu apenas um golinho em seu champanhe.

– Saúde, irmãzinha! – disse novamente em voz baixa e macia, seus olhos queimando como fogo. Bateu sua taça na dela e tomou todo o champanhe de uma vez.

Então, puxou Ivy para mais perto, tão perto que não conseguia respirar, e beijou-a violentamente na boca.

Ivy sentou-se ao piano, encarando a partitura que tinha aberto há cinco minutos, colocando suavemente uma das mãos em seus lábios. Tirou a mão e começou a dedilhar as teclas amareladas, correndo os dedos por elas, tocando alguns trechos um tanto fora do tom. Depois, passou a língua em cima dos lábios. Não estavam machucados; ela só estava imaginando coisas.

Mesmo assim, estava feliz por ter convencido sua mãe a deixar que ela e Philip ficassem no apartamento até que voltasse da lua de mel. Seis dias sozinha com Gregory naquela casa imensa no alto da montanha era demais para ela, especialmente com essa atitude de

Philip.

Philip, que no pequeno apartamento de Norwalk tinha colocado cortinas velhas ao redor da cama porque queria ficar longe das “garotas”, há duas semanas vinha implorando para dormir com ela. Uma noite antes do casamento, ela o deixou levar o saco de dormir para seu quarto e acabou acordando com Ella, a gata, e Philip em cima de sua cama. Depois daquele dia longo do casamento, provavelmente iria deixá-lo dormir com ela novamente.

Ele estava no chão atrás dela, brincando com suas figurinhas de jogadores de beisebol, montando um time dos sonhos com as figurinhas espalhadas pelo tapete. Como sempre, Ella queria se espreguiçar bem no meio do campo. O lançador do time ia para cima e para baixo na sua barriga preta. De vez em quando, Philip deixava escapar frases do tipo: “E a bola voou para o centro do campo”, depois pegava a figurinha de Don Mattingly e o fazia correr por todas as bases até marcar um *home-run*.

Não devia deixá-lo ficar acordado até tarde, pensou Ivy. Mas ela mesma não conseguia dormir, estava feliz por ter companhia. Além disso, Philip tinha comido tanto na festa e experimentado tantos doces – graças a Tristan – que provavelmente ia acabar vomitando no saco de dormir. E lençóis limpos, como quase todo o resto no apartamento, estavam embalados.

– Já tomei minha decisão, Ivy – disse Philip subitamente. – Não vou me mudar.

– O quê? – virou-se no banco do piano para ficar na frente dele.

– Vou ficar aqui. Você e Ella querem ficar comigo?

– E a mamãe?

– Ela pode ser a mãe do Gregory agora – disse Philip.

Ivy recuou, da mesma forma que recuava toda vez que sua mãe mencionava algo sobre Gregory. Maggie era uma pessoa amorosa e carinhosa, e estava tentando, um pouquinho demais. Não fazia ideia do quanto Gregory a achava ridícula.

– A mamãe sempre vai ser a nossa mãe, e nesse momento ela precisa de nós.

– Tudo bem. Você e ela podem ir. Eu vou convidar o Tristan para morar comigo.

– Tristan!

Ele concordou, depois disse a si mesmo em voz baixa: “E lá vai o batedor. Parece que um empate vem por aí!”.

Aparentemente, ele já havia feito a sua cabeça de oito anos e não imaginava que o assunto precisasse ainda ser discutido. Estava brincando e tão contente. Era estranho, mas tinha voltado a brincar depois de ter se divertido com Tristan.

O que será que Tristan disse a Philip de tão útil? Talvez nada, pensou Ivy. Talvez, em vez de ter passado as últimas três semanas tentando explicar os motivos do casamento de sua mãe, tudo o que devia ter feito era enfiar camarões no nariz.

– Philip – disse incisivamente.

Ele não ia querer falar com ela até que o empate acontecesse.

– Ah?

– O Tristan falou alguma coisa sobre mim?

– Sobre você? – ele pensou um pouco. – Não.

– Ah – não que eu me importe, disse a si mesma.

– Você o conhece? – perguntou Philip.

– Não. É que só pensei que, talvez, depois de eu ter encontrado vocês no depósito, ele tivesse dito algo sobre mim.

Philip franziu a sobrancelha. – Ah, sim. Ele perguntou se você gostava mesmo de usar vestidos cor-de-rosa como aquele, e se realmente acreditava em anjos. Falei a ele sobre sua coleção de estatuetas.

– O que você falou a ele sobre o meu vestido?

– Disse que gostava.

– Disse?

– Você falou para a mamãe que achou o vestido bonito.

E sua mãe tinha acreditado. Por que Philip não acreditaria?

– O Tristan falou por que estava trabalhando lá, hoje?

– Sim.

A jogada tinha terminado. Philip agora montava uma nova estratégia de defesa.

– Então, por quê? – perguntou Ivy, intrigada.

– Ele precisa ganhar dinheiro para as competições de natação. Ele é nadador, Ivy. Viaja para outros Estados para nadar. Precisa ir de avião, não me lembro para onde.

Ivy concordou com a cabeça. É claro! Tristan estava mesmo duro, apenas tentando ganhar uns trocados. Devia parar de dar ouvidos a Suzanne.

Philip levantou-se de repente. – Ivy, não me obrigue a ir aquele casarão. Não me obrigue a ir. Eu não quero jantar com ele!

Ivy aproximou-se de seu irmão. – Coisas novas parecem assustadoras – tranquilizou-o. – Mas Andrew sempre foi bom com você, desde o começo. Lembra-se de quem te comprou a figurinha do Don Mattingly?

– Eu não quero jantar com o Gregory.

Ela não sabia o que dizer para ele.

Philip ficou de pé, ao seu lado, movendo silenciosamente os dedos sobre as teclas do piano. Quando ele era mais novo, costumava fazer isso cantando a canção que estava tocando.

– Preciso de um abraço – disse Ivy. – Você pode me dar um?

Philip deu-lhe um abraço nada entusiasmado.

– Vamos fazer nosso dueto, está bem?

Ele deu de ombros. Tocaram juntos, mas a felicidade que tinha demonstrado um pouco antes já desaparecera. Mal haviam começado a tocar quando ele bateu com força as mãos no piano. E bateu e bateu e bateu e bateu.

– Não vou! Não vou! Não vou!

– Philip caiu no choro, e Ivy o trouxe para perto de si, deixando-o

chorar em seus braços. Quando seus soluços pareciam quase cessar, ela disse: – Você está cansado, Philip. Você está só cansado – mas sabia que era mais do que isso.

Começou a tocar suas canções prediletas assim que ele se aconchegou em seu corpo, depois mudou seu repertório para canções de ninar. Ele logo ficou sonolento, mas era muito grande para que pudesse carregá-lo para cama.

– Venha – disse, ajudando-o a sair do banquinho. Ela seguiu os dois até o quarto.

– Ivy.

– Sim?

– Você me empresta um dos seus anjos hoje?

– Claro. Qual deles?

– Tony.

Tony era castanho escuro, esculpido em madeira, era o anjo paternal de Ivy. Colocou Tony ao lado do saco de dormir junto com a figurinha de Don Mattingly. Então, ele entrou no saco e ela fechou o zíper.

– Você quer rezar para os anjos? – ela perguntou.

Disseram juntos: – Anjos de luz, anjos queridos, cuidem de nós. Cuidem de quem mais fica comigo.

– Essa pessoa é você, Ivy – disse Philip, fechando os olhos.



Capítulo 4



A semana que se seguiu ao casamento passou voando, um dia atrás do outro, marcados apenas pelas frustrantes discussões com Philip. Suzanne e Beth não paravam de brincar com ela, provocando-a por andar tão distraída, porém estavam mais gentis do que de costume. Gregory passou por ela pelos corredores uma ou duas vezes e fez piadinhas sobre estar arrumando seu quarto para sexta-feira. Tristan não passou por ela naquela semana – não que ela tenha percebido.

Todo mundo na escola já sabia sobre o casamento da sua mãe com Andrew. Fotos do casamento apareceram em todos os jornais locais e até no *New York Times*. Ivy não ficou surpresa, pois Andrew estava sempre nos jornais, mas era estranho ver sua mãe no jornal.

A manhã de sexta-feira finalmente chegou, e Ivy tirou o seu carro enferrujado da garagem do apartamento, sentindo uma súbita saudade de cada casa alugada, pequena, barulhenta e dilapidada em que sua família já tinha morado. Ao voltar da escola naquela tarde, entraria em uma garagem diferente, uma garagem que ficava no alto de uma montanha, bem longe da estação de trem e do rio. A estrada que levava até a casa tinha um muro baixo feito de pedras, cheio de folhagens, narcisos e loureiros. Folhagens, narcisos e loureiros de Andrew.

Naquela tarde, Ivy pegou Philip na escola. Ele já tinha desistido de brigar e acompanhou-a em silêncio. Na metade do caminho, Ivy ouviu o barulho de uma motocicleta, fazendo uma curva lá no alto e descendo a estrada a toda velocidade. De repente, deu de cara com o motoqueiro. Desviou para a direita o máximo que pôde. Mesmo assim, ele veio em frente. Ivy pisou com tudo no breque. O

motociclista fez um desvio perigoso e depois aumentou a velocidade.

Philip olhou para trás, mas não fez nenhum comentário. Ivy olhou pelo espelho retrovisor. Devia ser Eric Ghent. Tinha esperanças de que Gregory estivesse com ele.

Mas Gregory estava esperando por eles em casa, junto com Andrew e sua mãe, que tinham acabado de voltar da lua de mel. Sua mãe os cumprimentou, distribuindo abraços e beijos cheios de batom. Ivy percebeu que ela tinha mudado o perfume. Andrew pegou as duas mãos de Ivy. Ele era bem esperto para sorrir para Philip sem se aproximar muito. Então, Ivy e Philip foram entregues a Gregory.

– Sou o seu guia turístico – disse. Inclinou-se para Philip e avisou – Fique próximo. Alguns desses quartos são assombrados.

Philip correu os olhos pela casa e depois buscou o olhar de Ivy.

– Ele só está brincando.

– Não estou, não – disse Gregory. – Algumas pessoas que moravam aqui foram muito infelizes.

Philip olhou de novo para Ivy. Ela balançou a cabeça negativamente.

Do lado de fora da casa, havia uma parede branca majestosa e pesadas persianas pretas. De cada lado da estrutura principal havia casas. Ivy gostaria de morar em uma delas, com seus tetos inclinados e suas janelas abobadadas.

Na parte principal da casa, havia cômodos com pé-direito bem alto; pareciam maiores do que alguns dos apartamentos em que já haviam morado. O *hall* e a escada central da casa separavam a sala de estar, a biblioteca, a varanda da sala de jantar, a cozinha e a sala de televisão. Atrás da sala de televisão havia uma galeria que levava à ala central da casa e ao escritório de Andrew.

Como sua mãe e Andrew estavam conversando no escritório, o *tour* pelo andar de baixo da casa acabou na galeria, em frente a três retratos: Adam Baines, aquele que havia investido em mineração, com uma cara austera em seu uniforme da Primeira Guerra Mundial;

o juiz Andy Baines, de toga; e Andrew, vestido casualmente como um professor universitário. Ao lado de Andrew havia um espaço em branco na parede.

– A foto de quem será pendurada ali? Você deve estar se perguntando – disse Gregory, secamente. Ele sorriu, mas o cinza dos seus olhos mostrava um olhar assombrado. Por um momento, Ivy sentiu pena dele. Como se o filho único de Andrew fosse muito pressionado a ser bem-sucedido.

– É a sua foto que vai ficar pendurada lá – disse suavemente.

Gregory olhou em seus olhos e depois riu. Um riso marcado pela amargura.

– Vamos lá para cima – disse, segurando na mão dela e levando-a para a escada de trás que dava para o quarto dele. Philip os seguiu sem dizer nada.

O quarto de Gregory era grande e tinha só uma coisa em comum com o quarto dos outros garotos – uma camada arqueológica de cuecas e meias usadas. Fora isso, era possível ver que ali tinha dinheiro e bom gosto: cadeiras de couro e mesas de vidro, uma escrivaninha e um computador, e um completo centro de entretenimento. Nas paredes, havia vários quadros com formas geométricas impressionantes. No centro do quarto, havia uma cama d'água de tamanho *king size*.

– Experimente – provocou Gregory.

Ivy abaixou-se e sacudiu a cama com a mão.

Ele riu. – Você está com medo de quê? Venha, Phil – ninguém o chama de Phil, pensou Ivy. – Mostre para sua irmã como se faz. Suba e role na cama.

– Eu não quero – disse Philip.

– Claro que quer – Gregory sorria, mas seu tom era ameaçador.

– Não – disse Philip.

– É muito divertido – Gregory pegou Philip pelos ombros e o forçou a se aproximar da cama.

Philip resistiu, mas acabou tropeçando e caindo nela. Na mesma hora, levantou-se. – Odiei – gritou.

Gregory fez cara de aborrecido.

Ivy decidiu sentar-se na cama. – É divertido – disse. Balançou na cama lentamente. – Venha comigo, Philip – mas ele tinha saído do quarto.

– Deite nela, Ivy – provocou Gregory, usando um tom baixo e suave. Ela deitou e ele se deitou ao seu lado.

– É melhor eu começar a desarrumar as malas – disse Ivy, sentando-se rapidamente.

Caminharam por uma passagem de pé-direito baixo que ficava bem acima da galeria, em uma parte da casa principal onde estavam os quartos dela e de Philip.

A porta do quarto dela estava fechada e, quando a abriu, Philip entrou correndo com Ella, que foi logo se espreguiçando esplendorosamente na cama de Ivy. – Ah não! – resmungou silenciosamente ao olhar para o quarto elaboradamente decorado. Temia o pior quando sua mãe disse que estava preparando uma grande surpresa. O que viu foi uma imensidão de laços e madeira branca com acabamento dourado, além de uma cama com dossel. – Móvel de princesa – resmungou em voz alta.

Gregory sorriu.

– Pelo menos Ella está se sentindo em casa. Sempre se achou uma rainha. Você gosta de gatos, Gregory?

– Claro – disse, sentando-se na cama ao lado de Ella, que rapidamente se levantou, indo para o outro lado da cama.

Gregory mostrou-se irritado.

– Já disse que Ella é uma rainha – disse Ivy. – Bem, obrigada pelo *tour*. Tenho um monte de coisas para arrumar.

Mas Gregory ficou na cama. – Esse era o meu quarto quando era criança.

– Ah!

Ivy tirou várias roupas da mala e abriu a porta que pensava ser do armário. Em vez disso, deu de cara com uma escada.

– Essa era a minha escada secreta – disse Gregory.

Ivy deu uma olhada na escuridão.

– Costumava me esconder no sótão quando meu pai e minha mãe brigavam. O que era algo que acontecia todo dia – disse Gregory. – Você já viu a minha mãe? Deve ter visto; ela ia sempre arrumar o cabelo.

– No salão de beleza?

– Sim – respondeu Ivy, abrindo a porta do armário.

– Mulher maravilhosa, não é mesmo? – suas palavras estavam cheias de sarcasmo. – Ama todo mundo. Nunca pensa em si mesma.

– Eu era muito nova quando a conheci.

– Eu também.

– Gregory, faz tempo que quero conversar sobre isso. Eu sei que deve ser difícil para você ver minha mãe se mudando para o quarto da sua mãe, tendo de aceitar Philip e eu ocupando um espaço que antes era só seu. Eu não o culpo por...

– Por estar feliz por vocês estarem aqui? – interrompeu Gregory. – Estou. Estou contando com você e Philip para que o meu velho continue se comportando bem. Ele sabe que os outros estão prestando atenção nele e na sua nova família. Agora, ele tem de dar uma de papai bonzinho e carinhoso. Deixe-me ajudá-la com isso.

Ivy pegou sua caixa de anjos.

– Não precisa Gregory. Posso fazer isso sozinha.

Ele pegou um canivete no bolso e tirou a fita da caixa. – O que tem aí dentro?

– Os anjos da Ivy – disse Philip.

– O garoto fala! – Philip apertou os lábios.

– Logo você não vai conseguir fazê-lo ficar de boca fechada – disse Ivy. Então, abriu a caixa e começou a pegar suas estatuetas embrulhadas cuidadosamente.

Tony foi o primeiro. Depois, um anjo esculpido em pedra, com um leve toque de cinza. Depois seu favorito, o seu anjo das águas, uma figura frágil de porcelana, pintado com uma mistura de azul e verde. Gregory ficou olhando enquanto ela desembulhava as 15 estatuetas e as colocava em uma prateleira. O brilho dos seus olhos mostrava que estava se divertindo com aquilo.

– Você não leva isso a sério, leva?

– O que você quer dizer com “a sério”? – ela perguntou.

– Você não acredita mesmo em anjos.

– Acredito – disse Ivy.

Ele pegou o anjo das águas e brincou de aviãozinho com ele pelo quarto.

– Solte-o! – gritou Philip. – É o predileto de Ivy.

Gregory o colocou de bruços em um travesseiro.

– Você é malvado!

– Ele só está brincando, Philip – disse Ivy pegando seu anjo calmamente.

Gregory deitou-se na cama. – Você reza para eles? – perguntou.

– Sim. Para os anjos, não para as estatuetas – explicou.

– E quais são as coisas maravilhosas que eles fizeram por você? Já fizeram Tristan se apaixonar por você?

Ivy ficou surpresa com seu comentário. – Não. Mas eu nunca rezei por isso.

Gregory deu uma risadinha.

– Você conhece Tristan? – disse Philip.

– Desde a primeira série – respondeu Gregory. Depois, preguiçosamente esticou o braço em direção à gata. Ella fugiu dele. – Ele era o garoto bonzinho do meu time de beisebol – disse Gregory, esticando-se para alcançar Ella, que se levantou na mesma hora e foi para outro lado da cama. – Ele era o garoto bonzinho do time de qualquer pessoa – disse Gregory, tentando pegar Ella novamente.

A gata reclamou. Ivy viu o rosto de Gregory ficar vermelho.

– Não leve para o lado pessoal, Gregory – disse Ivy. – Deixe Ella ficar por aí por enquanto. Os gatos sempre se fazem de difíceis.

– Assim como algumas garotas que eu conheço. Venha aqui, garota – esticou a mão em direção a Ella e a gata levantou a pata rapidamente, mostrando suas garras.

– Deixe que Ella venha até você – aconselhou Ivy.

Mas Gregory pegou a gata pela nuca e a levantou.

– Não faça isso – gritou Ivy.

Ele colocou a outra mão embaixo da barriga dela. Ella deu uma mordida forte em seu punho. – Droga! – disse, jogando Ella do outro lado do quarto.

Philip correu para pegar a gata, que correu para Ivy. Ivy pegou-a no colo. A cauda de Ella balançava para lá e para cá; estava mais brava do que magoada. Gregory ficou observando-a, ainda estava com um rosto bem vermelho.

– Ella é uma gata de rua – disse Ivy, controlando-se para manter a calma. Quando a encontrei, era só uma bolinha de pelo, escondida em uma parede de tijolos, tentando sobreviver dentro de um grande tambor rasgado. Tentei te avisar. Você não pode se aproximar dela dessa maneira. Ella não confia facilmente nas pessoas.

– Talvez você devesse ensiná-la a confiar – disse Gregory. – Você confia em mim, não confia? – disse, abrindo mais um de seus estranhos sorrisos indagadores.

Ivy colocou Ella no chão. A gata acomodou-se embaixo da cadeira e ficou olhando para Gregory com raiva. Assim que ouviu passos na escada, escondeu-se embaixo da cama.

Andrew apareceu no corredor. – Como vão as coisas? – perguntou.

– Tudo bem – mentiu Ivy.

– Tudo mal – disse Philip.

Andrew piscou, depois balançou a cabeça graciosamente. – Bem, então, precisamos melhorar as coisas. Você acha que dá? – Philip ficou olhando para ele.

Andrew virou-se para Ivy. – Você já abriu essa porta? Ivy viu que ele estava olhando para a passagem secreta de Gregory. – O interruptor de luz fica do lado esquerdo, disse Andrew.

Aparentemente, parecia que ele queria que ela fosse ver o que tinha lá. Ivy abriu a porta e acendeu a luz. Philip, com a curiosidade à flor da pele, passou por debaixo do braço dela e subiu as escadas.

– Uau! – gritou lá de cima. – Uau!

Ivy olhou para Andrew ao ouvir a voz animada de Philip, o rosto dele iluminou-se de prazer. Gregory ficou o tempo todo olhando pela janela.

– Ivy, venha ver! Ivy subiu as escadas apressadamente. Esperava ver um Nintendo, ou os Power Rangers ou talvez um boneco de tamanho real do Don Mattingly. Em vez disso, o que viu foi um piano de cauda, um CD player e um toca-fitas, dois armários repletos de suas partituras e a capa de um álbum com o rosto da Ella Fitzgerald estava pendurada na parede. Todos os discos de *jazz* do seu pai também estavam lá, ao lado de uma vitrola de cerejeira.

– Se estiver faltando alguma coisa... – Andrew começou a dizer. Ele estava bem ao lado dela, ofegante após subir as escadas, esperançoso. Gregory tinha ido até a metade do caminho, apenas o suficiente para ver. – Obrigada – foi tudo o que Ivy conseguiu dizer. – Obrigada!

– Isso é maneiro, Ivy – disse Philip.

– E é para nós três usufruirmos – ela disse a ele, feliz por estar tão animado que nem se lembrou de retribuir com uma careta. Então, virou-se para falar com Gregory, mas ele já tinha saído de lá.

O jantar naquela noite parecia interminável. Depois dos exagerados presentes de Andrew: a sala de música para Ivy e uma brinquedoteca completa para Philip, sentia-se ao mesmo tempo impressionada e constrangida. Como Philip estava ficando mal-humorado novamente, pois tinha decidido que não ia falar durante o jantar – Talvez eu nunca mais fale – disse a Ivy, fazendo um bico – era ela quem tinha de

expressar a gratidão dos dois a Andrew. Entretanto, ao fazer isso, sentia-se andando em uma corda bamba: quando Andrew perguntou pela segunda vez se havia algo mais que ela e Philip queriam, percebeu a tensão nas mãos de Gregory. Quando estavam no meio da sobremesa, Suzanne telefonou. Ivy cometeu o erro de atender a ligação no corredor do lado de fora da sala de jantar. Suzanne esperava ser convidada para ir até a casa dela naquela noite. Ivy disse que era melhor que fosse no dia seguinte.

– Mas eu estou toda vestida! – reclamou Suzanne.

– É claro que você está. São apenas 19h30.

– Eu quis dizer que estou vestida para te visitar.

– Puxa, Suzanne – disse Ivy, fazendo-se de boba. – Você não tem de vestir nada especial para me visitar.

– O que o Gregory vai fazer hoje à noite?

– Não sei. Não perguntei a ele.

– Então descubra! Descubra o nome dela e onde ela mora – ordenou Suzanne. – E o que ela está vestindo e aonde é que eles vão. Se você não a conhecer, descubra quem é. Eu sei que ele tem um encontro – choramingou. – Ele deve ter!

Ivy já esperava por isso. Mas estava tão cansada da infantilidade de Philip e de Gregory que não tinha mais vontade de ouvir a choradeira de Suzanne. – Eu tenho de desligar agora.

– Eu vou morrer se for a Twinkie Hammonds. Você acha que é a Twinkie Hammonds?

– Eu não sei. O Gregory não me falou. Viu? Tenho de desligar.

– Ivy, espere! Você ainda não me contou nada.

Ivy suspirou. – Amanhã vou almoçar no meu horário de sempre. Ligue para Beth e me encontre no Shopping Center, tudo bem?

– Tudo bem, mas Ivy...

– Agora tenho de desligar – disse Ivy. – Ou então vou perder a chance de me esconder no porta-malas do Gregory – disse, desligando o telefone.

– E aí? Como vai a Suzanne? – perguntou Gregory, apoiando-se no batente da porta que dava para a sala de jantar. Estava sorrindo e com a cabeça erguida.

– Vai bem.

– Quais são os planos dela para hoje à noite?

Ao ver a sua expressão zombeteira, entendeu que ele tinha ouvido toda a conversa, e estava só provocando, não tinha interesse em saber quais eram os planos de Suzanne.

– Eu não perguntei a ela e ela não me contou. Mas se vocês dois quiserem conversar sobre isso um com o outro...

Ele riu, depois tocou na ponta do nariz de Ivy. – Engraçadinha – disse. – Espero que tenha vindo para ficar.



Capítulo 5



Era um alívio ir trabalhar no sábado de manhã e voltar a pisar em território conhecido. O Shopping Center Green Tree ficava na cidade vizinha, mas todos os adolescentes da região costumavam passear por lá. A maioria observava as vitrines e se reunia na praça de alimentação. A loja 'TIS The Season, em que Ivy trabalhava há um ano e meio, ficava bem na frente da praça de alimentação.

As donas da loja eram duas irmãs de meia-idade, e a variedade de fantasias, decorações, descartáveis de papel e adereços era tão excêntrica quanto o próprio estilo das proprietárias. Lillian e Betty raramente devolviam mercadorias, por isso sua loja parecia uma mistura de estações do ano, bem como festas e festividades reunidas em um pequeno canto do mundo. Fantasias de vampiros ficavam ao lado de estrelas e faixas; artigos de páscoa eram colocados na mesma prateleira em que estavam miniaturas de menorás judaicas de plástico, perus feitos de pinha e orelhas imitando os personagens do seriado *Jornada nas Estrelas*.

Um pouco antes da uma hora, enquanto esperava por Suzanne e Beth, Ivy resolveu dar uma olhada nos pedidos daquele dia. Como sempre, estavam todos rascunhados em pedaços de papel grudados na parede. Ivy leu um dos pedidos duas vezes, depois pegou-o na mão. Não podia ser, pensou. Não podia ser. Talvez houvesse duas pessoas com o mesmo nome. Duas pessoas chamadas Tristan Carruthers.

– Lillian, o que significa isso? “Para retirar: B. BAL. AZ. e 25 DESC”.

Lillian semicerrou os olhos para ler o papel. Usava óculos bifocais, que geralmente ficavam em seu peito, servindo de colar.

– Bem, significa 25 descartáveis – pratos, guardanapos e copos, você sabe disso. Ah, sim, para Tristan Carruthers – um pedido para a equipe de natação. Uma bexiga de baleia azul. Eu já aprontei tudo. Ele ligou para saber se estava pronto hoje de manhã.

– O senhor Carruthers telefonou?

Lillian colocou os óculos, ajustando-os em seu nariz, e olhou seriamente para Ivy. – Senhor Carruthers? Ele não chamou você de senhorita Lyons – disse.

– Por que ele me chamaria de alguma coisa? – Ivy pensou em voz alta. – Quer dizer, por que ele mencionou o meu nome?

– Ele perguntou sobre o seu horário de trabalho e disse a ele que você almoça entre 13 horas e 13h45, mas que no restante do dia fica aqui até às 18 horas – ela sorriu para Ivy. – E eu falei algumas palavrinhas a seu favor, querida.

– Algumas palavrinhas?

– Falei para ele que garota adorável você é, e que é uma pena não ter encontrado nenhum rapaz que merecesse a sua amizade.

Ivy deu um passo para trás, mas Lillian já tinha tirado os óculos, então nem percebeu.

– Ele veio à loja duas semanas atrás para fazer o pedido – Lillian continuou. – Ele é bem bonito.

– Bonitão, Lillian.

– Como?

– Tristan é bem bonito – disse Ivy.

– Bem, ela finalmente admitiu – disse Suzanne, entrando na loja. Beth vinha logo atrás dela. – Bom trabalho, Lillian! – a senhora piscou para elas, e Ivy colocou a anotação com o pedido de volta na parede. Depois, vasculhou seus bolsos à procura de algum dinheiro.

– Não espere conseguir comer – Suzanne foi logo avisando. – Faremos um interrogatório.

Vinte minutos mais tarde, Beth tinha acabado de comer o seu burrito. Suzanne mal tocou em seu frango e a pizza de Ivy ainda

estava inteira.

– Como eu vou saber? – Ivy dizia, balançando os braços para mostrar o quanto estava frustrada. – Eu não entrei no armário de remédios dele! – Elas estavam especulando e fazendo várias interpretações de cada detalhe que Ivy pudesse ter observado no quarto de Gregory.

– Eu sei que você só foi lá uma vez – disse Suzanne. – Mas, hoje à noite, talvez consiga descobrir com quem ele vai sair. Ele tem algum horário para voltar para casa? Ele...?

Ivy pegou um rolinho primavera e enfiou na boca de Suzanne. – É a vez da Beth falar – disse.

– Ah, deixa pra lá. A conversa está interessante – disse Beth.

Ivy abriu a pasta de Beth. – Por que você não lê uma das suas novas histórias antes que a Suzanne me deixe completamente louca?

Beth olhou para Suzanne e depois abriu um calhamaço de papéis toda animada. – Vou ler essa história na próxima reunião do clube de arte dramática, na segunda-feira. Estou usando uma nova técnica chamada *in medias res*. Significa que a cena começa no meio da história.

Ivy concordou com a cabeça de forma encorajadora e começou a comer sua pizza.

“ – Ela colocou a arma em seu peito – leu Beth. – Dura e azul, fria e inflexível. Fotos dele. Frágeis e desbotadas fotos dele – dele e dela – rasgadas, ensopadas pelas lágrimas salgadas, espalhadas na cadeira. Ela lavaria todas elas com o seu sangue...”

– Beth, Beth – interrompeu Suzanne. – Estamos na hora do almoço. Dá para ler uma coisinha um pouquinho mais leve?

Beth concordou e procurou uma outra história no meio de seus papéis, recomeçando a leitura. – Ela levou a mão dele ao seu peito. Quente e úmido, macio e flexível.

– A mão dele ou o peito dela? – interrompeu Suzanne.

– Silêncio – disse Ivy.

– Como uma mão que poderia segurar a sua própria alma, uma mão que poderia erguer uma baleia, uma baleia de plástico azul, eu acho. O que mais poderia ser aquilo?

Ivy virou-se rapidamente e olhou para a loja, do outro lado do shopping. Betty estava segurando um pedaço de plástico azul enquanto conversava com Tristan. Lillian estava em pé atrás de Tristan na entrada da loja, acenando entusiasmadamente para ela. Ivy olhou no relógio. Eram 13h25 ainda faltava meia hora para sua hora de almoço acabar. – Ele quer falar com você – disse Beth.

Ivy balançou a cabeça para Lillian, mas Lillian continuou acenando.

– Vá falar com ele, garota – disse Suzanne.

– Não.

– Ah, dá um tempo, Ivy.

– Você não entende. Ele sabe que é a minha hora de almoço. Ele está me evitando.

– Talvez – disse Suzanne. – Mas isso não me atrapalharia em nada!

Tristan virou-se e notou o aceno exagerado de Lillian, deu uma olhada na multidão da praça de alimentação e seus olhos se encontraram com os de Ivy. Enquanto isso, Beth colocou a baleia inflável na bomba de gás hélio da loja.

– Opa! – exclamou Beth quando a baleia ganhou vida própria, crescendo como uma nuvem azul atrás de Tristan e Lillian. Não dava para ver Betty. Ela deve ter soltado a bexiga rápido demais, porque foi parar no teto. Tristan teve de pular para pegá-la. Beth e Suzanne começaram a rir. Lillian balançou a cabeça para Ivy, depois começou a falar com Tristan.

– O que será que ela está falando com ele? – disse Beth.

– Algumas palavrinhas – resmungou Ivy.

Logo em seguida, Tristan saiu da loja carregando a sacola com os descartáveis, fechada por um lindo laço azul, feito pelas irmãs. A baleia vinha lá no alto atrás dele. Ele olhou o tempo todo para frente, dirigindo-se para a saída do shopping. Suzanne o chamou.

Na verdade, ela gritou. Não dava para fingir não ter ouvido. Ele olhou na direção em que elas estavam com um leve sorriso no rosto, e foi ao encontro delas. Várias crianças vinham atrás dele como se ele fosse o “Flautista de Hamelin”.

– Oi – disse formalmente. – Suzanne. Beth. Ivy. Que bom ver vocês.

– Que bom ver você – disse Suzanne, olhando para a baleia. Quem é ele? Que bonitinho! É o novo membro da equipe de natação?

Ivy percebeu que as articulações dos dedos de Tristan estavam brancas ao segurar a linha que prendia a baleia. Os músculos dos seus braços estavam tensos e salientes. Atrás dele, várias crianças pulavam, tentando pegar a baleia. – Na verdade é o mais novo membro do meu número cômico – disse, virando-se para Ivy. – Você já viu um trecho. Aquela coisa que eu faço com camarões e cenouras? Não sei o que é. As crianças de 8 anos me acham irresistível – olhou para as crianças atrás dele. – Desculpem, tenho de ir agora.

– Nãoooooooo! – gritaram as crianças. Deixou que elas dessem mais algumas batidinhas na baleia, depois saiu, andando rapidamente em meio aos frequentadores do shopping.

– Bem – Suzanne bufou de raiva. – Bem – ela cutucou Ivy com o palito japonês. – Você poderia ter dito alguma coisa! Sério, garota, não sei o que há de errado com você.

– O que há de errado comigo?

– Alguma coisa, qualquer coisa! Não importa. Apenas faça com que ele saiba que está tudo bem, que não tem problema conversar com você.

Ivy engoliu seco. Não conseguia entender algumas das atitudes de Tristan. Ele a deixava tão envergonhada.

– Você sempre é envergonhada a princípio – disse Beth, como se estivesse lendo os pensamentos de Ivy. – Mais cedo ou mais tarde, vão entender como devem agir um com o outro.

Suzanne inclinou-se para frente. – O seu problema é que você leva

tudo a sério demais, Ivy. Romance é um jogo, só um jogo.

Ivy suspirou e olhou para seu relógio. – Só tenho mais dez minutos de almoço. Beth, que tal terminar a sua história de amor? – Suzanne deu um tapinha no braço de Ivy.

– Só temos mais dois meses de escola. Que tal começar a sua história de amor?



Capítulo 6



Ivy estava descalça no chão frio, encolhendo os dedos. A umidade da piscina e o cheiro forte de cloro tinham tomado todo o vestiário. O lugar ecoava como uma caverna feita de concreto cada vez que alguém fechava a porta do armário. Tudo o que se relacionava à piscina dava-lhe arrepios.

As outras garotas do clube de arte dramática estavam arrumando seus trajes, ensaiando as suas falas e rindo de vergonha.

Suzanne colocou a mão no ombro de Ivy. – Você está bem?

– Eu vou conseguir.

– Tem certeza? – Suzanne não se convenceu.

– Eu sei as minhas falas e tudo o que tenho de fazer é andar pra lá e pra cá no trampolim – no trampolim do alto da piscina, que fica do lado fundo, sem cair, pensou Ivy consigo mesma.

Suzanne insistiu. – Ivy, sei que você é a estrela do McCardell, mas você não acha que devia contar para ele que mal sabe nadar e que morre de medo da água?

– Já falei que eu consigo – disse Ivy, saindo do vestiário, sentindo o tremor em suas pernas. Entrou na fila junto com 11 garotas e três rapazes na beira da piscina. Beth ficou do lado de Ivy e Suzanne de outro. Ivy olhou para o verde azulado luminescente da piscina. É só água, disse a si mesma, nada mais do que aquilo que a gente bebe. E ainda nem estamos na parte funda.

Beth pegou no braço dela. – Suzanne devia lhe agradecer por ter convidado Gregory.

– Gregory? Claro que eu não o convidei! – Ivy virou-se rapidamente para Suzanne.

Suzanne deu de ombros. – Queria dar a ele uma prévia do que ele está prestes a ver. Naquela casa da montanha em que você vive deve haver vários lugares para a gente tomar sol.

– Esse biquíni ficou ótimo em você – disse Beth.

Ivy ficou furiosa. Suzanne sabia o quanto aquela situação estava sendo difícil para ela sem ter de pensar na presença de Gregory. Ela podia ter se contido, pelo menos desta vez.

Gregory não estava sozinho na arquibancada. Seus amigos Eric e Will também estavam por lá, junto com outros alunos que devem ter fugido das suas atividades do período. Todos os garotos olhavam com muito interesse para as garotas que se alongavam à beira da piscina.

Então, a classe caminhou pelo perímetro da piscina fazendo exercícios vocais.

– Quero ouvir todas as consoantes, todos os pês, dê e tês – disse o senhor McCardell, sua voz se distinguia de forma surpreendente em meio ao eco da piscina. – Margareth, Courtney, Suzanne, não estamos em um desfile de moda – gritou. – Apenas andem.

A frase gerou algumas vaias da plateia.

– E pelo amor de Deus, Sam, pare de pular!

Dessa vez a plateia abafou o riso.

Quando os alunos terminaram o circuito, foram para a parte funda da piscina.

– Olhem pra mim – ordenou o professor. – Vocês não estão concentrados – inclinando-se para eles, disse: – Isso é uma lição de enunciação e concentração. Será imperdoável se algum de vocês deixar que esses parasitas os distraiam – quase todo mundo da classe olhou para a arquibancada. A porta da piscina se abriu, e mais espectadores entraram, eram todos garotos.

– Estamos prontos, estamos nos preparando?

O exercício era memorizar 25 linhas de uma poesia ou prosa, algo que falasse de amor ou morte. – Os dois grandes temas da vida e da

arte dramática – disse o senhor McCardell.

Ivy tinha separado dois poemas românticos do inglês arcaico, um cômico e um trágico. Em voz baixa, repetia suas falas. Achava que tinha decorado tudo, mas, assim que o primeiro aluno subiu pela escada de metal, sentiu como se as palavras tivessem evaporado de sua mente. Seu coração começou a bater mais rápido, como se fosse ela na escada. Respirou fundo.

– Você está bem? – Beth sussurrou.

– Conte pra ele, Ivy! Explique para o McCardell o que você está sentindo – implorou Suzanne.

Ivy balançou a cabeça negativamente. – Estou bem.

Os três primeiros apresentaram-se de forma muito mecânica, mas todos mantiveram o equilíbrio, indo e voltando no trampolim. Porém, Sam caiu. Parecia um enorme pássaro esquisito, agitando os seus braços e caindo na água. Ivy engoliu seco.

Sua vez chegou. Subiu a escada bem devagar, degrau por degrau, o coração batendo cada vez mais forte. Sentia ter mais força nos braços do que nas pernas. Usou-os para subir no trampolim, depois parou. Lá embaixo, a água dançava, uma dança de ondas escuras e raios fluorescentes.

Ivy concentrou-se no final do trampolim, como a haviam ensinado, e deu três passos, sentindo o trampolim balançar com o seu peso. Seu estômago revirou, mas foi em frente.

– Pode começar – disse o senhor McCardell.

Ficou introspectiva por um momento, tentando lembrar suas falas, tentando lembrar as imagens que deveria usar para a primeira poesia. Sabia que se fizesse daquilo um simples exercício, sua apresentação não seria intensa. Tinha de atuar, tinha de se deixar levar pelas emoções do poema.

Lembrou-se das primeiras palavras do poema cômico e, de repente, as imagens surgiram em sua mente: uma noiva coberta de *glitter*, convidados paralisados, uma chuva de vegetais. Lá embaixo, a

plateia ria enquanto ela recitava as linhas sobre as idiotices do amor. Depois, ainda em movimento, encontrou um ritmo mais lento e trágico do segundo poema:

“Brisa do Oeste, quando você vai soprar,
Pode a garoa cair!

Ah, meu Deus, se meu amor estivesse em meus braços
E pudesse em minha cama dormir!”

Deu mais dois passos e chegou ao final do trampolim, recuperando o fôlego. De repente, ouviu os aplausos. Ela tinha conseguido!

Quando os aplausos terminaram, o senhor McCardell disse:

– Muito bom – um elogio e tanto tratando-se dele.

– Obrigada, senhor – respondeu Ivy, tentando se virar para voltar pelo trampolim.

Quando ela começou a virar, sentiu as suas pernas tremerem, e ficou paralisada. Não olhe para baixo.

Mas tinha de ver onde estava pisando. Respirou fundo e tentou se virar novamente.

– Ivy, algum problema? – perguntou o senhor McCardell.

– Ela tem medo de água – revelou Suzanne. – E não sabe nadar.

Lá embaixo, a piscina parecia dançar, coberta por uma névoa. Tentou se concentrar no trampolim. Não conseguia. A água parecia vir na sua direção, pronta para engoli-la. Depois recuava, voltando para baixo. Ivy cambaleou. Uma perna foi ao chão.

– Oh! – ouvi-se nas arquibancadas.

A outra perna foi ao chão, saindo do trampolim. Ivy agarrou-se com o desespero de um gato. Estava pendurada, metade no trampolim, metade fora – Alguém a ajude! – gritou Suzanne.

Anjos das águas, rezou Ivy silenciosamente. Anjos das águas, não me deixe cair. Você me ajudou uma vez. Por favor, anjo...

Então Ivy sentiu seus braços tremerem com o movimento do trampolim. Suas mãos estavam úmidas e escorregadias. Solte, disse

a si mesma. Confie em seu anjo. Seu anjo não vai deixar você se afogar. Anjos das águas, rezou pela terceira vez, mas seus braços não soltavam. O trampolim continuou a vibrar. Suas mãos estavam escorregadias e começavam a se soltar.

– Ivy.

Virou o rosto ao ouvir a voz, batendo a bochecha no trampolim. Tristan tinha subido a escada e estava do outro lado do trampolim. – Vai dar tudo certo, Ivy.

Então, veio em direção a ela. A prancha de fibra de vidro flexionou-se com o peso dele.

Não! – gritou Ivy, agarrando-se desesperadamente ao trampolim. – Não flexione. Por favor! Estou com medo.

– Posso te ajudar. Confie em mim.

Seus braços doíam. Sua cabeça estava leve, mas a pele estava fria e toda arrepiada. Lá embaixo, a água girava de forma vertiginosa.

– Preste atenção em mim, Ivy. Você não vai conseguir se segurar desta forma. Venha um pouco para o lado. Venha, está bem! Solte o seu braço direito. Vamos. Eu sei que você consegue – Ivy soltou o peso do corpo devagar. Por um momento, pensou que fosse cair do trampolim. Seu braço livre agitava-se freneticamente. – Você conseguiu, você conseguiu – ele disse.

Ele estava certo. Estava se segurando melhor, as duas mãos estavam firmes no trampolim.

– Agora dê um impulso para cima. Force seu corpo para cima do trampolim. É assim que se faz – sua voz era firme e segura. Qual a sua perna favorita? – perguntou. Ela franziu a testa para ele. – Você é canhota ou destra de perna? – disse, sorrindo.

– Acho que destra.

– Solte sua mão direita, então. E levante a perna direita, dobre-a embaixo de você – ela conseguiu. Um minuto mais tarde as duas pernas estavam dobradas embaixo de seu corpo.

– Agora venha engatinhando para mim.

Ela olhava para baixo, para a dança das águas.

– Venha para mim, Ivy.

Estava apenas a dois metros e meio de distância, mas pareciam 25 quilômetros. Engatinhou silenciosamente pelo trampolim. Depois, sentiu uma mão pegando seu braço com firmeza. Ele a levantou, puxando-a para cima, virando o corpo dela rapidamente. Ivy ficou pálida de alívio.

– Tudo bem, estou bem atrás de você. Vamos dar um passo de cada vez. Estou bem aqui – disse ele, começando a descer a escada.

Um passo de cada vez, Ivy repetiu a si mesma. Se pelo menos as suas pernas parassem de tremer. Então, sentiu a mão dele segurando delicadamente seus tornozelos, guiando-a pela escada de metal. Finalmente chegaram ao pé da escada.

O senhor McCardell desviou o olhar, obviamente sentindo-se desconfortável com a situação.

– Obrigada – disse Ivy em voz baixa para Tristan.

Em seguida, saiu correndo para o vestiário antes que Tristan e os outros pudessem ver as suas lágrimas de medo.

No estacionamento, naquela tarde, Suzanne tentou convencer Ivy a ir para a casa dela. – Obrigada, mas estou cansada. Acho que deveria ir para... casa – era estranho chamar a casa de Andrew de sua casa.

– Então, por que você não dirige por aí primeiro? – sugeriu Suzanne. – Conheço uma cafeteria que ninguém mais frequenta, pelo menos ninguém da escola. Podemos conversar sem sermos interrompidas.

– Não preciso conversar, Suzanne. Estou bem. Mesmo. Mas se você só quiser ficar comigo, por que você não vem para minha casa?

– Não acho que seja uma boa ideia.

Ivy inclinou a cabeça.

– Até parece que foi você que ficou pendurada no trampolim.

– Sinto como se tivesse sido eu – disse Suzanne.

– Se não te conhecesse tão bem, pensaria que tinha caído de alguma escada e batido forte com a cabeça no chão. Acabei de te convidar para ir à casa do Gregory.

Suzanne espalhou o batom nos lábios e depois o guardou.

– É isso. Você sabe como sou, Ivy – como um lobo à procura de sua presa. Não consigo me controlar. Se ele estiver lá, vou me distrair completamente. E, nesse momento, você precisa da minha atenção.

– Não preciso da atenção de ninguém! Passei por um mau momento no clube de arte dramática...

– E foi resgatada!

– Fui resgatada...

– Por Tristan!

– Por Tristan e agora...

– Vocês vão viver felizes para sempre – disse Suzanne.

– Agora vou pra casa, e se você quiser vir comigo para dar em cima do Gregory, tudo bem. Pelo menos vai distrair minha atenção.

Suzanne pensou por um momento, depois abriu a boca e perguntou:
– Tem batom nos meus dentes?

– Se você não falasse tanto, não teria esse problema – disse Ivy, apontando para a mancha vermelha. – Tem, bem aqui.

Quando Ivy chegou em casa, a BMW de Gregory estava na garagem. – Estamos com sorte hoje – disse Ivy,

Ao entrar em casa, Ivy ouviu sua mãe falando alto, recebendo as respostas rápidas de Gregory a cada vez que falava. Ela e Suzanne olharam uma para a outra, depois seguiram o som das vozes até o escritório de Andrew.

– Aconteceu alguma coisa? – perguntou Ivy.

– Olha o que aconteceu! – disse sua mãe, apontando para uma cadeira de seda. O encosto estava despedaçado.

– Nossa! O que aconteceu? – perguntou Ivy.

– Talvez meu pai tenha lixado as unhas – sugeriu Gregory.

– É a cadeira predileta do Andrew – disse Maggie. Seu rosto estava

vermelho. O *spray* do cabelo perdia a força e seu penteado estava desmoronando. – E esse tecido não é muito barato, Ivy.

– Não fui eu que fiz isso, mamãe!

– Deixe-me ver as suas unhas – provocou Gregory.

Suzanne riu.

– Foi Ella quem fez isso! – disse Maggie.

– Ella? – Ivy balançou a cabeça. – É impossível! Ella nunca destruiu nada na vida.

– Ella não gosta de Andrew – disse Philip, que estava sentado silenciosamente em um canto do quarto. – Fez isso porque não gosta de Andrew.

Maggie virou-se. Ivy pegou a mãe pelas mãos. – Fácil – disse. Depois, examinou o encosto da cadeira. Gregory a observou e também examinou a cadeira, que estava muito estilhaçada. Philip não teria conseguido fazer aquilo. Devia mesmo ser culpa de Ella.

– Vamos ter de cortar as garras dela – disse Maggie.

– Não!

– Ivy, a mobília desta casa é muito valiosa. Não pode ser destruída. Vamos ter de fazer isso.

– Não vou deixar você fazer isso.

– Ella é só uma gata.

– E isso é só uma mobília – disse Ivy, com a voz fria e firme.

– Ou isso, ou vamos ter de doá-la.

Ivy levou as mãos ao peito. Ela era quatro centímetros maior do que a mãe.

– Ivy... – viu os olhos de sua mãe encherem-se de água. Ultimamente ela estava assim, emotiva, sempre implorando e chorando. – Ivy, essa é uma nova vida, são novos caminhos para todos nós. Você mesma me disse: por todas as coisas boas que estão acontecendo, esse conto de fadas não vai ter fim. Todos temos de fazer com que dê certo.

– Onde Ella está agora? – perguntou Ivy.

– No seu quarto. Fechei a porta do corredor e a do sótão para que ela não destruísse mais nada.

Ivy virou-se para Gregory. – Você poderia oferecer uma bebida para Suzanne?

– Claro!

Então, Ivy foi para o seu quarto. Ficou sentada lá por um bom tempo, acarinhando Ella em seu colo e olhando para o seu anjo das águas.

– O que faço agora, anjo? – rezou. – O que faço agora? Não me peça para desistir de Ella! Não posso desistir dela. Não posso!

No final, acabou desistindo, pois percebeu que não podia tirar a liberdade de Ella. Não podia deixar que sua gata de rua, feroz e vulnerável, fosse maltratada. Apesar de partir seu coração, e o de Philip também, decidiu colocar um anúncio de adoção no quadro de avisos da escola na quinta-feira à tarde.

Quinta-feira à noite, recebeu um telefonema. Philip estava no quarto dela fazendo a lição de casa e atendeu. Com tristeza, passou o telefone a ela. – É um homem – disse. – E quer adotar Ella.

Ivy franziu a testa e pegou o telefone. – Alô?

– Oi. Como vai você? – disse o homem.

– Vou bem – Ivy respondeu. O que importava como ela ia? Imediatamente, percebeu que não gostava da pessoa, porque ele queria lhe tirar Ella.

– Que bom! Hum... Você já encontrou alguém para ficar com sua gata?

– Não – disse.

– Gostaria de ficar com ela.

Ivy fechou os olhos. Não queria que Philip a visse chorando. Deveria estar feliz e aliviada por alguém se interessar em cuidar de um gato adulto.

– Você está aí? – disse o homem.

- Sim.
- Eu vou cuidar bem dela, vou dar comida e banho.
- Não se dá banho em gatos.
- Vou aprender o que fazer com ela. Acho que ela vai gostar daqui. É um lugar confortável.
- Ivy balançou a cabeça silenciosamente. – Alô?
- Virou-se de costas para Philip. – Entenda, ela significa muito para mim. Se você não se importar, gostaria de ir até a sua casa e falar com você pessoalmente.
- Não me importo nem um pouco – disse o homem, entusiasmado.
- Anote aí o endereço.
- Ela anotou.
- E qual é o seu nome? – perguntou.
- Tristan.



Capítulo 7



-Mas você gosta de cachorros! – disse Gary na sexta-feira à tarde.
– Você sempre gostou de cachorros! – Acho que meus pais vão gostar de ter um gato – respondeu Tristan enquanto andava para lá e para cá, tentando arrumar a bagunça da sala: as revistas de pediatria da sua mãe, os horários de visita de seu pai ao hospital, vários santinhos, seus horários de natação, exemplares antigos da revista *Sports Illustrated* e o frango que haviam comido no jantar na noite anterior. Seus pais ficariam confusos ao vê-lo tão preocupado em arrumar a casa. Em geral, a rotina da família era sentar no chão para ler e comer.

Gary não estava entendendo muito bem o objetivo de Tristan e perguntou: – Você acha que seus pais vão gostar? A gata está doente? Ela tem religião? Se sua mãe não precisar medicá-la e seu pai, sendo pastor, não puder rezar com ela e aconselhá-la...

– Toda casa precisa de um animal de estimação – disse Tristan, tentando terminar a conversa.

– Para os gatos, os animais de estimação são habitantes da casa. Pode acreditar, Tristan, gatos têm raciocínio próprio. São piores que garotas. Se você acha que Ivy te enlouquece. Opa, espera aí! Espera aí... – disse Gary, batendo os dedos na mesa. – Acabo de me lembrar de um anúncio no quadro de avisos da escola.

– Legal – disse Tristan, entregando a mala de ginástica ao amigo. – Você disse que tinha de chegar cedo em casa hoje.

Gary soltou a mochila. Já tinha entendido a armação de Tristan. – E perder toda a diversão? Lembro-me bem da última vez que você fez papel de bobo. Você acha que não quero ver novamente? – sentou-se no tapete em frente à lareira.

– Você se diverte com a minha desgraça, não é mesmo?

Gary deitou no chão, segurando a cabeça com as mãos. – A galera e eu vimos você pegar todas as garotas nos últimos três anos – não, nos últimos sete anos; você já era o garoto mais popular da escola no 6º ano. Nossa! Como me divirto!

Tristan sorriu e viu uma mancha de café no tapete que parecia ter triplicado de tamanho desde a última vez que a tinha visto. Não fazia ideia de como aquilo tinha acontecido.

Tristan se perguntou se Ivy acharia sua casa pequena, velha e inacreditavelmente desarrumada.

– Então, o que vocês combinaram? Um encontro em troca da gata? Ou que tal um encontro por cada semana que você ficar com a gata? – sugeriu Gary.

– Suzanne disse que ela é muito ligada à gata – Tristan sorriu, satisfeito com o que tinha planejado. – Vou dizer a ela que pode visitar a gata sempre que quiser.

– E se Ivy não sentir saudades da bola de pelo?

– Ela vai sentir saudade de mim.

A campainha tocou. Na mesma hora, perdeu toda a sua autoconfiança.

– Rápido, como é que se pega uma gata?

– Pagando uma bebida para ela?

– Estou falando sério!

– Pelo rabo.

– Você só pode estar de brincadeira.

– Acertou!

A campainha tocou novamente. Tristan foi correndo atender. Foi sua imaginação ou Ivy corou ao vê-lo? Definitivamente, sua boca tinha um tom de cor-de-rosa. Seus cabelos brilhavam como ouro e seus olhos verdes remetiam-no ao calor das águas de um oceano.

– Trouxe Ella – disse.

– Ella?

– Minha gata.

Tristan olhou para baixo e viu que, ao lado dela, na varanda, havia todo tipo de parafernália para gatos.

– Ah, Ella! Que bom! – por que não conseguia formar uma frase completa quando estava perto dela?

– Você ainda a quer? – uma ruga de preocupação surgiu em seu rosto.

– Ah, sim, ele ainda a quer – respondeu Gary, levantando-se do chão.

Ivy entrou na casa e deu uma olhada ao redor, sem tirar a gata do transportador. Balançou a cabeça e deu um sorriso distante. – Você também esteve no casamento.

– É verdade! Tristan e eu, mas consegui ficar até o final sem ser demitido.

Ivy sorriu novamente, um sorriso mais amigável dessa vez, então voltou a concentrar-se em seu objetivo.

– A caixa de areia de Ella está lá fora, junto com algumas latas de comida. Trouxe também seu cestinho e sua almofada, mas ela nunca os usa.

Tristan concordou com a cabeça. O cabelo de Ivy esvoaçava por causa da corrente de vento deixada pela porta aberta. Queria tocá-la. Queria tirar o cabelo dela do rosto e beijá-la.

– Você se importaria em dividir a sua cama?

Tristan piscou, espantado. – Como?

– Ele não se importaria nenhum pouco! – respondeu Gary.

Tristan olhou feio para ele.

– Que bom! – respondeu Ivy, sem ter percebido a piscadinha de Gary. – Ella adora dormir em cima do travesseiro, mas é só dar uma empurradinha nela que logo sai.

Gary deu uma gargalhada. Em seguida, ele e Tristan pegaram as coisas que ficaram na entrada da casa.

– Você gosta de gatos? – Ivy perguntou para Gary.

– Não. Mas quem sabe mudo de ideia agora – inclinou-se para dar uma olhada na gata. – Agora que Tristan passou a gostar... Oi, Ella. Vamos nos divertir juntos.

– Que pena que não será hoje, pois Gary já estava de saída – disse a Ivy.

Gary endireitou o corpo e sua expressão denotava falsa surpresa. – Estou de saída? Tão rápido?

– Já ficou bastante – respondeu Tristan, segurando a porta aberta.

– Tudo bem, nos falamos mais tarde, Ella. Quem sabe não saímos para caçar ratos juntos?

Após a saída de Gary, o ambiente ficou bem silencioso. Tristan não conseguia abrir a boca, mas tinha feito uma lista de perguntas que devia estar em algum lugar atrás do sofá, onde havia jogado toda a bagunça. Mas Ivy não parecia interessada em conversar. Abriu a porta do transportador e deixou Ella sair.

A gata era engraçadinha, quase toda preta com uma pata branca.

– Tudo bem, querida – disse Ivy, segurando Ella em seus braços enquanto a acariciava.

Ella piscou seus olhos verdes para Tristan, como se estivesse se gabando pela atenção de Ivy.

Não acredito que estou com ciúmes de uma gata, pensou Tristan.

Quando Ivy finalmente decidiu colocar a gata no chão, Tristan estendeu a mão. A gata olhou feio para ele e tomou distância.

– Você tem de esperar até que ela decida se aproximar de você – aconselhou Ivy. – Ignore-a por uns dias, talvez algumas semanas, se preciso for. Quando se sentir solitária, ela mesma virá para você.

Será que Ivy faria o mesmo algum dia?

Tristan pegou a tigela amarela. – Que tal você me ensinar sobre a alimentação dela?

Ivy tinha trazido todas as instruções impressas. – E esse é o histórico médico dela e uma lista das vacinas habituais, junto com o telefone do veterinário.

Parecia estar com pressa em resolver a situação.

– E esses são os brinquedinhos dela – disse, hesitante.

– Não deve estar sendo fácil para você, não é? – falou gentilmente.

– E essa é a sua escova. Ella adora ser escovada.

– Mas não lavada – acrescentou Tristan.

Ivy mordeu os lábios. – Você não entende nada de gatos, não é?

– Mas vou aprender. Ela será uma boa companhia para mim e eu serei para ela. E é claro que você pode visitá-la sempre que quiser, Ivy. Ela sempre será sua gata. Mas também será minha. Venha sempre que sentir vontade.

– Não – respondeu incisivamente. – Não.

– Não? – sentiu como se seu coração tivesse parado de bater. Ainda estava sentado, olhando para aquela parafernália toda de gato, mas tinha certeza de ter tido um ataque cardíaco.

– Isso a deixaria confusa – explicou Ivy. – E acho que... acho que seria demais para mim.

Sentiu vontade de tocá-la, de segurar sua mão delicada, mas seria muita ousadia. Em vez disso, fingiu examinar a almofadinha cor-de-rosa enquanto aguardava Ivy se recompor.

Ella aproximou-se para cheirar sua almofada e recuou novamente. Tristan gentilmente deslizou a mão pelo dorso da gata.

– Ela prefere perto da nuca – disse Ivy, pegando na mão dele e fazendo os movimentos. – Debaixo do queixo e na bochecha – suas glândulas olfativas ficam nessas regiões, é assim que ela se lembra das coisas. Acho que ela gosta de você, Tristan.

Tirou a mão. Tristan continuou a acariciar Ella. Subitamente, a gata ficou de barriga para cima.

Ivy riu. – Sua safadinha!

Tristan acariciou a barriga dela. O pelo era esplendorosamente longo e macio.

– Por que será que gatos não gostam de água? Será que ela nadaria se fosse jogada em uma piscina?

– Nem ouse! Nem ouse fazer isso!

A gata levantou e foi se esconder debaixo de uma cadeira.

Tristan olhou surpreso para Ivy. – É claro que não faria uma coisa dessas. Só queria saber.

Ela abaixou a cabeça e enrubesceu.

– Foi isso que aconteceu com você, Ivy?

Ao silêncio dela, reformulou a pergunta. – Por que você tem medo de água? Aconteceu alguma coisa quando você era pequena?

Ivy não conseguia olhar para ele. – Eu te devo uma – disse. – Por ter me tirado do trampolim.

– Você não me deve nada. Só perguntei para tentar entender. A natação é a minha vida. Acho inconcebível uma pessoa não gostar de água.

– Acho que você não conseguiria entender. A água para você é como a brisa para o pássaro. Pelo menos, é o que parece. Para mim, é difícil entender essa sensação.

– Por que você tem medo? – ele insistiu. – Quem deixou você com medo?

Ela pensou um pouco. – Nem me lembro o nome dele. Era um dos namorados da minha mãe. Ela teve muitos e alguns eram legais. Mas esse não era. Ele nos levou à piscina da casa de um amigo. Acho que eu não tinha nem 4 anos. Não sabia nadar e não queria entrar na água. Acho que, depois de algum tempo, devia estar irritando todo mundo, pois não desgrudava da minha mãe.

Ela engoliu em seco e olhou para Tristan.

– E então? – perguntou Tristan suavemente.

– A mamãe tinha entrado na casa para ajudar a fazer sanduíches ou algo assim. Ele me agarrou. Sabia o que ia acontecer e comecei a gritar e chutar, mas a mamãe não conseguia me ouvir de onde estava. Ele me arrastou até a beira da piscina e disse:

– Vamos ver se ela nada ou não! Levantou-me e me jogou na água.

Tristan fez uma expressão de horror, como se estivesse realmente

revivendo a cena.

– A piscina não dava pé para mim. Debatí-me, agitando meus braços e minhas pernas, mas não conseguia colocar o rosto para fora da água. Comecei a sufocar, engolindo a água. Não conseguia respirar.

Tristan olhava para ela, mal acreditando no que ouvia. – E o cara? Pulou na água para te socorrer?

– Não – Ivy levantou-se e andava pela sala como se fosse uma gata agitada. Ela deu uma olhadinha, em sua boca havia uma bolinha.

– Tenho certeza de que ele estava bêbado. Tudo ficou meio turvo para mim. Depois, totalmente negro. Meus braços e pernas pareciam tão pesados, e sentia que meu peito ia explodir. Rezei. Pela primeira vez na vida, rezei para meu anjo da guarda. Então, senti que estava sendo retirada de dentro da água. Meus pulmões pararam de doer e recuperei a visão. Não me lembro de muitos detalhes do anjo; só sei que brilhava, tinha muitas cores e era lindo.

Ivy olhou para Tristan pelo canto do olho, depois sorriu abertamente. Voltou para perto dele e sentou-se no chão novamente, mantendo o contato visual.

– Não tem problema. Não espero que você acredite em mim. Ninguém mais acreditou. Parece que minha mãe saiu da casa para ver o que estava acontecendo, mas uma amiga virou-se para falar com ela, então ninguém viu como eu consegui chegar à beira da piscina. Apenas acreditaram que eu aprenderia a nadar após ter sido jogada na água – sua expressão era de melancolia. Parecia estar em outro lugar, rememorando os acontecimentos daquele dia.

– Gostaria de acreditar em seu anjo – Tristan deu de ombros. – Desculpe! – já tinha ouvido histórias similares. De vez em quando, seu pai contava fatos parecidos, ocorridos no hospital. Mas, para ele, era apenas um sinal de que a mente estava trabalhando, pensou; era a forma como algumas mentes reagiam aos momentos de crise.

– Sabe, quando estava lá em cima, no trampolim, na segunda-

feira... rezei para meu anjo da guarda.

– Mas eu apareci no lugar dele – salientou Tristan.

– O que foi muito bom – ela respondeu, rindo.

– Ivy... – ele tentou controlar o tremor em sua voz, a fim de que ela não percebesse o quanto esperava uma resposta positiva dela. – Posso te ensinar a nadar.

Ela arregalou os olhos.

– Depois da aula, o técnico nos daria permissão para usar a piscina.

Suas mãos, seus olhos, o corpo inteiro dela estava tenso e ela não parava de encará-lo.

– É uma sensação maravilhosa, Ivy. Você sabe o que é boiar no meio de um lago, circundado pelas árvores, olhando para o céu azul? Você só fica lá, deitado na água, com o brilho do sol aquecendo seus dedos. Sabe o que é nadar no mar? Você nada forte e a onda te pega e te levanta, sem esforço algum...

Sem perceber o que estava fazendo, colocou suas mãos em seus braços e a fez ficar de pé. Ela ficou toda arrepiada.

– Desculpe – disse, soltando-a. – Desculpe! Me empolguei demais.

– Tudo bem! – disse, sem conseguir olhar para ele novamente.

Ele ficou imaginando do que ela tinha mais medo – se da água ou dele.

Provavelmente dele, pensou, e não sabia como resolver isso. – Eu te ensinaria de uma forma divertida, assim como faço com as crianças no acampamento de verão. Pense nisso, está bem?

Ela concordou com a cabeça.

Era óbvio que não se sentia confortável ao lado dele. Queria pedir desculpas por ter esbarrado nela nos corredores da escola, por ter ido ao casamento da mãe dela, por ter telefonado a respeito da gata. Queria prometer que não iria mais incomodá-la, esperando que isso a fizesse ficar mais à vontade. Mas ela parecia tão cansada e confusa; sentiu que era melhor não dizer mais nada.

– Vou cuidar muito bem de Ella. Se a situação mudar e você a

quiser de volta, ligue para mim. E se quiser visitá-la, eu não preciso estar por perto, certo?

Ivy olhou com espanto para ele.

– Bem – disse, levantando-se. – Às terças e quintas quem cozinha sou eu. É melhor começar a fazer o jantar.

– O que você vai fazer?

– Molho de carne com pedaços de fígado. Ah, não, desculpe. Essa é a comida da gata.

A piada não era tão boa, mas fez com que ela sorrisse.

– Você pode ficar e brincar com Ella o quanto quiser.

– Obrigada.

Depois, foi para a cozinha para deixá-la a sós com a gata. Mas, antes que tivesse chegado à porta da cozinha, ouviu-a dizer: – Adeus, Ella, batendo a porta da frente atrás dela.

Quando Ivy saiu do vestiário, Tristan já estava dentro da água. O técnico tinha lhe dado permissão para ficar na parte fechada da piscina. Ela esperava que ele tivesse olhado para ela e dito, incrédulo: – Você está dizendo que não sabe nadar? – mas seu rosto, que era comprido e cheio de marcas de expressão, parecendo uma uva-passa, era gentil e nada indagador. Cumprimentou-a e voltou para sua sala.

Ivy demorou uma semana para se decidir. Ela nadava em seus sonhos; em algumas noites chegava a nadar quilômetros de distância. Quando disse a Tristan que queria aprender, os olhos dele se iluminaram. Ivy estava certa de que ele não estava interessado nela de alguma forma especial. De acordo com Suzanne, ele estava saindo com outras duas garotas. Mas sentia que ele era seu amigo. Ajudou-a a sair do trampolim, ficou com Ella, e agora a ajudava a enfrentar seu maior medo – estava sempre por perto quando precisava, de uma forma que nenhum outro rapaz jamais esteve, como um amigo de verdade deve ser.

Ela estava vendo-o nadar. A água passando por seu corpo másculo;

erguendo-o enquanto ele se movia de forma suave e poderosa por entre ela. Quando passou a nadar borboleta, seus braços pareciam asas saindo da piscina, parecia música aos seus ouvidos – forte, cadenciada, graciosa.

Ivy ficou um bom tempo olhando para ele, então lembrou-se da razão de estar ali. Andou até a borda da piscina, na parte rasa e ficou olhando. Depois, sentou-se e colocou as pernas na água. Estava quente e tranquila. Mas, mesmo assim, ela estava morrendo de frio. Batia os dentes e resolveu abaixar um pouco mais dentro da água, ficando bem na altura do pescoço. Ficou imaginando a água chegar em sua garganta, sua boca. Então, fechou os olhos e segurou-se na borda, tentando conter o medo que a dominava.

Anjo das águas, rezou, não me abandone. Confio em você, anjo. Estou em suas mãos.

Tristan parou de nadar. – Você veio. E já entrou.

Ele estava tão contente que, por um momento, um momento bem breve, ela esqueceu-se de seu medo.

– Como você está se sentindo?

– Bem. Você não se importa se eu só ficar parada aqui, tremendo, não é?

– Você vai se aquecer movimentando-se.

Ela olhou para a água.

– Venha, vamos passear – pegou na mão dela e caminharam juntos pela piscina, como se estivessem em um shopping, apesar de que, dentro da água, cada passo parecia ser dado em câmera lenta.

– Você quer que eu fale sobre Ella e o caos que ela está causando na minha casa?

– Claro. Ela achou aquele pedaço de frango enfiado no armário da TV?

Tristan ficou espantado por um momento, depois se recompôs. – Claro. Logo após ter espalhado toda a bagunça que eu escondi atrás do sofá – ele contou várias histórias sobre Ella, caminhando para lá e

para cá na parte rasa da piscina.

Quando pararam, disse: – Acho melhor você molhar um pouco o rosto agora.

Ela temia esse momento.

Ele pegou um pouco de água com as mãos e jogou na testa e nas bochechas dela, como se estivesse dando banho em um bebê.

– Faço isso quando tomo banho – Ivy disse, sarcasticamente.

– Desculpe-me, Srta. Nível Avançado. Vamos para o próximo passo. Respire fundo. Quero ver você olhando para mim embaixo da água. O cloro vai incomodar um pouco, mas quero ver esses olhões verdes abertos e umas bolhinhas saindo do seu nariz. Prenda o fôlego antes de entrar na água e solte-o quando estiver lá dentro. Entendeu? Um, dois, três. Ele a puxou para dentro da água. Mergulhavam e voltavam à superfície, a cada vez ele a segurava um pouco mais dentro da água, fazendo caretas para ela.

Ivy voltou à superfície, tossindo por ter-se engasgado.

– Bem, se você não consegue seguir instruções tão simples...

– Você está me fazendo rir. Não vale se você me faz rir.

– Tudo bem. Vamos ficar sérios. Mais ou menos sérios.

Ele a ensinou como deveria respirar ao nadar, fingindo que a água era um travesseiro, virando a cabeça para o lado para inspirar. Ela praticou, segurando na borda da piscina. Então, ele pegou em suas mãos e a levou pela água. Instintivamente, ela começou a bater os pés para manter-se na superfície. Teve vontade de levantar a cabeça para olhar para ele e, quando o fez, viu que sorria para ela.

Treinaram esse movimento por um tempo. Depois de treinar na borda, brincaram de trezinho. Ele fez com que ela segurasse seus tornozelos e o seguisse pela água; ele batia os braços e ela os pés. Ficou impressionada com a facilidade com que a puxava pela piscina só com a força dos braços.

Quando pararam, perguntou a ela: – Está ficando cansada? Quer sentar um pouco lá fora?

Ivy balançou a cabeça negativamente. – Se sair, não sei se consigo entrar novamente.

– Você é corajosa.

Ela riu: – Estou em pé na água que só bate nos meus ombros e você me acha corajosa?

– Sim – nadou em volta dela. – Ivy, todo mundo tem medo de alguma coisa. Você é uma das poucas pessoas que enfrenta seu medo. Mas eu sempre soube que você tinha coragem. Percebi logo no primeiro dia, quando te vi na lanchonete deixando para trás a líder de torcida que, supostamente, você deveria estar seguindo.

– Estava com fome. E aquilo era tudo encenação.

– Mas você mandou bem.

Ela sorriu e ele também, seus olhos da cor do mel iluminaram-se e as gotas d'água em seus cílios brilharam.

– Certo. Quer boiar de costas?

– Não. Mas vou.

– É fácil – Tristan alongou-se na água e boiou, parecendo inteiramente relaxado. – Está vendo o que estou fazendo?

Está sendo incrivelmente maravilhoso, pensou, agradecendo aos anjos por ele não poder ler sua mente tão bem quanto Beth.

– Estou mantendo o quadril para cima, arqueando as costas e deixando o restante relaxado. Agora, tente.

Tentou e afundou. Sentiu o velho pânico retornar por um momento.

– Você sentou. Desse jeito você afunda. Tente de novo.

Quando ela se deitou, ele colocou o braço embaixo dela. – Isso, não se contraia. Arqueie as costas. É assim que se faz – disse, tirando o braço debaixo dela.

Ivy levantou a cabeça e afundou novamente. Ficou em pé com cara de brava. Seu cabelo molhado saía para fora do rabo de cavalo, caindo pelo pescoço.

Tristan riu. – Se um dia Ella ficasse molhada, ficaria exatamente assim.

– Qualquer criança consegue fazer isso!

– Crianças conseguem fazer várias coisas, porque confiam. O truque para conseguir nadar é não resistir à água. É se deixar levar por ela. Brincar com ela. Entregar-se a ela. Que tal tentarmos novamente? – disse, jogando um pouco de água nela.

Ela se deitou. Sentiu o braço dele embaixo de seu corpo. Com uma das mãos, gentilmente forçou a cabeça dela para baixo. A água batia na sua testa e no seu queixo. Ivy fechou os olhos e se deixou levar pela água. Imaginou-se no meio de um lago, com os raios do sol iluminando a ponta de seus dedos.

Quando abriu os olhos, viu que ele a observava. O rosto dele era como o sol, mantendo-a aquecida, iluminando o ambiente ao seu redor. – Estou flutuando – disse, baixinho.

– Você está flutuando – disse suavemente, aproximando um pouco mais o rosto.

– Flutuando... – estavam lendo os lábios um do outro, seus rostos ficando cada vez mais perto, cada vez mais, cada vez...

– Tristan!

Tristan se endireitou e Ivy afundou.

Era o técnico, gritando da porta de sua sala. – Desculpe interromper – gritou. – Mas tenho de ir embora em dez minutos.

– Tudo bem, professor – disse Tristan.

– Vou ficar até mais tarde amanhã – disse, saindo da sala. – Talvez possam continuar de onde pararam.

Tristan olhou para Ivy. Ela deu de ombros e concordou com a cabeça, mas sem olhar nos olhos dele.

– Talvez – disse.



Capítulo 8



Naquela tarde, Ivy pegou o caminho mais longo para voltar para casa, pela estrada que dava para a zona sul de Stonehill, passando pelas sombras das copas das árvores e as novas casas da região. Dirigiu por um bom tempo, sem vontade de subir a montanha que dava para sua casa. Tinha tanto em que pensar. Por que Tristan a estava ajudando? Será que só sentia pena dela? Queria ser seu amigo? Queria mais do que amizade?

Mas não eram as perguntas que a mantinham na direção do carro em movimento. Era o prazer de pensar nelas: a aparência dele ao sair da água, as gotas escorrendo por seu corpo; a forma como ele a havia tocado, suave, muito suave.

Em casa, teria de ouvir sua mãe contar sobre mais um grupo de esnobes que havia acabado de conhecer; sobre a inconstância de Philip no 3º ano. Finalmente, tinha encontrado uma nova maneira de agradecer pelos presentes que Andrew não parava de dar a ela, mas continuava tomando cuidado com Gregory. Com tudo isso acontecendo, logo os momentos vividos naquela tarde desapareceriam, ficando esquecidos para sempre.

Em sua mente, Ivy via Tristan em câmera lenta, nadando ao redor dela. Lembrava-se da sensação da mão dele em seu corpo, ajudando-a a boiar, a forma gentil como havia inclinado sua cabeça na água. Tremeu de prazer, e de um pouco de medo também.

– Anjos, não me abandonem! – rezou.

O que sentia era diferente de uma simples paixão. Era algo que inundava todos os seus pensamentos e sentimentos.

Talvez fosse melhor recuar, pensou, antes que ficasse mais envolvida. Vou ligar para ele hoje à noite.

Mas, então, se lembrou da forma como ele havia conseguido fazê-la entrar na água, do seu rosto iluminado e risonho por sua proeza.

Ivy não percebeu que um carro se aproximava. Perdida em seus pensamentos, prestando atenção somente no que vinha à sua frente, só viu o carro escuro passar pelo sinal vermelho quando já era tarde demais. Pisou fundo no freio. Os dois carros derraparam, ficando lado a lado, quase batendo um no outro. Em seguida, conseguiram desviar-se. Soltando o ar devagar, Ivy percebeu que estava bem no meio do cruzamento.

O motorista do outro carro saiu. Falou vários palavrões para ela. Sem mesmo olhar na direção em que ele estava, Ivy fechou o vidro do carro e verificou se a porta estava travada. A gritaria acabou subitamente. Ivy virou-se com indiferença para o motorista.

– Gregory!

Abaixou o vidro da janela.

Apesar do rubor, ele estava pálido. Olhou para ela e depois para o cruzamento, expressando surpresa, como se só agora tivesse percebido onde estava e o que tinha acontecido.

– Você está bem? – Ivy perguntou.

– Sim... sim. Você está?

– Já voltei a respirar normalmente.

– Sinto muito. Acho que eu... eu não estava prestando atenção. E não sabia que era você – apesar da raiva ter passado, ele ainda parecia chateado.

– Tudo bem. Eu também estava distraída.

Ele olhou pela janela e viu a toalha molhada no banco da frente.

– O que você está fazendo por aqui?

Imaginou se ele faria alguma relação entre a toalha molhada e suas aulas de natação com Tristan. Mas não havia contado nem para Beth e Suzanne sobre isso. Além do mais, Gregory não iria se interessar por isso.

– Precisava pensar um pouco. Sei que parece estranho, tendo tanto

espaço em casa, mas é que eu...

– Precisava de um espaço diferente – disse, completando a frase. – Sei como é. Está indo para casa agora?

– Sim.

– Siga-me – deu um sorriso meio sem graça para ela. – Você estará mais segura dirigindo atrás de mim.

– Tem certeza de que está tudo bem? – sentiu que os olhos dele ainda estavam perturbados por alguma coisa.

Concordou com a cabeça e voltou para o carro.

Andrew chegou em casa junto com eles.

Cumprimentou Ivy e virou-se para Gregory: – Então, como vai sua mãe?

Gregory deu de ombros. – A mesma de sempre.

– Fiquei feliz por você ter ido visitá-la hoje.

– Disse a ela que você mandou lembranças – disse Gregory, impassível.

Andrew concordou com a cabeça e pisou em uma porção de gizos coloridos. Inclinou-se para examinar o que antes tinha sido o piso de concreto, limpo e branco, da sua garagem.

– Sua mãe tem alguma novidade? Algo que eu deva saber? – perguntou, olhando para os desenhos feitos com giz por Philip, não percebeu a hesitação, não percebeu a expressão emotiva de Gregory, que desapareceu tão rápido quanto veio. Mas Ivy percebeu.

– Nada de novo.

– Que bom!

Ivy esperou Andrew entrar na casa.

– Você quer falar sobre isso? – perguntou a Gregory.

Virou-se para ela de uma forma que parecia ter se esquecido de sua presença ali.

– Falar sobre o quê?

Ivy disse, hesitante: – Você disse para o seu pai que está tudo bem com a sua mãe. Mas seu olhar, no cruzamento e agora mesmo, ao

falar dela, achei que talvez...

Gregory brincava com a chave do carro. – Você tem razão. As coisas não vão bem. Acho que virá problema por aí.

– Com sua mãe?

– Não posso falar sobre isso. Sabe, agradeço sua preocupação, mas posso dar conta disso sozinho. Se você quer mesmo me ajudar, então não comente isso com ninguém, está bem? Nem fale sobre a nossa pequena derrapada. Você promete? – disse, olhando nos olhos dela.

Ivy deu de ombros. – Prometo, mas se você mudar de ideia, sabe onde me encontrar.

– No meio do cruzamento – sorriu para ela e entrou em casa.

Antes de entrar, Ivy parou para examinar a obra de arte que Philip havia feito no chão. Reconheceu a cor azul clara de seu anjo das águas e a intensa cor marrom de Tony. Em seguida, identificou um dos Power Rangers. Foi fácil distinguir os dragões de Philip; pareciam sempre ter engolido fluido para isqueiro, e sempre lutavam com os Power Rangers e os anjos. Mas o que era aquilo? Uma cabeça redonda, com um cabelo engraçado e uma coisa laranja saindo pelas orelhas?

Philip tinha escrito o nome ao lado do desenho: Tristan.

Ivy pegou um giz preto e desenhou uma azeitona em cada dente incisivo. Pronto, agora estava mais parecido com o rapaz gentil que ajudou um garotinho de 8 anos a passar por um dia difícil. Ivy lembrou-se da cara de Tristan quando abriu a porta do depósito. Jogou a cabeça para trás de tanto rir.

Recuar agora? A quem ela queria enganar?

Tristan tinha certeza de ter assustado Ivy na primeira aula de natação, mas ela voltou, e ele procurou ser mais cuidadoso a partir da segunda aula. Mal a tocava, ensinava-a como um profissional, e continuou saindo com as duas garotas de quem mal sabia os nomes. Mas cada dia era mais difícil para ele ficar sozinho com Ivy, ficar tão

próximo dela, esperando por algum sinal de que ela quisesse mais do que as aulas de nataação e a sua amizade.

– Acho que chegou a hora, Ella – disse à gata, depois de duas semanas de frustração. – Ela não está interessada em mim, e não aguento mais. Vou fazer com que ela se inscreva em uma escola de nataação.

Ella ronronou.

– Depois, vou entrar para um monastério que tenha uma equipe de nataação.

Na aula seguinte, decidiu que não ia colocar seu traje de banho. Colocou um folheto da escola de nataação no bolso e foi em direção à piscina, mas logo parou.

Ivy não estava lá. Pensou que tivesse esquecido da aula, porém, viu sua toalha de banho e seu elástico de cabelo na borda da piscina, perto do fundo. – Ivy!

Correu pela borda e a viu lá no fundo da piscina, deitada, sem se mover. –Ai, meu Deus!

Mergulhou na água e nadou até o fundo para pegá-la. Trouxe-a à superfície e nadou até a borda. Foi difícil; ela tinha voltado a si e estava se debatendo. O peso da roupa dele atrapalhava. Colocou Ivy na borda da piscina e se jogou ao lado dela.

– Que diabos foi isso? – ela disse.

Não estava tossindo nem cuspiu água, não estava com falta de ar. Só estava olhando para ele, para sua camiseta ensopada, sua calça *jeans* colada no corpo e as meias encharcadas. Tristan olhou para ela e jogou seus sapatos cheios de água para bem longe, lá no meio da arquibancada.

– O que você fez? – ela perguntou.

– O que você fez?

Abriu a mão e lhe mostrou uma moedinha de cobre brilhante. – Mergulhei para pegar isso.

Ele ficou muito bravo. – A primeira regra da nataação é nunca,

jamais, nadar sozinha, Ivy!

– Mas eu tinha de fazer isso, Tristan! Tinha de ver se conseguia enfrentar meu pesadelo sem você, sem o meu... o meu salva-vidas por perto. E eu consigo. Eu consegui! – disse e um sorriso de admiração tomou conta de seu rosto. Seu cabelo caía nos ombros. Seus olhos estavam sorrindo, pareciam o verde-esmeralda do mar com o brilho do sol.

Então, ela piscou. – Foi isso que você fez? Quis bancar o salva-vidas, o herói?

– Não, Ivy – disse em voz baixa e levantou-se. – Provei mais uma vez que sou o herói de todo mundo, menos o seu.

– Espere um pouco! – mas ele foi se dirigindo à saída.

– Espere um pouco! – ele não foi muito longe, não com o peso do corpo todo dela segurando a perna dele.

– Falei para esperar.

Ele tentou sair, mas ela o deixou bem preso.

– É isso que você quer, que eu diga que você é um herói?

Ele sorriu. – Acho que não. Achei que ia conseguir o que queria com isso. Mas não consegui.

– E o que você quer?

Valia a pena contar para ela agora?

– Vestir roupas secas. Tenho um agasalho no meu armário.

– Tudo bem – soltou a perna dele, mas, antes que pudesse se mexer, pegou sua mão. Segurou-a com as duas mãos por um tempo e, depois, beijou suavemente as pontas dos dedos dele.

Olhou para ele, deu de ombros, e deixou que soltasse a mão. Mas ele não soltou e entrelaçou seus dedos com os dela. Depois de um momento de hesitação, levou a mão dela ao seu rosto. Será que ela podia sentir a forma como seu coração pulsava mais rápido diante de seu toque? Ajoelhou-se. Pegou a outra mão dela e beijou as pontas dos dedos, depois levou a mão à sua outra face.

Ela ergueu o rosto.

– Ivy – o som de seu nome na boca dele parecia um beijo.

– Ivy.

E o beijo se tornou realidade.



Capítulo 9



-Ele ganhou de mim! – disse Tristan. – Philip ganhou duas das três partidas que jogamos! Ivy parou de tocar piano, olhou para Tristan e riu. Fazia uma semana que haviam trocado seu primeiro beijo trêmulo. Toda noite, ao dormir, sonhava com aquele beijo, e todos os outros que vieram em seguida.

Estava vivendo um momento incrível. Seu corpo sentia intensamente até mesmo o mais simples toque de Tristan. Cada vez que ele dizia o seu nome, tinha a sensação de que o interior de seu corpo queria responder a ele. Mesmo assim, estar com ele era tão simples e natural. Às vezes, sentia que Tristan já fazia parte da sua vida há anos, principalmente em momentos como aquele, em que estava esparramado no chão da sala de música, jogando dama com Philip.

- Eu não acredito que ele ganhou duas das três partidas.
- Quase três das três partidas – gabou-se Philip.
- Talvez agora você aprenda a não brincar com a Ginger – disse Ivy.

Tristan franziu a testa para a estatueta do anjo que estava em cima do tabuleiro. Philip sempre usava Ginger como uma das peças do jogo.

O anjo de porcelana de dez centímetros já tinha sido de Ivy, mas, quando Philip estava na educação infantil, decidiu enfeitá-la. Passou um esmalte cor-de-rosa no vestido dela e encheu o cabelo de *glitter* dourado para melhorar seu visual; então Ivy decidiu dá-la a Philip.

- Ginger é muito esperta – disse Philip.

Tristan olhou para Ivy com cara de dúvida.

- Talvez, da próxima vez, Philip possa emprestá-la a você, assim você conseguirá vencer – disse Ivy, sorrindo, virando-se para Philip. –

Não está ficando tarde?

– Por que você sempre diz isso? – seu irmão perguntou.

Tristan sorriu. – Porque ela está tentando se livrar de você. Venha. Eu vou ler duas histórias, como fiz da última vez, depois apago a luz.

Foi com Philip para o quarto dele. Ivy ficou no sótão folheando seus módulos de piano, procurando por canções que Tristan pudesse gostar. Ele apreciava Hard Rock, mas não dava para tocar esse ritmo no piano. Ele não sabia nada de Beethoven e Bach. Tristan achava que música clássica eram os musicais da coleção dos pais dele. Tocou várias canções do álbum “Carrousel”, depois colocou o módulo de lado. A noite toda teve a impressão de que a música dentro dela fluía como um rio prateado. Em seguida, apagou as luzes, e começou a tocar a “Sonata ao Luar”, de Beethoven, de cor.

Quando Tristan voltou, estava no meio da sonata. Ele percebeu uma leve hesitação nas mãos dela antes de parar de tocar.

– Não pare – disse suavemente, posicionando-se em pé, atrás dela.

Ivy tocou até o fim. Nenhum dos dois disse nada depois do som do último acorde e ninguém saiu do lugar. Estavam ali, apenas tendo a lua prateada como companhia, iluminando as teclas do piano, e a música, que, no silêncio, prolongava-se em suas mentes.

Ivy reclinou em Tristan.

– Quer dançar? Tristan perguntou.

Ivy riu, e ele fez com que ela se levantasse para que os dois dançassem, circulando pelo quarto. Aninhou sua cabeça no ombro dele e sentiu a intensidade de seu abraço. Dançaram lentamente, cada vez mais lentamente. Seu desejo era que ele não a soltasse nunca mais.

– Como você consegue fazer isso? – sussurrou Tristan. – Como você dança comigo e toca piano ao mesmo tempo?

– Ao mesmo tempo?

– Não é você que está tocando a música que estou ouvindo?

Ivy afastou-se um pouco. – Tristan, essa cantada é tão... tão...

– Velha? Mas consegui fazer com que você olhasse para mim – abaixou a cabeça suavemente, roubando-lhe um beijo longo e delicado.

– Não se esqueça de falar para Tristan dar uma passada aqui na loja de vez em quando – disse Lillian. – Betty e eu adoráramos vê-lo de novo. Nós gostamos de rapazes bonitos.

– Bonitão, Lillian – Ivy respondeu com um sorriso. – Tristan é bonito – o meu bonito, pensou, depois pegou a caixa que estava embrulhada no papel marrom. – É essa a entrega que devo fazer?

– Sim, obrigada, querida. Sei que a entrega não fica no seu caminho.

– Mas não é muito longe – disse Ivy, dirigindo-se para a porta.

– Rua Willow, nº 528 – gritou Betty do fundo da loja.

– 530 – corrigiu Lillian em voz baixa.

Bem, pelo menos eram apenas duas opções, pensou Ivy, ao passar pela porta da loja 'TIS The Season. Olhou para o relógio. Agora não daria mais tempo de ficar um pouco com suas amigas. Suzanne e Beth estavam esperando por ela na praça de alimentação do shopping.

– Você disse que sairia do trabalho há 20 minutos – reclamou Suzanne.

– Eu sei disso. Mas hoje foi um daqueles dias. Vocês me acompanham até o meu carro? Tenho de fazer essa entrega e depois ir correndo para casa.

– Você ouviu isso? Ela tem de ir correndo para casa – Suzanne disse a Beth. – Ela diz que é por causa de uma festa de aniversário. Diz que é o aniversário de 9 anos do Philip.

– É 28 de maio – respondeu Ivy. – Você sabe que é, Suzanne.

– Mas, pelo que sabemos – Suzanne continuou falando com Beth – trata-se de um casamento particular na montanha.

Ivy revirou os olhos e Beth riu. Suzanne ainda não a tinha perdoado por ter mantido as aulas de nataç o em segredo.

– Tristan vai estar lá esta noite? – perguntou Beth ao saírem do shopping.

– Ele é um dos dois convidados de Philip – respondeu Ivy. – E vai sentar-se ao lado de Philip, não do meu, além de passar a noite toda brincando com Philip, e não comigo. Tristan prometeu. Foi o único jeito que tivemos para fazer com que Philip desistisse da ideia de nos acompanhar até o baile de formatura. Ei, onde vocês duas estacionaram?

Suzanne não conseguia se lembrar e Beth não tinha prestado atenção. Ivy ficou dirigindo pelo estacionamento do shopping. Beth procurava pelo carro enquanto Suzanne dava-lhe conselhos sobre roupas e relacionamentos. Falou de tudo, desde estratégias telefônicas, até como era preciso se comportar de forma descontraída para não parecer tão fácil ou tão difícil. Nas últimas três semanas, ela já tinha dado milhões de conselhos.

– Suzanne, acho que a sua estratégia de namoro é muito complicada – Ivy acabou dizendo. – Toda essa encenação e planejamento. Para mim parece tão simples.

Incrivelmente simples pensou. Para ela e Tristan, as últimas semanas tinham sido incrivelmente fáceis. Era fácil relaxar ou estudar juntos, sentar em silêncio um ao lado do outro ou falar ao mesmo tempo – algo que faziam com frequência.

– É porque ele é o seu príncipe encantado – disse Beth com conhecimento de causa.

Só havia uma coisa em relação a Ivy que Tristan não entendia: Os anjos.

– Você teve uma vida difícil – disse ele uma noite. Era a noite de formatura, ou a manhã seguinte a ela, mas o dia ainda não tinha amanhecido. Estavam caminhando descalços pela grama, longe da casa dela no alto da montanha. O brilho da lua crescente no céu parecia um enfeite de Natal fora de época. Só havia uma estrela no céu. Do outro lado, bem longe deles, o único trem agitava-se pelo

vale.

– Você sofreu muito, por isso não a culpo por acreditar – disse Tristan.

– Você não me culpa? Você não me culpa? O que você quer dizer com isso? – mas ela sabia o que ele queria dizer. Para ele, um anjo era apenas um ursinho de pelúcia bonito – algo a que uma criança sempre se agarrava.

Deu-lhe um abraço bem apertado. – Não posso acreditar, Ivy. Eu tenho tudo o que preciso e tudo o que quero bem aqui na Terra – disse. – Bem aqui. Nos meus braços.

– Mas eu não – respondeu, e mesmo tendo somente a pálida lua como fonte de luz, pôde ver a amargura nos olhos dele. Foi aí que começaram a brigar. Ivy percebeu, pela primeira vez, que quanto mais você ama, mais você se magoa. E o que era pior, você magoa a pessoa que ama bem como a você mesma.

Depois que ele foi embora, ela passou a manhã inteira chorando. Ele não retornou as suas ligações naquela tarde. Mas voltou à noite, com 15 rosas. – Uma para cada anjo – disse.

– Ivy! Ivy, você ouviu alguma coisa que eu disse? – perguntou Suzanne, trazendo-a de volta à vida real. – Sabe, achei que se nós conseguíssemos arrumar um namorado para você, você sairia do mundo da lua. Mas eu estava enganada. Você continua por lá! No mundo dos anjos!

– A gente não arrumou um namorado para ela – Beth disse em voz baixa, mas com firmeza. – Eles se descobriram. Lá está o carro, Ivy. Divirta-se. É melhor nos apressarmos, vai cair uma tempestade.

As garotas saltaram para fora do carro e Ivy olhou de novo para o relógio. Agora estava superatrasada. Aumentou a velocidade em direção à rua que dava acesso à autoestrada. Ao cruzar o rio, percebeu como as nuvens escuras moviam-se rapidamente.

A entrega que ela tinha de fazer era em uma daquelas casas recém-construídas no sul da cidade, o mesmo bairro em que tinha dado

umas voltas de carro depois da sua primeira aula de natação com Tristan. Parecia que todas as suas atividades agora faziam-na lembrar de Tristan.

Ivy se perdeu, assim como da outra vez. Dirigia em círculos, de olho nas nuvens. O barulho dos trovões era cada vez mais retumbante. As árvores agitavam-se e derrubavam as suas folhas, acrescentando um estranho brilho de lima ao céu escuro. O vento começava a soprar. Os galhos das árvores se rebatiam e as flores e folhas delicadas eram arrancadas pelo vento forte. Ivy inclinou-se para frente em seu assento, tentando descobrir qual era a casa certa antes que a tempestade começasse.

Já tinha sido difícil encontrar a rua certa. Ela pensou que estivesse na rua Willow, mas a placa dizia que era a rua Fernway, perpendicular a Willow. Teve de sair do carro para ver se as placas não tinham sido trocadas – um esporte cada vez mais popular entre as crianças da cidade. Foi então que ouviu um ronco de motor descendo a curva da montanha. Ficou parada na rua para dar passagem ao motorista. A Harley parou um pouco, depois o motor voltou a funcionar e o motoqueiro passou por ela.

Ia mesmo ter de encontrar a casa usando sua intuição. O terreno estava em uma área bem íngreme, e Lillian disse que a senhora Abromaitis morava em uma ladeira, em um sobrado onde a escada era feita de pedras, com vários vasos enfeitando a fachada da casa.

Ivy deu uma volta com o carro por ali. O vento soprava cada vez mais forte, balançando seu carro. Lá no alto, o céu pálido parecia ser engolido pelas nuvens escuras.

Ivy estacionou no meio de duas casas e tirou a caixa do carro, lutando contra o vento. As duas casas tinham escadas de pedras. As duas casas tinham vasos com flores. Optou por uma delas, e, assim que passou pelo vaso, ele saiu voando, espatifando-se no chão. Ivy gritou, depois riu de si mesma.

No alto da escada, olhou para uma casa, depois para outra, 528 e

530, esperando conseguir alguma pista que a levasse à casa certa. Havia um carro estacionado no 528, escondido entre os arbustos, então provavelmente deveria haver alguém em casa. Em seguida, viu uma silhueta na janela do 528. Alguém procurando por ela, pensou, apesar de não conseguir ver se era homem ou mulher, ou se a pessoa tinha realmente acenado para ela. Tudo que conseguia ver era a turva silhueta de uma pessoa, pois parte da janela refletia a agitação das árvores, iluminadas pelos relâmpagos. Foi em direção à porta de entrada. A silhueta desapareceu. Ao mesmo tempo, a luz da varanda do 530 acendeu. A porta de tela bateu com o vento.

– Ivy? Ivy? – gritou uma mulher da varanda acesa.

– Opa!

Correu até a outra casa, entregou o pacote, e voltou às pressas para o carro. O céu se abriu, e a chuva torrencial começou. Bem, não seria a primeira vez que Tristan olharia para ela, e ela estaria parecendo um pintinho molhado.

Ivy, Gregory e Andrew chegaram tarde em casa, e Maggie parecia irritada. Philip, obviamente, nem ligou. Ele, Tristan, e seu novo colega de escola, Sammy, estavam jogando videogame, um dos muitos presentes que Andrew dera a ele por causa de seu aniversário.

Tristan sorriu ao ver Ivy ensopada. – Estou feliz por ter ensinado você a nadar – disse, levantando-se para beijá-la.

A água de seu corpo pingava por todo o chão do piso de madeira. – Vou te deixar todo molhado – avisou Ivy.

Ele a envolveu ainda mais em seus braços e a puxou para mais perto de si. – Eu já seco – sussurrou. – Além do mais, é engraçado ver a cara de nojo do Philip.

– Eca! – disse Philip, como se tivesse ouvido a conversa deles.

– Argh! – concordou Sammy.

Ivy e Tristan permaneceram abraçados e riram. Depois, Ivy foi correndo para seu quarto para trocar de roupa e secar o cabelo. Passou um batom e mais nada – seus olhos já estavam iluminados o

suficiente e suas bochechas bem coradas. Procurou por alguma bijuteria na sua caixa de brincos, depois desceu as escadas, chegando a tempo de ver Philip terminar de abrir os presentes.

– Ela colocou os brincos de pavão – Philip disse a Tristan assim que Ivy sentou-se à mesa de frente para os dois.

– Droga – disse Tristan. – Esqueci de colocar os meus brincos de cenoura.

– E os seus rabinhos de camarão – brincou Philip.

Ivy perguntava-se quem estava mais feliz naquele momento, Philip ou ela. Sabia que Gregory estava em um momento ruim da sua vida. Tinha sido uma semana difícil para ele; havia lhe confidenciado estar ainda muito preocupado com sua mãe, embora não dissesse o motivo. Ultimamente, seu pai falava muito pouco com ele. Maggie tentava puxar conversa, mas nunca dava certo.

Ivy virou-se para ele. – Os ingressos para ver o jogo dos Yankee foram uma ideia maravilhosa. Philip adorou o presente.

– Ele tem um jeito bem estranho de demonstrar gratidão.

Era verdade. Philip havia agradecido de forma muito educada, mas pulou de alegria ao ver os exemplares da revista *Sports Illustrated*, que continham reportagens sobre Don Mattingly, que Tristan achara no fundo do baú.

Durante o jantar, Ivy esforçou-se para que Gregory participasse da conversa. Tristan tentou falar de esportes e carros, mas só obteve respostas monossilábicas. Andrew mostrou-se irritado, mas Tristan não pareceu ficar ofendido.

O cozinheiro de Andrew, Harry – que tinha sido despedido logo após o casamento e readmitido depois de seis semanas da culinária de Maggie – tinha preparado um jantar delicioso, porém, Maggie insistiu em fazer o bolo de aniversário do filho. Harry trouxe o bolo, pesado e estranho, evitando olhar para ele.

O rosto de Philip se iluminou. – É o Bolo Tolo! – a cobertura do bolo de chocolate, ridículo e exageradamente confeitado, possuía nove

velas de vários ângulos diferentes, que foram rapidamente apagadas enquanto todos cantavam para Philip. No final do parabéns, a campainha tocou. Andrew franziu a testa, mas levantou-se para abrir a porta.

Do seu lugar, Ivy conseguia ver o *hall*. Eram dois policiais, um homem e uma mulher, conversando com Andrew. Gregory inclinou-se para perto de Ivy para ver o que estava acontecendo. – O que você acha que é? – sussurrou Ivy.

– Alguma coisa na faculdade – foi o palpite dele.

Tristan fez uma cara de interrogação para Ivy e ela deu de ombros para ele. Sua mãe, sem perceber que havia algo errado, continuou cortando o bolo.

Então, Andrew voltou para a sala de jantar.

– Maggie – ela deve ter percebido alguma coisa no olhar dele. Soltou a faca imediatamente e foi para o lado de Andrew, que pegou em sua mão.

– Gregory, Ivy, vocês podem vir conosco para a biblioteca, por favor? Tristan, você pode cuidar dos garotos? – perguntou.

Os policiais ainda estavam esperando no corredor. Andrew levou-os à biblioteca. Se fosse algum problema na faculdade, não seria necessário conversar com todo mundo, pensou Ivy.

Quando todos estavam sentados, Andrew disse: – Não existe uma maneira mais fácil de começar. Gregory, sua mãe morreu.

– Ah, não! – disse Maggie. Ivy virou-se rapidamente para Gregory. Ele não saiu do lugar em que estava sentado e olhava fixamente para o pai, mas não disse nada.

– A polícia recebeu uma ligação anônima por volta das 17h30, dizendo que alguém naquele endereço precisava de ajuda. Quando chegaram, ela já estava morta, com um tiro na cabeça.

Gregory não piscou. Ivy pegou na mão dele. Estava fria como gelo.

A polícia perguntou... eles precisam saber... faz parte do procedimento de rotina... – Andrew não conseguiu continuar. Virou-se

para os policiais. – Talvez fosse melhor vocês explicarem.

– Como procedimento de rotina – disse a policial – Precisamos fazer algumas perguntas. Estamos averiguando a casa para ver se há alguma informação relevante ao caso, embora pareça muito conclusivo que a morte dela tenha sido suicídio.

– Deus! – disse Maggie.

– Quais são as provas que vocês têm para chegar a essa conclusão? – perguntou Gregory. – Sei que é verdade que minha mãe era depressiva e estava mais deprimida desde o começo de abril...

– Deus! – repetiu Maggie. Andrew aproximou-se dela, mas ela se afastou.

Ivy sabia o que sua mãe estava pensando. Lembrou-se da cena que havia ocorrido na semana anterior, quando, de alguma forma, uma foto de Caroline e Andrew foi parar na mesa do *hall*. Andrew disse a Maggie para jogar a foto no lixo.

Maggie não conseguiu. Ela não queria pensar que tinha sido ela quem tivesse “jogado Caroline fora daquela casa” – nem antes e nem agora. Ivy percebeu que sua mãe se sentia responsável pela infelicidade de Caroline, e agora por sua morte.

– Eu ainda gostaria de saber... – continuou Gregory. – o que leva vocês a pensarem que ela se matou? Essa não parece uma atitude que ela tomaria. De forma alguma ela faria isso. Era uma mulher muito forte.

Ivy mal podia acreditar em como Gregory conseguia falar de forma tão clara e tão objetiva.

– Em primeiro lugar, existem as provas circunstanciais – disse o policial. – Ela não deixou nenhum bilhete, mas havia fotografias rasgadas e espalhadas em volta do corpo dela – disse olhando para Maggie.

– Fotografias...? Perguntou Gregory.

Andrew prendeu a respiração.

– Do senhor e da senhora Baines – disse o policial. – Fotos de jornal sobre o casamento deles.

Maggie inclinou-se na cadeira, abaixou a cabeça, e abraçou seus joelhos. Andrew olhava para ela, sentindo-se impotente.

Ivy tentou soltar a mão de Gregory para confortar sua mãe, mas ele a segurou forte.

– A arma ainda estava na mão dela. Havia queimaduras de pólvora em seus dedos, o tipo de queimadura que uma pessoa sofre quando usa a arma. É claro que vamos verificar a arma para ver se existem impressões digitais e se as balas conferem uma com a outra, e avisaremos vocês, caso encontremos algo inesperado. Mas a porta da casa dela estava trancada, não havia sinal de arrombamento, o ar-condicionado estava ligado e as janelas fechadas, então...

Gregory respirou fundo. – Então, acho que ela não era tão forte como pensava... A que horas vocês acham que isso aconteceu?

– Entre 17 horas e 17h30, não muito antes de chegarmos ao local.

Ivy sentiu uma sensação estranha tomar conta de seu corpo. Nesta mesma hora ela estava naquele bairro. Lembrava-se de ter olhado para o céu raivoso e para a agitação das árvores. Será que ela tinha passado pela casa de Caroline? Será que Caroline teria se matado em meio à fúria da tempestade?

Andrew perguntou se poderiam falar com a polícia mais tarde e tirou Maggie do ambiente. Gregory ficou ali para responder a algumas perguntas sobre sua mãe e sobre relacionamentos ou problemas que ela pudesse ter tido. Ivy queria sair; não queria ouvir os detalhes da vida de Caroline e estava louca para ficar com Tristan, ansiosa para sentir seus braços firmes entrelaçados aos seus.

Mas Gregory não a deixou ir. Sua mão era fria e indiferente para ela e seu rosto ainda não demonstrava expressão alguma. A voz dele era tão calma que lhe dava arrepios. Mas, dentro dele parecia haver uma luta interna, uma pequena parte dele admitia o horror da situação e pedia pela companhia dela. Então, ficou com ele. Bem depois, Tristan

foi embora e todos os outros já estavam dormindo.



Capítulo 10



-Mas você me disse que o Gary queria sair na sexta-feira à noite! – disse Ivy. – E queria! – respondeu Tristan, deitando-se na grama ao lado dela. – Mas a garota com quem ele ia sair mudou de ideia. Deve ter recebido um convite melhor.

Ivy balançou a cabeça. – Por que o Gary sempre corre atrás das garotas mais bonitas?

– Por que a Suzanne corre atrás do Gregory? – contra-argumentou Tristan.

Ivy sorriu. – Pela mesma razão que Ella corre atrás de borboletas, penso eu – disse, observando o balé saltitante da gata. Ella sentia-se totalmente à vontade no jardim que o reverendo Carruthers tinha plantado para ela. Plantas que gatos apreciavam: bocas de dragão, lírios, rosas, entre outras.

– Você tem algum problema em sair no sábado à noite? – perguntou Tristan. – Se for trabalhar, podemos pegar a última sessão do cinema.

Ivy sentou-se. Tristan era sua prioridade, sempre. Mas já tinham planos para sexta à noite e sábado também. Bem, pensou, era melhor contar logo a ele. – Gregory convidou Suzanne, Betty, eu e outros amigos para sair no sábado à noite.

Tristan não escondeu a surpresa nem o descontentamento.

– Suzanne ficou superansiosa – disse Ivy rapidamente. – E Beth, toda animada; ela não sai muito.

– E você? – perguntou Tristan levantando-se em um só impulso, arrancando um pedaço da grama.

– Acho que tenho de ir... pelo bem de Gregory.

– Acho que você tem feito muitas coisas pelo bem de Gregory nas

últimas semanas.

– Tristan, a mãe dele se matou!

– Eu sei disso.

– Moro na mesma casa que ele. Dividimos a mesma cozinha, os mesmos corredores e a mesma sala de TV. Tenho visto seus altos e baixos; mais baixos do que altos – acrescentou suavemente, pensando nos dias em que Gregory não fazia nada além de sentar e ler o jornal, folheando-o como se estivesse procurando algo que nunca encontrava.

– Acho que ele está muito bravo. Ele tenta esconder, mas sei que está furioso com sua mãe por ter se matado. Outro dia, era 1h30, e ele estava na quadra de tênis, arremessando as bolas violentamente contra a parede – naquela noite, Ivy saiu para falar com ele. Ele se virou ao ouvir seu nome, e ela pôde ver a profundidade da sua raiva e da sua dor.

– acredite em mim, Tristan, vou ajudá-lo quando puder, e vou continuar ajudando, mas se você acha que sinto alguma coisa por ele, se você acha que ele e eu... Isso é ridículo! Se você acha... Eu não posso acreditar que você...

– Ou, ou – jogou-se em cima dela na grama.

– Não estou preocupado com nada disso.

– Então, o que está te incomodando?

– Acho que são duas coisas. A primeira é que muito do que você está fazendo por ele deve-se ao fato de estar se sentindo culpada.

– Culpada! – ela o empurrou, voltando a sentar-se.

– Acho que a sua atitude é igual a de sua mãe, acreditando que você e sua família são responsáveis pela infelicidade de Caroline.

– Mas não somos.

– Eu sei disso. Só quero ter certeza de que você também saiba... E que você não está tentando compensar coisas para alguém que só está se aproveitando da situação; se me permite falar.

– Não sei do que você está falando – disse Ivy, arrancando um

pedaço da grama. – Você realmente não sabe o que ele está passando. Você não convive com Gregory. Você...

– Convivo com Gregory desde o primeiro ano da escola.

– As pessoas mudam quando crescem.

– Convivo com Eric durante o mesmo período. Eles já fizeram coisas bem feias juntos, extremamente perigosas. E essa é a outra coisa que me preocupa.

– Mas Gregory não ia tentar fazer coisas desse tipo comigo e com os meus amigos por perto. Ele me respeita, Tristan. Isso é só um jeito de tentar recomeçar, depois de três semanas.

Tristan não ficou convencido.

– Não deixe isso interferir em nosso relacionamento – disse ela.

Colocou a mão em seu rosto. – Não deixaria que nada interferisse em nosso relacionamento. Nem as montanhas, os rios, os continentes, a guerra, nem mesmo as inundações...

– Ou a morte horrenda. Então você também leu a última história da Beth? – Gary devorou!

– Gary? Você está brincando?

– Ele levou a cópia que você tinha me dado, mas fez com que eu jurasse que iria dizer para você que tinha perdido.

Ivy riu e deitou-se ao lado de Tristan, apoiando a cabeça em seu ombro. – Então, você entende porque disse sim para Gregory?

– Não, mas a escolha é sua e ponto final. Então, quais são seus planos para o outro sábado?

– Quais são os seus planos? – Ivy perguntou.

– Jantar no Hotel Durney.

– No hotel! Nossa, você deve estar ganhando muito bem com as aulas de nataç o neste ver o.

– Estou ganhando o suficiente. Por acaso voc  conhece alguma garota bonita que gosta de ser tratada   luz de velas e comida francesa?

– Sim, conhe o.

– Ela vai estar disponível nesse dia?

– Talvez. Ela tem direito a uma entrada?

– Três, se quiser.

– E sobremesa?

– Suflê de framboesa. E beijos.

– Beijos...

– Bem, foi divertido – comentou Ivy secamente sobre a festa.

– Eu já estava ficando entediado mesmo – disse Eric.

– Eu não – disse Beth. Ela foi a última a sair da festa na fraternidade do campus da universidade naquele sábado à noite. Entrevistou quase todo mundo. Quando os alunos do ensino médio foram expulsos da festa, foi convidada a ficar. A fraternidade Sigma Pi Nu ficou lisonjeada em saber que ela iria escrever uma história sobre ela.

– Eric, você tem de aprender a se controlar – disse Gregory, claramente irritado. Gregory tinha ficado em um canto com uma ruiva (o que foi a deixa para Suzanne iniciar um corpo a corpo com um cara barbudo), quando Eric decidiu começar uma luta com um gigante que usava camiseta do time da universidade. Nada esperto.

Agora, Eric estava em pé nos degraus de um edifício sustentado por pilares, olhando para uma estátua e inclinando a cabeça para a esquerda e para a direita, como se estivesse conversando com ela. Suzanne deitou-se de costas em um banco da faculdade, rindo de si mesma, com os joelhos levantados, e agitando-os de maneira provocativa. Gregory de olho nela.

Ivy desviou o olhar. Ela e o Will eram os únicos que não tinham bebido. Will pareceu ficar à vontade na festa do campus, mas impaciente. Talvez os rumores na escola fossem verdadeiros: ele já tinha visto de tudo e não se impressionava com quase mais nada.

Assim como Ivy, Will também era aluno novo na escola. O pai dele era produtor de televisão em Nova York, o que fez com que marcasse muitos pontos com a galera da escola. Assim que chegou, foi imediatamente aceito pelo grupo, e seu jeito silencioso fez com que

as pessoas não tivessem muita vontade de aprontar com ele. Era fácil imaginar muitas coisas sobre o Will, e a maioria das pessoas que Ivy conhecia imaginava que ele era bem maneiro.

– Onde está o ssssseu velho? – perguntou Eric subitamente, ainda olhando para a estátua.

– G.B., onde está o ssssseu velho?

– Este é o velho do meu velho – Gregory respondeu.

Ivy percebeu que aquela era a estátua do avô de Gregory. É claro. Estavam na frente do Baine's Hall.

– Por que ssssseu velho não essssstá lá?

Gregory sentou-se no banco na frente de Suzanne.

– Acho que é porque ele ainda não morreu – disse, dando um longo gole na sua garrafa de cerveja.

– Então por que a sssssua velha não está lá? Hein? – Gregory não respondeu. Em vez disso, tomou outro gole.

Eric franziu a testa para a estátua.

– Sssssinto falta dela. Da velha Caroline. Sei muito bem disso.

– Eu sei – disse Gregory em voz baixa.

– Então, vamosssss colocá-la lá – disse, piscando para Gregory.

Gregory não respondeu e Ivy foi ficar ao lado dele. Pousou delicadamente a mão no ombro de Gregory.

– Caroline está bem aqui no meu bolso – disse Eric.

Todos olharam enquanto ele procurava nos bolsos da camisa e da calça. Finalmente, tirou um sutiã e esfregou em seu rosto. – Ainda está quente.

Ivy colocou a outra mão no ombro de Gregory. Dava para sentir como estava tenso.

Eric enfiou o sutiã no braço e escalou a estátua com dificuldade.

– Você vai se matar – Gregory disse a ele.

– Igual à sua mãe – disse Eric.

Gregory não respondeu e tomou mais um gole da cerveja. Ivy desviou o olhar de Eric. Gregory apoiou a cabeça contra o corpo de

Ivy, e ela percebeu que ele ficou um pouco mais relaxado. Tanto Suzanne quanto Will estavam de olho nos dois, Suzanne não parava de piscar.

Mas Ivy não saiu do lugar enquanto Eric colocava o sutiã no juiz Baines. Depois saiu para confiscar algumas garrafas de cerveja que ainda não haviam sido abertas e foi em direção a Suzanne. – Acho que você podia dar um pouco de apoio ao Gregory.

– Depois de você e da ruiva.

Ivy ignorou o comentário. Suzanne já tinha bebido muito.

– Eric deu um grito e eles se viraram rapidamente para vê-lo escorregando estátua abaixo. Caiu no cascalho, rolando como uma lesma. Will correu na direção dele. Gregory riu.

– Não quebrei nada, só meu cérebro – Eric respondeu quando Will o ajudou a se levantar.

– Acho que a gente deveria voltar para o carro – disse Will.

– Mas a festa mal começou – protestou Gregory, ficando de pé. Era óbvio que o álcool já estava fazendo efeito. – Não me sinto tão bem assim desde quem sabe quando.

– Eu sei quando – disse Eric.

– A festa vai acabar assim que a polícia da faculdade nos pegar – salientou Will.

– Meu pai é o mandachuva aqui. Ele vai mexer os pauzinhos por nós.

– Ou vai nos dar umas pauladas – disse Eric.

Ivy olhou no relógio. Eram 11h45. Perguntou-se onde Tristan poderia estar e o que estaria fazendo. Será que sentia falta dela? Podiam estar sentados, lado a lado, nesse momento, apreciando a bela noite de junho.

– Vamos, Beth. Suzanne. – disse, triste por ter colocado as amigas nessa situação.

– Sim, mamãe – Suzanne respondeu. Gregory riu, o que magoou um pouco Ivy. Os dois estão bêbados, disse a si mesma.

Levou um tempão para que os seis encontrassem o carro de Gregory novamente. Quando encontraram, Will tentou pegar a chave de Gregory. – Não é melhor eu dirigir?

– Eu dou conta disso – disse Gregory.

– Dessa vez não.

O tom de Will era descontraído, mas pegou as chaves de uma maneira determinada.

Gregory as pegou de volta. – Ninguém dirige a minha BMW, só eu.

Will olhou para Ivy.

– Por favor, Gregory – ela disse. – Por favor, Gregory. Deixe que eu decida isso por você.

– Se outra pessoa dirigir, você poderá beber muito mais – Will tentou convencer Gregory.

– Vou beber o quanto quiser e dirigir o quanto quiser – gritou Gregory. – E se você não está contente, vá a pé. – Ivy pensou em caminhar até o telefone mais próximo e pedir uma carona. Mas sabia que Suzanne ficaria com Gregory, e sentia-se responsável por sua segurança.

Will perguntou para Ivy se podia pegar sua blusa de lã emprestada, depois juntou com seu casaco e os colocou no meio dos dois assentos da frente, criando um terceiro assento. Empurrou Eric para o banco da frente e assim Gregory, ele e Eric estavam sentados os três juntos. Ivy entrou no meio do banco de trás, com Beth e Suzanne de cada lado.

– Nossa, Will! – disse Gregory, observando a forma como ele se enfiou no meio dos dois. – Não sabia de seus sentimentos. Suzanne, venha para cá.

Ivy conteve Suzanne.

– Eu disse, venha para cá. Deixa o Will sentar aí atrás com a garota dos seus sonhos.

Ivy balançou a cabeça e suspirou.

– As pessoas que provavelmente vão vomitar têm de sentar perto

da janela – disse Will.

Ivy afivelou o cinto de Suzanne.

Gregory deu de ombros e ligou o carro. Dirigia em uma velocidade muito rápida, rápida demais. Os pneus derrapavam diante das curvas, pareciam estar se despregando da estrada. Beth fechava os olhos. Suzanne e Eric colocavam a cabeça para fora da janela conforme o carro movia-se de forma repugnante de um lado para o outro. Ivy olhava sempre para frente, seus músculos se contraíam cada vez que Gregory brecava ou fazia uma curva, como se estivesse dirigindo por ele. Will, na verdade, chegou até a dirigir um pouco. Foi aí que Ivy percebeu porque ele tinha se sentado em um lugar perigoso e sem cinto de segurança.

Seguiam por uma estrada paralela e, quando finalmente atravessaram o rio, aproximando-se da cidade, Ivy soltou um suspiro de alívio. Mas Gregory fez uma curva violenta e tomou o rumo norte pegando a estrada paralela ao rio, abaixo da montanha, passando pela estação de trem e ultrapassando os limites da cidade.

– Aonde vamos? – Ivy perguntou enquanto seguiam pela estrada estreita.

– Você vai ver – Eric colocou a cabeça para fora da janela. – Medo, medo, medo! – cantava. – Quem tem medo, medo, medo? A montanha parecia um gigante escuro à direita, comprimindo a estrada cada vez mais em direção aos trilhos de trem à esquerda. Ivy sabia que estavam indo para o lugar em que os trilhos atravessavam o rio.

– As pontes duplas – Beth sussurrou para ela assim que saíram da estrada. Gregory desligou o motor e apagou os faróis. Ivy não conseguia ver nada. – Quem tem medo, medo, medo? – disse Eric, balançando a cabeça para lá para cá.

Ivy sentiu-se mal com a fumaça do carro e o odor de álcool. Ela e Beth saíram do carro. Suzanne sentou-se no carro com a porta aberta do outro lado. Gregory abriu o porta-malas. Mais cerveja.

– Onde você comprou tudo isso? – indagou Ivy. Gregory sorriu e

colocou seu braço pesado ao redor dos ombros dela. – Mais uma coisinha que devemos agradecer ao Andrew.

– Andrew comprou? – disse, incrédula.

– Não, foi o cartão de crédito dele.

Em seguida, ele e Eric pegaram a caixa de cerveja.

Apesar de Ivy entender a necessidade de Gregory aliviar o estresse, apesar de saber como estava sendo difícil para ele desde a morte da mãe, não conseguia controlar a raiva que crescia dentro dela a cada minuto e que agora começava lentamente a dar lugar ao medo.

O rio não estava muito longe dali; dava para ouvir sua força contra as pedras. Seus olhos adaptaram-se à escuridão para que pudesse seguir a fiação do trem elétrico. Lembrou-se porque os garotos iam ali: para brincar do jogo do medo na ponte da ferrovia. Ivy não queria seguir Gregory na fila única em direção às pontes. Mas não podia ficar para trás, não com Suzanne incapaz de cuidar de si mesma.

Eric estava atrás dela, empurrando-a, cantando em um tom alto e estranho: – Quem tem medo, medo, medo?

Dava para sentir as pedrinhas rolando embaixo de seus pés. Eric e Suzanne não paravam de tropeçar nas travessas da rodovia. O grupo caminhava pela avenida que bifurcava em meio às árvores, um caminho que os trens faziam apressadamente de Nova York para as cidades do norte.

A avenida se abriu e Ivy viu as duas pontes lado a lado, a mais nova tinha 200 metros a mais do que a antiga. O brilho do aço de seus trilhos delineava o caminho da mais nova. Não havia corrimão nem cerca de segurança. Os arabescos abaixo dela alongavam-se como uma teia sinistra e escura na frente do rio. A ponte mais velha tinha se quebrado ao meio. Cada lado parecia uma mão que se estendia pelas margens do rio, com os seus dedos de metal e madeira podre, seguindo em frente, porém incapaz de prender-se aos demais. Bem abaixo das duas pontes, a água agitava-se e assobiava.

– Siga o líder, siga o líder – disse Eric com seu olhar arrogante na

frente deles, cambaleando em direção à ponte mais nova.

Ivy prendeu dois dedos no cinto da saia de Suzanne.

– Você não.

– Me solta! – gritou Suzanne.

Suzanne tentou seguir Ivy em direção à ponte, mas Ivy segurou Suzanne. – Me solta!

Elas brigaram e Gregory riu das duas. Depois Suzanne soltou-se de Ivy. Desesperada, Ivy correu e pegou a perna de Suzanne, fazendo com que ela tropeçasse no trilho, caindo no caminho de pedras. Suzanne tentou levantar-se, mas não conseguiu. Acabou recuando, seus olhos fuzilavam Ivy e as mãos estavam cerradas de raiva.

– Beth, é melhor você ver se ela está bem – disse Ivy, voltando sua atenção para Eric, que estava a uns 450 metros de lá, aproximando-se da água. Seu corpo magro demais pulava e virava sobre o trilho, parecendo um esqueleto dançante.

– Medo, medo, medo – provocava os outros. – Quem tem medo, medo, medo?

Gregory encostou-se em uma árvore e riu. Will observava com cautela. Então, todo o mundo se virou ao ouvir o assobio do outro lado do rio.

Era o assobio do trem da meia-noite que Ivy ouvia com tanta frequência de sua casa do alto da montanha, um som que embalava seu coração como uma fita toda noite, como se quisesse levá-la com ele.

– Eric! – ela e Will gritaram ao mesmo tempo. Beth segurou Suzanne, que estava inclinada no meio dos arbustos, vomitando.

– Eric!

Will foi correndo atrás dele, mas Eric saiu correndo de forma desvairada, saltando por entre os trilhos. Will correndo atrás.

Os dois vão morrer, pensou Ivy. – Will, volte! Will! Você não pode!

O trem vinha em direção à ponte, o brilho do seu olho no meio da noite, transformando os dois garotos em bonecos de papel. Ivy viu

Eric cambaleou na beira da ponte. Embaixo dele só havia água e pedras.

Ele vai pular a velha ponte, pensou, ele não vai sobreviver.

Anjos, ajudem-nos! Rezou. Anjo das águas, onde está você? Tony? Estou te chamando! Eric inclinou-se e saltou de uma vez para o outro lado.

Ivy gritou. Ela e Beth não paravam de gritar.

Will corria de volta, tropeçava e corria. O trem não diminuía a velocidade. Era enorme e escuro. Tão grande quanto à noite, aproximando-se por trás dele com seu único olho cego. Seiscentos metros, 450 metros... Will não ia conseguir! Parecia uma mosca sendo sugada em direção à luz.

– Will! Will! – gritou Ivy. – Ah, anjos... Ele saltou.

O trem saiu correndo, embaixo dele o chão tremia, o cheiro de metal queimado espalhava-se pelo ar. Ivy saiu correndo ladeira abaixo, indo em direção ao lugar em que Will tinha saltado.

– Will? Will, responda!

– Estou aqui. Estou bem.

Levantou-se na frente dela. Erguido pelos anjos, pensou.

Abraçaram-se por um momento. Ivy não sabia se era ele ou ela que tremia tão violentamente.

– Eric? Ele...

– Não sei – respondeu rapidamente. – Podemos descer até o rio por aqui?

– Tente o outro lado.

Subiram a margem juntos. Quando chegaram ao topo, pararam e olharam. Eric vinha na direção deles pela ponte nova, trazia uma corda grossa e uma corda de *bungee* pendurada casualmente no seu ombro. Levou um tempo para que entendessem o que tinha acontecido. Ivy virou-se imediatamente para olhar para Gregory. Será que ele sabia das intenções de Eric?

Ele sorria. – Excelente! – disse a Eric. – Excelente!



Capítulo 11



-Sabe o que eu não entendo? – disse Gregory, inclinando a cabeça, examinando a saia de seda curta de Ivy com um olhar travesso no rosto. – Não entendo por que você nunca usa o vestido do casamento da sua mãe.

Meg, que estava carregando um prato de sanduíches para Andrew, parou e olhou pra eles. Todos iriam sair naquela noite.

– Ah, é um vestido muito formal para o Hotel Durney – disse Maggie. – Mas você tem razão, Gregory, Ivy tem de achar algum lugar para usar aquele vestido novamente.

Ivy deu um leve sorriso para sua mãe e depois fuzilou Gregory com o olhar. Ele sorriu para ela.

Depois que Maggie saiu da cozinha, disse de forma casual: – Você está linda hoje! – apesar de não conseguir tirar os olhos dela. Ivy não tentava mais entender o que Gregory queria dizer com os seus comentários... se estava realmente fazendo um elogio ou sutilmente tirando sarro dela. Deixava para lá muito do que ele dizia. Talvez, estivesse finalmente se acostumando a ele.

– Você está se acostumando a criar desculpas para ele – Tristan disse, depois que ela contou o que tinha acontecido no sábado à noite.

Ivy ficou furiosa com Eric e sua pegadinha estúpida. Gregory não admitiu sua participação na brincadeira. Deu de ombros e disse: – Você nunca sabe o que o Eric vai aprontar. É isso que faz dele um cara engraçado.

É claro que tinha ficado com raiva de Gregory também. Mas via as dificuldades pelas quais ele passava, pois convivia com ele diariamente. Desde a morte da mãe, havia momentos em que ele

parecia completamente perdido em seus pensamentos. Pensou no dia em que a convidou para dar um passeio de carro e eles foram até o antigo bairro da mãe dele. Contou a ele que tinha estado lá no dia daquela tempestade. Ele mal respondeu e, depois disso, não olhou novamente nos olhos dela o restante do tempo até voltarem para casa.

– Eu teria de ser feita de pedra para não sentir pena dele – Ivy disse a Tristan e eles pararam de falar no assunto.

Tanto Gregory quanto Tristan estavam determinados a se evitar. Como sempre, Gregory desapareceu assim que Tristan chegou naquela noite. Tristan sempre chegava mais cedo para brincar um pouco com Philip. Ivy percebeu com certa satisfação que, dessa vez, Tristan não conseguia se concentrar, apesar de o time da casa estar perdendo por dois pontos na partida final com Don Mattingly vindo para rebater. A segunda base era roubada e o apanhador não parava de olhar para Ivy.

Philip ficou frustrado na terceira vez em que Tristan não conseguiu se lembrar de quantas vezes a bola tinha saído para fora, e saiu do quarto batendo os pés, para chamar Sammy. Ivy e Tristan aproveitaram a oportunidade para sair da casa. No caminho para o carro, Ivy percebeu que Tristan parecia estranhamente quieto.

– Como vai Ella?

– Bem.

Ivy esperou. Em geral, ele contava alguma coisa engraçada sobre Ella. – Só bem?

– Muito bem.

– Você comprou um sino novo para coleira dela?

– Sim.

– Tem alguma coisa errada, Tristan?

Ele não respondeu logo em seguida. Deve ser Gregory, pensou. Ele ainda estava chateado com a história do final de semana passado com Gregory.

– Me diga – olhou para ela e tocou seu pescoço nu. Seu cabelo estava preso naquela noite. Seus ombros também estavam nus, exceto por duas tiras fininhas. O *top* que ela usava era feito de *lingerie*, com pequenos botões na frente.

Tristan deslizou a mão pelo pescoço dela, depois por seus ombros nus. – Às vezes, é difícil acreditar que você seja de verdade – disse.

Ivy engoliu em seco. Ele a beijou ainda de forma mais gentil.

– Talvez... fosse melhor entrarmos no carro – sugeriu, olhando para as janelas da casa.

– Certo.

Ele abriu a porta. Havia flores no banco do carro, mais rosas. – Opa, esqueci. Você quer levá-las lá para dentro?

Pegou-as e segurou bem perto de seu rosto. – As quero comigo.

– Provavelmente vão morrer.

– Podemos colocá-las em um copo com água no restaurante.

Tristan sorriu. – Isso vai mostrar ao *maître* que temos classe.

– São lindas.

– Sim – disse suavemente. Olhando-a de cima a baixo, como se estivesse memorizando-a. Então, beijou-a na testa e segurou as rosas para que entrasse no carro.

Enquanto Tristan dirigia, falaram dos seus planos sobre o futuro. Ivy estava feliz por Tristan ter pego a estrada antiga em vez da autoestrada. As árvores tinham o aroma fresco e almiscarado de junho. A luz marcava os seus galhos como moedas de ouro deslizando pelos dedos dos anjos. Tristan dirigia pela estrada sinuosa com uma mão na direção e outra segurando a dela, como se ela fosse fugir.

– Quero ir ao lago Juniper. Vou boiar na parte mais funda por uma hora, com os raios do sol iluminando meus dedos...

– Até que um peixe bem grande apareça – provocou Tristan.

– Vou boiar à luz da lua também.

– À luz da lua! Você nadaria no escuro?

– Com você eu nadaria. Poderíamos nadar nus – entreolharam-se e, por um momento, não conseguiam desviar o olhar. – É melhor eu não olhar pra você e dirigir ao mesmo tempo.

– Então pare de dirigir – respondeu ela em voz baixa. Ele olhou para ela rapidamente e ela colocou a mão na boca. As palavras tinham escapado de sua boca e agora sentia-se tímida e envergonhada. Os casais se arrumavam para ir aos restaurantes e não para parar na estrada para namorar.

– Vamos nos atrasar para nossa reserva – disse ela. – É melhor irmos – Tristan desviou o carro da estrada.

– Lá está o rio. Quer andar até lá?

– Sim – disse, colocando as rosas no banco do carro. Tristan deu a volta para abrir a porta para Ivy.

– Você vai conseguir andar com esse sapato? – perguntou Tristan olhando para o salto alto de Ivy.

Ela saiu do carro e os dois saltos afundaram-se na lama.

Ivy riu e Tristan a ergueu. – Vou te dar uma carona – disse.

– Não, você vai me derrubar na lama.

– Não, não até a gente chegar lá – disse, erguendo-a no alto, segurando suas duas pernas e deixando a parte superior do seu corpo cair sobre os seus ombros, como se estivesse segurando um saco de batata.

Ivy riu e bateu nas costas dele. Seu cabelo estava se desprendendo todo. – Meu cabelo! Meu cabelo! Me ponha no chão!

Ele a trouxe para frente e a escorregou lentamente na sua frente, a saia subiu e o cabelo ficou todo desarrumado.

– Ivy.

Ele a abraçou tão forte, que dava para sentir o quanto o seu corpo estava tremendo.

– Ivy! – suspirou. Ela abriu a boca e pressionou os lábios contra o pescoço dele.

Os dois procuraram a maçaneta da porta do carro ao mesmo tempo,

abrindo a porta traseira do carro.

– Nunca imaginei que o banco de trás de um carro pudesse ser romântico – disse Ivy, reclinando-se, sorrindo para Tristan. Em seguida, olhou para a bagunça que estava no chão do carro. – Talvez fosse melhor você tirar a sua gravata de dentro do copo do Burger King.

Tristan pegou a gravata encharcada e jogou no banco da frente, depois sorriu e sentou-se ao lado dela novamente.

– Ai! – o odor de flores esmagadas espalhou-se por todo o carro.

Ivy deu uma gargalhada.

– Qual é a graça? – perguntou Tristan, tirando as rosas esmagadas, grudadas em suas costas; não conseguindo evitar o riso.

– E se alguém passar por aí e reparar no adesivo de sacerdote do seu pai colado no para-choque do carro?

Tristan jogou as flores no banco da frente e trouxe Ivy para mais perto. Deslizou a mão pelo vestido de seda que ela usava e deu um beijo suave em seu ombro. – Eu falaria que estava com um anjo.

– Ah! Que conversa fiada!

– Ivy, eu te amo – disse Tristan, ficando sério subitamente.

Ela olhou para ele e depois mordeu os lábios.

– Isso não é um jogo. Eu amo você, Ivy Lyons, e um dia você vai acreditar em mim.

Ela deu-lhe um abraço bem apertado. – Te amo, Tristan Carruthers – sussurrou em seu ouvido. Ivy acreditava, e confiava nele como jamais havia confiado em alguém. Um dia, criaria coragem para dizer, com todas as letras: Eu te amo, Tristan. Colocaria a cabeça para fora da janela e gritaria. E até colocaria uma faixa bem no meio da piscina da escola.

Depois disso, levaram alguns minutos para se arrumar. Ivy começou a rir de novo. Tristan sorriu ao vê-la tentar inutilmente arrumar os cabelos desalinhados. Em seguida, ligou o carro, passando por cima dos buracos e das pedras até chegar à estrada estreita.

– Última olhada no rio – disse assim que fizeram uma curva, desviando-se do lugar em que estavam.

O sol de junho dominava toda a região oeste do interior de Connecticut, enviando os seus raios de luz às copas das árvores, cobrindo-as como se fossem ouro. A estrada sinuosa parecia um túnel de bordos, álamos e carvalhos. Ivy sentia estar nadando em meio às ondas com Tristan, o sol brilhando no alto, os dois juntos em movimento uníssono, em direção a um abismo de azul, roxo e verde escuro. Tristan ligou os faróis do carro.

– Você não precisa correr – disse Ivy. – Não estou mais com fome.

– Eu matei a sua fome?

Ela balançou a cabeça negativamente. – Acho que me alimentei de felicidade – respondeu suavemente.

A velocidade do carro continuava aumentando pelas curvas da estrada.

– Já falei que a gente não precisa correr.

– Engraçado. Não sei o que... Não parece que... – murmurou Tristan, olhando para os seus pés.

– Vá mais devagar, está bem? Não tem problema se a gente se atrasar um pouquinho.

– Ah! – Ivy apontou para frente da estrada. – Tristan!

Havia algo saindo do meio dos arbustos e parando no meio da estrada. Não dava para ver o que era. Só dava para perceber a movimentação por entre as sombras. E, então, o cervo parou. Virou a cabeça e olhou fixamente para as luzes dos faróis.

– Tristan! – eles estavam cada vez mais próximos dos olhos brilhantes.

– Tristan, você não está vendo?

A velocidade não parava de aumentar.

– Ivy, tem algo...

– Um cervo!

Os olhos do animal reluziam. Havia uma luz atrás dele, uma mancha

brilhante em meio à escuridão. Um carro vinha na outra pista. Do outro lado havia inúmeras árvores. Não tinha como desviarem nem para a esquerda nem para a direita.

– Pare! – ela gritou.

– Estou...

– Pare! Por que você não para? – ela implorou. – Tristan, pare!

O para-brisas explodiu.

Nos dias que se seguiram àquele, Ivy não conseguia se lembrar de nada além da cascata de vidro estilhaçado.



Capítulo 12



Era impressionante: os olhos do cervo pareciam um túnel escuro, mas o brilho de suas pupilas era intenso. Tristan não parava de pisar no freio, mas nada acontecia, nada fazia o carro diminuir a velocidade pela escuridão que se afunilava até chegar ao clarão de luz.

Sentiu um peso tremendo por um instante, como se as árvores e o céu tivessem caído em cima dele. Em seguida, depois da explosão de luz, o peso se dissipou. De alguma forma, parecia que tinha se libertado.

Ela precisa de você.

– Ivy! – gritou.

A escuridão tomou forma novamente. À sua frente, a estrada girava como um redemoinho de cores: preto, vermelho e a luz pulsante da ambulância.

Ela precisa de você.

Não conseguia ouvir, mas entendia. Será que os outros também entendiam? – Ivy! Onde está Ivy? Tenho de ajudá-la!

Ela estava deitada, imóvel. Banhada pelo sangue.

Mas ele não conseguia tocar nos paramédicos. Nem mesmo conseguia arregaçar as mangas.

– Não há batimento – disse uma mulher. – Não há chances.

– Ajude-a!

O redemoinho estava cada vez maior e mais difuso, com listras claras e escuras passando apressadamente por ele. Será que ela estava com ele? A sirene da ambulância disparou com seu choro agudo: uiiii, uiiii.

Em seguida, viu-se em um quarto simétrico. Era dia ou o lugar era

bem claro. As pessoas corriam para lá e para cá. Havia algo em seu rosto, bloqueando a luz. Não tinha certeza de quanto tempo ficara inconsciente.

Alguém inclinou-se sobre ele. – Tristan – dizia a voz aquebrantada.

– Papai?

– Ah, meu Deus, por que você deixou isso acontecer?

– Papai, onde está Ivy? Ela está bem?

– Meu Deus, meu Deus. Meu filho! – chorava seu pai.

– Eles estão cuidando dela?

Seu pai não respondia.

– Responda, papai! Por que você não responde?

Seu pai levou as mãos ao rosto, inclinando-se em cima dele, lágrimas rolando em seu rosto...

Meu rosto, pensou Tristan, tentando empurrá-lo. Esse aí é o meu rosto.

Porém, ele observava a cena como se estivesse fora de seu corpo.

– Sinto muito, Sr. Carruthers – disse uma mulher com uniforme de paramédica.

Seu pai não olhava para ela. – Morreu na hora? – perguntou.

Ela concordou com a cabeça. – Sinto muito. Nem tivemos chance de salvá-lo.

Tristan sentiu a escuridão aproximando-se novamente. Lutou para se manter consciente.

– E a Ivy? – perguntou seu pai.

– Alguns cortes e ferimentos, além do estado de choque. Não para de chamar por seu filho.

Tristan tinha de encontrá-la. Concentrou-se na porta com toda a sua força e conseguiu passar por ela. E por outra, e mais outra... sentia-se mais forte agora.

Tristan andava depressa pelo corredor. As pessoas não paravam de esbarrar nele. Desviava para a esquerda e para a direita. Seu ritmo parecia bem mais rápido do que o dos demais, e ninguém se

incomodava em sair do caminho.

Havia uma enfermeira no corredor. Parou para falar com ela para perguntar se poderia encontrar Ivy, mas ela passou direto por ele. Entrou em um outro corredor, deu de frente com um carrinho repleto de lençóis e ficou olhando o homem que o empurrava. Tristan rodopiou e, no mesmo instante, o homem estava do outro lado dele.

Tristan percebeu que o homem passou por ele como se ele não estivesse lá. Tinha ouvido o que a paramédica dissera, mas sua mente procurava por outra, qualquer que fosse, explicação. Mas não havia nenhuma.

Estava morto. Ninguém conseguia vê-lo. Ninguém sabia que estava lá. E Ivy também não saberia.

A dor que sentia era tão profunda! Jamais havia sentido nada parecido. Tinha dito a ela que a amava, mas não tinha tido tempo de convencê-la. Agora não havia mais tempo algum. Ela jamais acreditou em seu amor como acreditava em seus anjos.

– Já disse que não consigo falar mais alto que isso.

Tristan olhou para cima. Estava parado na frente de uma porta. Havia uma mulher dentro do quarto, deitada na cama. Era pequena e seu corpo tinha uma cor acinzentada, tubos compridos saíam de seus braços e eram ligados a aparelhos. Parecia uma aranha presa em sua própria teia.

– Entre – disse.

Olhou atrás dele mesmo para ver com quem ela estava falando.

Ninguém.

– Essa minha velha visão está tão turva, mal consigo ver minha própria mão bem na minha frente – disse a mulher. – Mas a sua luz eu vejo.

Tristan olhou novamente atrás dele. Ela parecia ter certeza do que falava. Parecia bem mais forte e mais clara do que seu pequeno corpo cinza.

– Sabia que você viria – disse. – Esperei pacientemente.

Ela estava esperando por alguém, pensou Tristan, talvez um filho ou um neto, e pensou que ele fosse essa pessoa. Mesmo assim, como ela conseguia vê-lo quando ninguém mais conseguia?

O rosto dela parecia iluminar-se.

– Sempre acreditei em você – estendeu sua frágil mão para Tristan. Esquecendo que sua mão iria atravessar seu corpo, instintivamente também estendeu sua mão para ela. Ela fechou os olhos.

Um pouco depois, o alarme começou a soar. Três enfermeiras entraram rapidamente no quarto. Tristan recuou quando elas se aproximaram da mulher. Percebeu que estavam tentando reanimá-la; sabia que não conseguiriam. De alguma forma, sabia que aquela senhora não queria mais voltar.

Talvez, de alguma forma, a senhora tivesse percebido o que tinha acontecido com ele.

Como ela soube?

Tristan sentia a escuridão aproximando-se novamente. Lutou contra ela. E se dessa vez ele não conseguisse voltar? Tinha de voltar, tinha de ver Ivy mais uma vez. Tentou desesperadamente manter-se alerta, concentrando-se em um objeto atrás do outro dentro do quarto. Foi aí que viu, ao lado de um livrinho, na bandeja da senhora, uma estatueta, com uma mão estendida para uma mulher e as asas angelicais abertas.

Nos dias que se seguiram àquele, Ivy não conseguia se lembrar de nada, além da cascata de vidro estilhaçado. O acidente parecia um sonho que se repetia e do qual não conseguia se lembrar. Dormindo ou acordada, dominava-a completamente. Seu corpo inteiro ficava tenso e sua mente começava a girar em retrospectiva, mas tudo de que conseguia se lembrar era o som do para-brisa explodindo, depois uma cascata de vidro estilhaçado em marcha lenta.

Todos os dias, as pessoas entravam e saíam de sua casa, Suzanne e Beth, além de outros amigos e professores da escola. Gary veio uma vez, foi uma visita deprimente para os dois. Will dava as caras

de vez em quando. Traziam-lhe flores, biscoitos e solidariedade. Ivy não via a hora que fossem embora, não via a hora de dormir novamente. Mas, quando se deitava à noite, tinha de esperar uma eternidade até que o dia nascesse novamente.

No funeral, todos ficaram ao seu lado, sua mãe e Andrew de um lado e Philip de outro. Deixou Philip chorar tudo o que podia no lugar dela. Gregory ficou logo atrás e, de vez em quando, pousava a mão em suas costas. Nesses momentos, deixava-se apoiar um pouco contra o corpo dele. Era o único que não ficava pedindo a ela para falar a respeito e que parecia entender sua dor, não ficava lhe dizendo que se lembrar era uma coisa boa.

Aos poucos, foi se lembrando do que aconteceu, ou lhe contaram os detalhes. Os médicos e a polícia deram a maior parte deles. A parte interna de seus braços estava cheia de cortes. Disseram que ela deveria ter protegido o rosto com as mãos para evitar que o vidro em pedaços a atingisse. Milagrosamente, o restante de seus machucados eram só manchas roxas causadas pelo impacto do cinto de segurança. Tristan deve ter derrapado, pois o carro rodou e colidiu com o cervo do lado em que Tristan estava. Para protegê-la, pensou, embora a polícia não tivesse dito isso. O sol estava se pondo. O cervo apareceu de forma repentina. Era tudo que conseguia se lembrar. Alguém disse a ela que o carro ficara totalmente destruído, mas ela não quis ver as fotos no jornal.

Uma semana depois do funeral, a mãe de Tristan veio visitá-la e trouxe uma foto dele. Disse que era sua favorita. Ivy pegou-a em suas mãos. Ele estava sorrindo, usava um velho boné de beisebol, com a aba para trás, obviamente, e uma camisa surrada da escola, o mesmo visual que Ivy tinha visto tantas vezes. Parecia que ele ia perguntar a ela se queria encontrá-lo para mais uma aula de natação. Pela primeira vez desde o acidente, Ivy começou a chorar.

Não ouviu quando Gregory entrou na cozinha em que ela e a mãe de Tristan estavam sentadas. Quando viu a Dra. Carruthers, exigiu

saber porque ela estava lá.

Ivy mostrou a ele a foto de Tristan e ele olhou para ela com raiva.

– Acabou! Ivy está superando isso tudo. Ela não precisa de mais nada que a faça lembrar.

– Quando se ama alguém, não acaba nunca! – respondeu a Dra. Carruthers gentilmente. – Você supera porque tem de superar, mas o leva em seu coração para sempre.

Virou-se para Ivy e disse: – Você precisa falar sobre isso e se lembrar, Ivy. Você precisa chorar. Chorar muito. Precisa ficar com raiva também! Eu estou!

– Sabe de uma coisa? – disse Gregory. – Estou cansado de ouvir esse papo furado. Todo mundo fica falando para Ivy se lembrar e falar sobre o que aconteceu. Todo mundo tem uma teoria própria sobre o luto, mas me pergunto se eles realmente pensam em como ela se sente.

A Dra. Carruthers o avaliou por um instante. – Pergunto-me se você realmente viveu seu próprio luto.

– Não me diga que você é psiquiatra!

Ela balançou a cabeça negativamente. – Só alguém que, como você, perdeu alguém que amava com todo seu coração.

Antes de sair, a mãe de Tristan perguntou se ela queria Ella de volta.

– Não posso. Eles não me deixariam!

Então, correu para seu quarto, bateu a porta e ficou trancada lá dentro. Seus amados estavam sendo tirados dela – um a um.

Pegou uma estatueta e um anjo, uma que Beth tinha acabado de dar a ela e jogou contra a parede.

– Por quê? – gritou. – Por que eu não morri também?

Pegou o anjo e jogou-o novamente.

– Você está bem melhor, Tristan. Odeio você por estar melhor que eu. Não sente mais a minha falta agora, não é mesmo? Ah, não, você não sente nada!

Na terceira vez que jogou o anjo, a estatueta se espatifou. Mais uma cascata de vidro estilhaçado. Ela nem se incomodou em recolher.

Naquela noite, depois do jantar, Ivy viu que o vidro tinha sido recolhido e a fotografia de Tristan estava em sua escrivaninha. Não perguntou quem tinha feito aquilo. Não queria falar com ninguém. Quando Gregory tentou vir ao seu quarto, ela bateu a porta na cara dele. Fez a mesma coisa na manhã seguinte.

Durante aquele dia, também não foi muito simpática com os clientes da 'TIS the Season. Foi direto para o quarto quando chegou em casa. Abriu a porta e deu de cara com Philip e suas figurinhas de beisebol espalhadas pelo chão. Tinha percebido que ele não narrava mais o jogo, apenas movia os jogadores em suas bases silenciosamente. Mas, quando olhou para Ivy, sorriu para ela pela primeira vez em dias. Apontou para sua cama.

– Ella! – Ivy exclamou – Ella!

Correu para a cama, ajoelhando-se sobre ela. A gata começou a ronronar imediatamente. Ivy enterrou o rosto no pelo macio da gata e começou a chorar.

Sentiu a mão delicada em seu ombro. Enxugou o rosto em Ella e virou-se para Philip. – A mamãe sabe que ela está aqui?

Ele fez que sim com a cabeça. – Sabe. Está tudo bem. Gregory disse que está tudo bem. Ele a trouxe de volta para nós.



Capítulo 13



Quando Tristan acordou, tentou se lembrar qual dia da semana deveria ser e quais as aulas que teria de dar no acampamento de natação. A julgar pela luz fraca em seu quarto, ainda era bem cedo para levantar e trocar de roupa para ir trabalhar. Deitado na cama, sonhou com Ivy – Ivy e seus cabelos encaracolados caindo nos ombros.

Aos poucos, foi percebendo passos do lado de fora da porta juntamente com o som de algo sendo puxado por um carrinho, ou algo do tipo. Pulou da cama. O que ele estava fazendo lá? Deitado no chão do hospital, no quarto de um homem que nunca tinha visto antes? O homem bocejou e deu uma olhada no quarto. Não parecia nem um pouco surpreso com a presença de Tristan, agia como se ele nem estivesse ali.

Nesse momento, Tristan lembrou-se de tudo: do acidente, da ambulância, das palavras da paramédica. Estava morto. Mas ainda podia pensar. Podia ver as outras pessoas. Será que era um fantasma?

Tristan se lembrou da velha senhora. Ela havia dito ter visto a luz e por isso o tinha confundido com um an...

– Não, não – disse em voz alta, apesar de o homem não poder ouvi-lo. – Não pode ser.

Bem, o que quer que ele tivesse se tornado, tinha sido algo que ainda podia rir, portanto, não parou de rir, de forma quase histérica. E depois chorou.

A porta atrás dele bateu de repente. Tristan ficou em silêncio, mas isso não tinha importância alguma, pois a enfermeira que havia entrado ali não podia ouvi-lo, apesar de ter ficado tão próxima que

seu cotovelo quase atravessou o dele enquanto anotava algo na ficha do homem. Nove de julho, 3h45, Tristan leu.

Nove de julho? Mas ele tinha saído com Ivy em junho! Será que estava inconsciente há duas semanas? Será que voltaria a ficar? E por que estava consciente agora?

Pensou na velha senhora que havia estendido a mão para ele. Por que ela havia prestado atenção nele enquanto os outros não viam nada? Será que Ivy conseguiria vê-lo?

Tristan encheu-se de esperança. Se conseguisse encontrar Ivy antes que a escuridão tomasse conta dele novamente, teria mais uma chance de convencê-la sobre seu amor. Ele sempre a amaria.

A enfermeira saiu, fechando a porta atrás dela. Tristan tentou abri-la, mas seus dedos não se firmavam na maçaneta. Tentou mais uma vez, e mais outra. Suas mãos tinham a mesma força que uma sombra. Agora, teria de esperar a enfermeira voltar. Não sabia por quanto tempo conseguiria se manter consciente ou, assim como os fantasmas das histórias antigas, se iria derreter com a luz do sol.

Tentou se lembrar de como chegara até lá e a imagem de sua andança pelos corredores do autoatendimento veio à sua mente. Lembrou-se claramente do faxineiro atravessando seu corpo. Esse era o truque. Tinha de projetar um caminho em sua cabeça e concentrar-se aonde queria ir.

Assim, logo estava na rua. Tinha se esquecido de que estava no Hospital do Condado e tinha de dar a maior volta para chegar a Stonehill novamente. Mas já tinha feito esse caminho, milhares de vezes, para ir buscar seus pais. Ao pensar neles, Tristan diminuiu o ritmo. Lembrou-se de seu pai no autoatendimento, inclinando-se sobre ele para chorar. Tristan sentiu vontade de dizer a ele que estava tudo bem, mas não sabia quanto tempo teria. Seus pais tinham um ao outro; Ivy estava sozinha.

O céu da noite começava a ceder lugar ao amanhecer quando chegou à casa dela. Dois retângulos de luz brilhavam suavemente na

ala oeste da casa. Andrew deveria estar trabalhando no escritório. Tristan deu a volta por trás da casa e viu que as portas-balcão do escritório estavam abertas para receber a brisa noturna. Andrew estava em sua mesa, absorto em seus pensamentos. Tristan entrou sem ser visto.

Viu que a maleta de Andrew estava aberta e os papéis com o timbre da faculdade estavam espalhados pela mesa. Mas o documento que estava lendo era um relatório policial. Tristan percebeu, com surpresa, que era o relatório oficial de seu acidente com Ivy. Ao lado dele, havia um artigo de jornal sobre o mesmo assunto.

As palavras impressas deveriam ter tornado sua morte ainda mais real para ele, mas não foi o que aconteceu. Em vez disso, transformou as coisas que um dia foram importantes – sua aparência, seu histórico como nadador, suas realizações na escola – em pequenas e sem sentido. Somente Ivy era importante para ele agora.

Ela tinha de saber o quanto a amava e o quanto sempre a amaria.

Deixou Andrew e suas meditações sobre o relatório, apesar de não entender por que parecia tão interessado, e subiu a escada dos fundos. Passou pelo quarto de Gregory, que ficava bem em cima do escritório e atravessou a galeria em direção ao corredor que levava ao quarto de Ivy. Mal podia esperar para vê-la, mal podia esperar que ela o visse. Tremeu, assim como havia tremido antes da primeira aula de natação que havia dado a ela. Será que conseguiriam conversar um com o outro?

Se existisse alguém que pudesse vê-lo e ouvi-lo, esse alguém seria Ivy – sua fé era muito forte! Tristan concentrou-se no quarto dela e atravessou a parede.

Ella sentou-se imediatamente. Estava dormindo na cama de Ivy, com seu espesso pelo preto misturando-se aos cabelos dourados de Ivy. A gata piscou e olhou para ele, ou para o nada – afinal de contas, gatos faziam isso, pensou. Mas, quando ele foi para o outro lado da cama de Ivy, os olhos verdes de Ella o seguiram.

– Ella, o que você está vendo? – perguntou delicadamente.

A gata começou a ronronar e ele riu.

Estava ao lado de Ivy. O cabelo dela caía pelo rosto. Tentou colocá-los para trás. Mais do que qualquer coisa queria ver o rosto dela, mas suas mãos eram inúteis.

– Queria que você pudesse me ajudar, Ella.

A gata andou por cima dos travesseiros em direção a ele. Ele não se moveu, tentando entender exatamente o que ela tinha percebido. Ella inclinou-se como se fosse acariciar-se no braço dele. Deitou de lado e miou.

Ivy se mexeu e chamou a gata suavemente. Deitou de costas e ele pensou que ela fosse responder aos seus chamados. Seu olhar parecia perdido, bonito, porém, pálido. Toda a sua luz estava nos cílios dourados e nos longos cabelos espalhados pelo rosto como raio de sol.

Ivy enrugou a testa. Ele queria poder suavizar suas rugas, mas não tinha como. Ela começou a se agitar e a se revirar na cama.

– Quem está aí? Quem está aí? – perguntou.

Ele se inclinou sobre ela. – Sou eu, Tristan.

– Quem está aí? – perguntou novamente.

– Tristan!

Enrugou ainda mais a testa. – Não consigo ver!

Colocou a mão em seus ombros, desejando que ela acordasse, certo de que ela iria poder vê-lo e ouvi-lo. – Ivy, olhe para mim! Estou aqui!

Ela abriu os olhos por um momento e ele percebeu a mudança em sua expressão. Viu o terror tomar conta dela. Ela começou a gritar.

– Ivy!

Ela não parava de gritar.

– Ivy, não tenha medo.

Tentou segurá-la. Aconchegou-a em seus braços, mas seu corpo não conseguia segurar o corpo dela. Não conseguia consolá-la.

A porta do quarto se abriu. Philip entrou correndo. Gregory veio logo atrás dele.

– Acorde, Ivy, acorde! – Philip a chacoalhava. – Vamos, Ivy, por favor!

Ela abriu os olhos e viu Philip. Depois, olhou ao redor do quarto. Não parou para olhar para Tristan; passou direto por ele.

Gregory colocou as mãos nos ombros de Philip e o pôs de lado. Sentou-se na cama e trouxe Ivy para perto dele. Tristan percebeu que ela tremia.

– Vai ficar tudo bem – Gregory disse com voz suave, colocando os cabelos dela para trás. – Foi só um sonho.

Um sonho horrível, pensou Tristan. E ele não pôde ajudá-la. Não pôde oferecer-lhe consolo.

Mas Gregory pôde. Tristan estava tomado pelo ciúme.

Não podia suportar ver Gregory abraçando-a daquela forma.

Mas também não podia suportar ver Ivy tão assustada e chateada. Um paradoxo de sentimentos em relação a Gregory invadia sua alma: gratidão e ciúmes ao mesmo tempo. Sentiu-se fraco por essa guerra de sentimentos e afastou-se dos três, dirigindo-se à prateleira de anjos de Ivy. Ella o seguiu com cautela.

– Você sonhou com o acidente de novo? – perguntou Philip.

Ivy fez que sim com a cabeça, depois ficou de cabeça baixa, deslizando as mãos sem parar pelos lençóis revirados.

– Quer conversar sobre isso? – perguntou Gregory.

Ivy tentou falar, depois fez que não com a cabeça e estendeu uma das mãos para ele, com a palma para cima. Tristan viu as cicatrizes entalhadas em seu braço, como se fossem rastros de feixes de luz. Por um instante, a escuridão parecia querer pegá-lo por trás, mas lutou contra ela.

– Estou aqui. Está tudo bem – disse Gregory, esperando pacientemente.

– Eu... eu estava olhando pela janela – começou a falar. – Vi uma

grande sombra nela, mas não tinha certeza de quem ou do que era. Quem está aí? Gritei. Quem está aí?

Tristan a observava do outro lado do quarto, a dor e o medo que ela sentia exerciam uma pressão sobre ele.

– Achei que fosse alguém que conhecesse. De alguma forma, a sombra parecia familiar. Então, fui chegando cada vez mais perto. Não conseguia ver – parou de falar e olhou ao redor do quarto.

– Você não conseguia ver – estimulou Gregory.

– Havia outras imagens no vidro da janela, reflexos que a distorciam. Aproximei-me ainda mais. Meu rosto estava quase grudado na janela. De repente, ela explodiu! A sombra se transformou em um cervo. Ele bateu na janela e foi arremessado para longe.

Ela ficou em silêncio. Gregory pegou o queixo dela com a mão, trazendo-o bem para perto dele.

Do outro lado do quarto, Tristan chamava por ela. – Ivy! Ivy, olhe para mim – implorava.

Mas ela estava olhando para Gregory e seus lábios tremiam.

– Esse é o final do sonho? – perguntou Gregory.

Ela concordou com a cabeça.

Com o dorso da mão, Gregory acariciava o rosto dela suavemente.

Tristan queria que ela fosse consolada, mas...

– Você não se lembra de mais nada? – perguntou Gregory.

Ivy balançou a cabeça negativamente.

– Abra seus olhos, Ivy! Olhe para mim! – gritava Tristan.

Então, percebeu que Philip também estava lá, olhando para a coleção de anjos de Ivy – ou talvez para ele, não tinha certeza. Tristan colocou a mão ao redor da estatueta do anjo das águas. Se encontrasse uma maneira de dá-lo a Ivy. Se pudesse mandar algum sinal a ela...

– Venha aqui, Philip – disse Tristan. – Venha pegar a estatueta. Leve-a para Ivy.

Philip foi em direção à prateleira como se estivesse hipnotizado.

Esticou a mão, colocando-a por cima da de Tristan.

– Veja! – gritou Philip. – Veja!

– O quê? – perguntou Ivy.

– Seu anjo. Está brilhando.

– Agora não, Philip – disse Gregory.

Philip tirou o anjo da prateleira e levou-o até Ivy.

– Quer colocá-lo ao lado da sua cama, Ivy?

– Não.

– Talvez ele afaste os pesadelos – insistiu Philip.

– É só uma estatueta – disse, mostrando-se exausta.

– Mas você pode rezar e o anjo de verdade vai ouvir.

– Não existem anjos de verdade, Philip! Você não entende? Se existissem, eles teriam salvo Tristan!

Philip pegou nas asas do anjo e disse em voz baixa, porém teimosa:

– Anjos de luz, anjos queridos, cuidem de nós. Cuidem de quem mais fica comigo.

– Diga a ela que estou aqui, Philip – disse Tristan. – Diga que estou aqui.

– Veja, Ivy – Philip apontou para as estatuetas, na direção em que estava Tristan. – Elas estão brilhando!

– Já chega, Philip! Vá para cama! – disse Gregory com severidade.

– Mas...

– Agora!

Quando Philip passou, Tristan estendeu sua mão, mas o garotinho não a pegou. Olhou-o com surpresa, sem reconhecer o que via.

O que Philip viu? Tristan perguntou-se. Talvez o mesmo que a velha senhora: luz, algum tipo de brilho, mas não uma forma.

Então, sentiu a aproximação da escuridão novamente. Lutou contra ela. Queria ficar com Ivy. Não podia suportar perdê-la agora. Não podia suportar deixá-la ali com Gregory.

E se aquela fosse a última vez que a via? E se a estivesse perdendo para sempre? Lutou desesperadamente para manter-se longe da

escuridão, mas ela o vencia pelas laterais, como uma névoa negra, à sua frente, por detrás, fechando-se em sua cabeça, sucumbindo-o inteiramente.



Capítulo 14



Quando Tristan acordou do vazio da escuridão, o sol brilhava pelas janelas do quarto de Ivy. A cama estava arrumada e havia uma colcha esticada em cima dela. Ivy não estava lá.

Era a primeira vez que Tristan via a luz do dia desde o acidente. Foi até a janela para admirar os detalhes do verão, as complexas ranhuras das folhas, a forma como o vento deslizava seus dedos pela grama, enviando uma onda esverdeada ao topo da montanha. O vento. Apesar de perceber a movimentação das cortinas, Tristan não conseguia sentir o frescor do toque do vento. Apesar de ver a invasão dos raios de sol dentro do quarto, não conseguia sentir seu calor.

Ella conseguia. A gata estava sentada em uma camiseta da Ivy em um canto iluminado do quarto. Cumprimentou Tristan abrindo os olhos e ronronando um pouco.

– Aqui não tem muita roupa suja para você se deitar, não é? – perguntou, pensando em quando a gata curtia suas meias e agasalhos sujos. O silêncio da casa fez com que falasse baixo, apesar de saber que podia muito bem gritar o bastante para... bem, o bastante para acordar os mortos, e só ele mesmo ouviria.

A solidão era intensa. Tristan temia ficar para sempre sozinho daquela forma, vagando por aí sem nunca ser visto, ouvido ou sendo chamado de Tristan. Por que ele não viu a senhora do hospital depois que ela morreu? Para onde ela teria ido?

Os mortos vão para o cemitério, pensou ao cruzar o corredor da escadaria. Depois, parou. Em algum lugar havia um túmulo com seu nome! Provavelmente ao lado de seus avós. Desceu a escada correndo, curioso para ver o que tinha sido feito dele. Talvez encontrasse aquela senhora ou alguém que tivesse morrido

recentemente que pudesse dar uma explicação para tudo isso.

Tristan tinha ido ao cemitério Riverstone Rise várias vezes quando era criança. Nunca lhe pareceu um lugar triste, talvez porque o jazigo de seus avós sempre inspirava seu pai a contar-lhe histórias interessantes e engraçadas sobre eles. Sua mãe ficava podando as plantas e plantando novas mudas. Tristan corria e subia nas lápides e brincava de salto à distância nos túmulos, fazendo do cemitério um *playground* com corrida de obstáculos.

Era estranho passar pelos altos portões de metal agora – portões em que já havia brincado de escalar como um macaco, como sua mãe sempre dizia – em busca de sua própria lápide. Não sabia se estava se movimentando de acordo com sua memória ou instinto, mas rapidamente encontrou o caminho e a curva marcada por três pinheiros. Sabia que estava a 150 metros de distância e se preparou para o choque de ler seu próprio nome na lápide ao lado da de seus avós.

Mas nem olhou para ela. Ficou surpreso com a presença de uma garota que tinha se espreguiçado e estava deitada confortavelmente em cima da grama fresca.

– Com licença – disse, sabendo muito bem que as pessoas não podiam ouvi-lo. – Você está deitada em cima do meu túmulo.

Ela olhou para cima, o que o fez pensar se não estaria brilhando novamente. A garota parecia ter a mesma idade que a sua e tinha um semblante vagamente familiar.

– Você deve ser o Tristan – disse. – Sabia que, mais cedo ou mais tarde, ia acabar aparecendo.

Tristan olhava fixamente para ela.

– É você, não é? – disse, sentando-se, apontando para seu nome na lápide. – Morto recentemente, certo?

– Vivo recentemente – disse. Havia algo em seu jeito que lhe dava vontade de discutir com ela.

Ela deu de ombros. – Cada um tem um ponto de vista.

Não conseguia acreditar que ela conseguia ouvi-lo. – E você – disse, examinando sua aparência um tanto incomum. – O que você é?

– Não tão recentemente.

– Entendo. É por isso que seu cabelo é dessa cor?

Ela levou a mão à cabeça. – Como?

Seu cabelo era curto e espetado e tinha um estranho tom de magenta com mechas roxas, como se tivesse ocorrido algum erro com a tintura.

– Quando morri, estava dessa cor.

– Ah, desculpe.

– Sente-se – disse, dando tapinhas no montinho de terra recém-formado. – Afinal de contas, esse é o seu descanso eterno. Só estava dando um tempo aqui.

– Então, você é um... fantasma – disse.

– Como?

Queria que ela parasse de usar aquele tom arrogante.

– Você disse “fantasma”? Você é mesmo recente. Não somos fantasmas, querido – deu vários tapinhas no ombro dele com suas unhas compridas, pintadas de roxo azulado.

Mais uma vez, perguntou-se se ela agia dessa forma por não estar morta “recentemente”, mas ficou com medo de que ela fosse perfurá-lo, caso perguntasse.

Mas, então, percebeu que a mão dela não atravessava o corpo dele. Na verdade, eram feitos do mesmo material.

– Somos anjos, querido. É isso mesmo. Pequenos ajudantes do céu.

Seu tom e sua tendência a exagerar as coisas estavam começando a dar nos nervos dele.

Apontou para o céu. – Alguém tem um senso de humor macabro. Sempre escolhe os menos prováveis.

– Não acredito – disse Tristan. – Não acredito.

– Quer dizer que essa é a primeira vez que visita sua cova? Perdeu seu próprio funeral, hein? Isso – disse ela – foi um grande erro. Curti cada minuto do meu.

– Onde você foi enterrada? – perguntou Tristan, olhando ao redor. A lápide ao lado da de sua família tinha o desenho de um carneiro entalhado, o que não parecia adequado a ela, e, do outro lado, a foto de uma senhora serena com as mãos cruzadas em cima do peito e o olhar voltado para o céu – uma outra má escolha.

– Não fui enterrada. É por isso que estou sublocando a sua.

– Não entendi – disse Tristan.

– Você não me reconhece?

– Ah, não – disse, com medo de que ela fosse dizer que eram parentes distantes, ou que talvez ele tivesse dado em cima dela no 7º ano.

– Olhe para mim de perfil.

Tristan olhou para ela sem dar sinal de reconhecimento.

– Cara, você não vivia muito, vivia? Quando era vivo?

– O que você está querendo dizer?

– Que você não saía muito.

– Saía o tempo todo – retrucou Tristan.

– Mas não ia ao cinema.

– Ia o tempo todo.

– Mas você nunca viu nenhum dos filmes da Lacey Lovitt.

– Claro que vi. Todo mundo via, antes dela... Você é a Lacey Lovitt?

Ela revirou os olhos. – Espero que você seja mais rápido para entender qual é a sua missão.

– Acho que é porque a cor do seu cabelo está diferente.

– Você já falou sobre o meu cabelo – disse, levantando-se do túmulo. Era estranho vê-la encostada nas árvores. Os salgueiros balançavam suas folhas em forma de corda por causa da brisa, mas o cabelo dela não saía do lugar, tão imóvel quanto uma fotografia.

– Estou me lembrando. Seu avião caiu no mar. Nunca encontraram

seu corpo – disse Tristan.

– Imagine como eu fiquei feliz quando me vi tendo de sair sozinha do Porto de Nova York.

– Isso aconteceu há dois anos, não foi?

Ela abaixou a cabeça ao ouvi-lo. – Sim, bem...

– Lembro-me de ter lido sobre seu funeral. Havia muita gente famosa.

– E muita gente quase famosa. As pessoas estão sempre correndo atrás de publicidade – havia uma certa amargura em seu tom. – Queria que você tivesse visto minha mãe chorando e se lamentando.

– Lacey fez pose imitando a escultura de mármore de uma mulher chorando no jazigo ao lado. – Você ia pensar que ela tinha perdido alguém que amava.

– E perdeu. Você era a filha dela.

– Você é ingênuo, não é? – era mais uma frase do que uma pergunta. – Você ia aprender mais coisas sobre as pessoas se tivesse ido ao seu próprio funeral. Talvez ainda dê tempo de aprender. Há um enterro na ala leste hoje de manhã. Vamos?

– Ir a um enterro? Isso não é meio mórbido?

Ela riu. – Nada mais é mórbido, Tristan, quando se está morto. Além do mais, acho que enterros são extremamente divertidos. E, quando não são, faço com que sejam, e você está com cara de quem está precisando se animar. Vamos? – Acho que dessa vez vou passar.

Ela se virou e o examinou por um minuto, perplexa. – Tudo bem. Que tal isso: vi um grupo de garotas um pouco mais cedo indo em direção ao lado nobre do cemitério. Talvez você goste mais. Um bom público, sabe, não é fácil de encontrar, especialmente quando se está morto e a maioria não consegue ver você.

Ela começou a andar em círculos.

– Sim, isso seria bem melhor – parecia estar falando consigo mesma. – Vai me fazer ganhar alguns pontos – olhou para Tristan. – Sabe, ficar zoando em funerais não é uma atitude muito aprovada.

Mas isso funcionará como a execução de um serviço. Da próxima vez, aquelas garotas vão pensar duas vezes antes de desrespeitar os mortos.

Tristan tinha esperanças de que encontrar uma pessoa como ele esclarecesse um pouco mais as coisas, mas...

– Ah, anime-se, Chorão! – e começou a caminhar.

Tristan a seguiu lentamente, tentando se lembrar se alguma vez tinha lido algo que dizia sobre Lacey Lovitt ser maluca.

Ela o levou para a parte mais velha do cemitério, em que havia jazigos bem antigos, pertencentes aos moradores mais abastados de Stonehill. De um lado da rua, mausoléus com fachadas similares a templos em miniatura eram incrustados na montanha. Do outro lado, havia vários gramados com monumentos altos e polidos, além de uma variedade de estátuas de mármore. Tristan já havia estado lá antes. A pedido de Maggie, Caroline tinha sido enterrada no jazigo da família Baines.

– Elegante, não é?

– Estou surpreso que você tenha sublocado o meu.

– Ah, eu ganhei milhões quando era viva. Milhões. Mas, em meu coração, sou uma garota simples, do bairro operário, na região leste de Nova York. Comecei com novelas, lembra-se? E depois... mas acho que não preciso falar sobre isso. Tenho certeza de que, agora que você me reconhece, já sabe tudo sobre mim.

Tristan não se incomodou em corrigi-la.

– Então, o que você acha que aquelas garotas tinham em mente? – perguntou, parando para olhar ao redor. Não havia ninguém por perto. Somente jazigos, flores e o caminho esverdeado do gramado.

– Estava pensando o mesmo sobre você – respondeu ele.

– Ah, vou agir de improviso. Duvido que você vá me ajudar. Você ainda não tem nenhuma habilidade de verdade. Provavelmente, tudo o que consegue fazer é ficar parado e brilhar, parecendo um enfeite idiota de Natal – o que significa que apenas uma ou duas pessoas

que acreditam podem ver você.

– Apenas uma pessoa que acredita?

– Quer dizer que você ainda não percebeu isso? – balançou a cabeça, sem acreditar no que ouvia.

Mas ele já tinha percebido, só não queria admitir, só não queria que fosse verdade. A senhora do hospital acreditava. Assim como Philip. Os dois o tinham visto brilhar. Mas Ivy não viu. Ivy não acreditava mais.

– Você pode fazer mais do que brilhar? – perguntou Tristan, cheio de esperança.

Ela olhou para ele como se fosse totalmente imbecil. – E o que você acha que fiquei fazendo nos últimos dois anos?

– Não faço ideia.

– Não me diga, por-fa-vor, não me diga que vou ter de explicar o que são as missões para você.

Ele ignorou o tom melodramático. – Você já mencionou antes. Que missões?

– A sua missão. A minha missão – respondeu rapidamente. – Cada um de nós tem uma missão. E temos de completá-la se quisermos ir para onde todos os outros foram – começou a caminhar novamente, um pouco mais rápido, e ele teve de se apressar para acompanhá-la.

– Mas qual é a minha missão?

– E eu lá sei?

– Bem, alguém tem de me contar. Como posso completá-la se não faço ideia do que seja? – perguntou, frustrado.

– Nem venha reclamar para mim! Você é quem tem de descobrir – repreendeu-o e acrescentou com um tom mais amigável.

– Em geral, é alguma coisa que ficou mal resolvida, é alguém que você sabe que precisa de ajuda.

– Então, tenho pelo menos dois anos para...

– Bem, não. Não é bem assim que funciona – disse, abaixando a cabeça do mesmo jeito engraçado que tinha visto um pouco antes.

Passou na frente dele e atravessou uma cerca de ferro negro cujas lanças entortadas e enferrujadas deixavam marcas estranhas nas paredes da velha capela de pedra. – Vamos encontrar as garotas.

– Espere um pouco – disse, segurando no braço dela. Era a única coisa que conseguia segurar. – Você tem de me contar. Como funciona exatamente essa história de missão?

– Bem... bem, você tem de descobrir e completar sua missão assim que possível. Alguns anjos levam só alguns dias, alguns levam alguns meses.

– E você está aqui há dois anos! Você está próxima de completar a sua?

Ela passou a língua nos dentes. – Não sei.

– Ótimo! Ótimo! Não sei o que estou fazendo, finalmente encontro uma guia, e ela leva oito vezes mais tempo do que todo mundo para completar sua missão.

– Duas vezes mais tempo! Uma vez encontrei um anjo que levou um ano. Sabe, Tristan, sou meio distraída. Concentro-me no que tenho de fazer, mas, às vezes, aparecem oportunidades boas demais para serem desperdiçadas. Algumas delas não são vistas com bons olhos.

– Algumas delas? Como o quê? – Tristan perguntou, suspeitando da atitude dela.

Ela deu de ombros. – Uma vez derrubei um lustre do palco na cabeça do canalha do meu ex-diretor – é claro que só passou pertinho. Ele sempre foi superfã do *Fantasma da Ópera* – e é isso que quero dizer com não deixar a oportunidade passar, é assim que geralmente acontece comigo. Estou dois pontos perto da minha missão, daí acontece algo, e volto três pontos para atrás, nunca conseguindo entender muito bem qual é minha missão.

– Mas não se preocupe. Você, provavelmente, vai ser mais disciplinado que eu. Para você, vai ser rapidinho.

Vou acordar, Tristan pensou, e esse pesadelo vai ter acabado. Ivy estará deitada em meus braços...

– Quanto você quer apostar que aquelas garotas estão na capela?

Tristan olhou para o edifício de pedras acinzentadas. Suas portas estavam fechadas com pesadas correntes desde quando era criança.

– Há um jeito de entrar?

– Para nós há sempre um jeito de entrar. Para elas, há uma janela quebrada nos fundos. Algum pedido especial?

– Como?

– Alguma coisa que você queira me ver fazendo?

Acordar-me, pensou Tristan. – Ah, não.

– Sabe, não sei o que se passa na sua cabeça, Tristan, mas você está agindo como se estivesse mais morto do que já está.

Ela atravessou a parede. Tristan a seguiu.

A capela estava escura, exceto pelo verde luminescente vindo da janela quebrada no fundo. Folhas secas e gesso esfarelado estavam espalhados pelo chão. Os bancos de madeira tinham iniciais entalhadas, escurecidas com símbolos que Tristan não sabia decifrar.

As garotas, que deviam ser 11 ou 12, estavam sentadas em círculo ao redor do altar, rindo nervosamente.

– Certo, quem você vai chamar? – perguntou uma delas. Entreolharam-se e depois passaram a olhar por cima dos ombros.

– Jackie Onassis – disse uma garota com rabo de cavalo marrom.

– Kurt Cobain – sugeriu outra.

– Minha avó.

– Meu tio-avô Lennie.

– Já sei! – disse uma loirinha sardenta. – Que tal Tristan Carruthers?

Tristan piscou.

– Macabro demais – disse a líder.

– É – disse a morena ajeitando seu rabo de cavalo. – Ele provavelmente teria formigas saindo por detrás da cabeça.

– Eca! Que nojento!

Lacey abafou o riso.

– Minha irmã disse que era apaixonada por ele – disse a loira sardenta.

Lacey não parava de piscar os cílios para ele.

– Uma vez, tipo, quando a gente estava de bobeira na piscina, ele, tipo assim, soou o apito para nós. Foi maneiro.

– Ele era bonitão!

Lacey enfiou o dedo na garganta e revirou os olhos.

– Mesmo assim, ele deve estar macabro agora – disse a ruiva. – Quem mais a gente pode chamar?

– Lacey Lovitt.

As garotas se entreolharam. Qual delas tinha dito isso?

– Eu me lembro dela. Ela fez o filme *Dark Moon Running*.

– *Dark Moon Rising*.

Era a voz de Lacey, Tristan percebeu, parecia a mesma voz, mas era diferente, da mesma forma que a voz das pessoas na televisão era a mesma, mas soava diferente do que ao vivo. De alguma forma, todas conseguiam ouvir a voz dela.

As garotas olharam em volta, um pouco assustadas.

– Vamos unir as mãos – disse a líder. – Estamos chamando Lacey Lovitt. Se você está aqui, nos dê um sinal.

– Nunca gostei da Lacey Lovitt.

Tristan viu os olhos de Lacey soltarem faíscas.

– Shhh! Os espíritos estão por perto!

– Posso vê-los! – disse a loira. – Vejo sua luz! São dois!

– Não vejo nada! – disse a garota de rabo de cavalo.

– Vamos chamar outra pessoa que não seja a Lacey Lovitt.

– É, ela era muito metida.

Foi a vez de Tristan abafar o riso.

– Gosto da garota nova que está em *Dark Moon*. A que ficou no lugar dela.

– Eu também – concordou a loira.

– Ela é uma atriz bem melhor. E o cabelo dela também é melhor.

Tristan deu uma risadinha e olhou com cautela para Lacey.

– É, mas ela não está morta – disse a líder. – Estamos chamando Lacey Lovitt. Se você está aqui, Lacey, nos dê um sinal.

Começou com um pequeno redemoinho de poeira. Tristan viu que Lacey ficou um pouco fraca conforme a poeira rodopiava para o alto. Depois, a poeira abaixou e ela já tinha voltado a si, correndo por fora do círculo, puxando os cabelos das garotas.

As garotas gritaram e seguraram suas cabeças. Ela beliscou duas delas, depois pegou seus casacos e os jogou de um lado para outro.

Nessa hora, as garotas já estavam de pé, ainda gritando e correndo em direção à janela quebrada.

Garrafas vazias voaram sobre suas cabeças, sendo esmagadas contra a parede da capela.

As garotas fugiram rapidinho, seus gritos cada vez mais distantes, parecendo o tímido piar dos passarinhos.

– Bem – disse Tristan assim que o silêncio voltou a tomar conta do local. – Acho que todo mundo deveria estar contente por não haver um lustre aqui. Sente-se melhor?

– Pestinhas!

– Como você faz isso? – perguntou.

– Eu vi essa nova atriz. Ela é péssima!

– Tenho certeza de que ela não é nem um pouco dramática como você! Você consegue puxar e jogar. Como você faz isso? Não consigo usar minhas mãos de forma alguma!

– Descubra sozinho! – ainda estava furiosa. – Melhor cabelo! – puxou as mechas roxas. – Esse é o meu estilo! – disse, olhando para Tristan.

Ele sorriu para ela.

– Quanto ao uso das mãos, você acha mesmo que vou desperdiçar meu tempo precioso ensinando você?

Tristan concordou com a cabeça. – Um bom público não é fácil de encontrar, especialmente quando se está morto e a maioria não

consegue ver você.

Então, ele a deixou com seu mau humor na capela. Imaginou que ela saberia como encontrá-lo quando estivesse pronta.

De novo sob a luz do sol, Tristan piscou. Apesar de não sentir as mudanças de temperatura, era muito sensível à luz e à escuridão. Na capela escura, tinha visto as auras ao redor das garotas, e agora, no cenário coberto pelas copas das árvores, a luz do sol parecia brilhar a ponto de ofuscar.

Talvez tenha sido por isso que acabou confundindo o visitante com Gregory. A forma como caminhava, o cabelo escuro e o formato da cabeça convenceram Tristan de que era Gregory saindo do jazigo da família Baines. Então, o visitante, como se tivesse sentido a presença de alguém a observá-lo, virou-se para trás.

Era bem mais velho que Gregory, devia ter mais de 40 anos, e seu rosto estava contorcido pela dor da tristeza. Tristan estendeu a mão para ele, mas o homem se virou e foi embora.

Tristan fez o mesmo, mas não antes de perceber que, bem no centro do túmulo coberto pelo verde da grama fresca de Caroline, havia uma rosa vermelha de cabo longo.



Capítulo 15



Lacey voltou a encontrar Tristan naquela tarde. Ela o chamou, assustando-o quando andava pelo cume da montanha. Olhou para cima e a viu sentada em uma árvore. – Bela vista, não é mesmo? – disse Lacey.

Tristan concordou com a cabeça e olhou novamente para a ladeira coberta de pedras. O terreno tinha uma queda íngreme de cerca de 600 a 900 metros. Lembrava-se de ter visto uma vez, no começo da primavera, os trilhos prateados e o teto da estação de trem lá embaixo, no vale, mas agora tudo estava escondido. Dava para ver apenas pequenos trechos azuis do rio em meio às árvores. – Não sei por que me sinto sempre atraído para esse lugar.

Lacey inclinou a cabeça. – Tenho certeza de que não tem nada a ver com o fato de Ivy morar aqui – disse sarcasticamente.

– Como você sabe sobre Ivy?

A garota desceu da árvore com a mesma agilidade de um gato. – Li sobre ela, é claro – Lacey caminhou ao lado dele. – Li tudo sobre o acidente. Tenho o hábito de passar pela estação toda manhã para ler o jornal com os viajantes. Não gosto de ficar sem saber as últimas fofocas. Além disso, me ajuda a saber a data correta.

– Hoje é sábado, 10 de julho – disse Tristan.

– Pénnnn! – imitou o som de uma campainha de jogo quando a pessoa erra a resposta e arrancou um galho de árvore. – Terça-feira, 12 de julho.

– Não pode ser – disse Tristan. Esticou o braço, mas não conseguiu arrancar a folha, muito menos um galho.

– Você foi pego pela escuridão nos últimos dias?

– Ontem à noite – respondeu.

– Está mais para três noites atrás. Isso vai acontecer, mas você vai acabar ganhando força e precisando cada vez menos de descanso. Exceto, é claro, quando fizer coisas complicadas.

– Coisas complicadas. Tipo o quê?

Esperou até que estivesse prestando atenção totalmente nela e disse: – Olhe para mim.

– O que você acha que estou fazendo?

– Vá um pouco para trás e olhe com mais atenção. O que está faltando em mim?

– Você promete não puxar meu cabelo?

Olhou com cara feia para ele. Era uma boa careta, mas não durou muito tempo. – Ela estava só atuando.

– Olhe para aquela gata.

Ele olhou por cima dos ombros. – Ella!

– Olhe para a grama ao lado da gata e olhe para a grama ao meu lado.

Então, percebeu. – Você não tem sombra.

– Nem você.

– Você está falando alto. Reconheci o som e vi Ella virar as orelhas na sua direção.

– Agora veja a grama atrás de mim – disse, fechando os olhos. Lentamente, como água gotejando pelo gramado, sua sombra começou a tomar forma. Ao mesmo tempo, com a mesma lentidão, ela perdia a sua capacidade de brilhar. Ella andou ao redor dela cuidadosamente uma vez, duas vezes. Depois, esfregou-se na perna de Lacey e não caiu.

– Você está sólida! Sólida! Qualquer um pode ver você! Ensine-me a fazer isso. Se puder ficar sólido, Ivy vai me ver, ela vai saber que estou aqui por causa dela, vai saber que...

– Epa! – interrompeu Lacey e sua voz projetada começou a diminuir.
– Já já eu volto.

Sua sombra desapareceu e ela também – completamente.

– Lacey? – chamou Tristan, girando o corpo. – Lacey, onde está você? Você está bem?

– Só estou cansada – a voz dela era fraca. Seu corpo apareceu novamente, mas era quase translúcido. Deitou-se em posição fetal no chão. – Só me dê uns minutinhos.

Tristan andava de um lado para o outro, olhando para ela com preocupação.

De repente, espreguiçou-se, voltando a ser ela mesma novamente. – É assim – disse. – Para anjos temporários – como eu e você, querido – é preciso toda a energia que temos e muita experiência para se materializar completamente. Para falar ao mesmo tempo, bem, só um profissional faz isso.

– Ou seja, você.

– Em geral só materializo uma parte de mim, como meus dedos, quando quero fazer alguma coisa – puxar cabelos ou jogar para o alto a crítica de um filme.

– Me ensine! – disse Tristan desesperadamente. – Por favor, me ensine como fazer isso.

– Talvez.

Tinham ido parar em um lugar que dava vista completa para a parte de trás da casa. Tristan olhou para a janela do sótão, a que dava para a sala de música de Ivy.

– Então, é aqui que a moça mora. Creio que deveria achar revigorante ver um cara se fazer completamente de bobo por causa de uma garota.

Viu de longe os lábios de Lacey se contorcerem.

– Não sei porque você deveria pensar muito sobre qualquer coisa. Isso não tem nada a ver com você. Você vai me ensinar?

– Ah, por que não? Tenho tempo sobrando.

Esconderam-se por entre as árvores, sentando-se, Ella os seguia lentamente. Lacey começou a acariciar a gata e Ella a recompensou com um pequeno, porém educado, ronronado. Quando Tristan olhou

de perto, pôde ver que as pontas dos dedos dela não brilhavam, pareciam bem sólidas.

– Tudo o que requer é concentração. Intensa concentração. Olhe para as pontas dos seus dedos. Olhe para elas como uma maneira de manter o foco. Quase desejando que ganhem vida.

Tristan esticou a mão em direção a Ella. Tentou deixar a mente livre de tudo, focando apenas nas pontas de seus dedos. Sentiu uma leve sensação de formigamento, o tipo de sensação que costumava sentir quando seu braço dormia. A sensação ficou cada vez mais forte em seus dedos. Depois, sentiu a mesma coisa em sua cabeça, mas não gostou dessa sensação. Começou a ficar fraco. Seu corpo todo, menos seus dedos, parecia estar derretendo. Recuou.

Lacey morreu de rir. – Perdeu a coragem.

– Vou tentar de novo.

– Melhor descansar um pouco.

– Não preciso descansar!

Depois de ser forte e esperto a vida toda – professor de natação, monitor de matemática – aceitar ter aulas com essa sabe-tudo sobre como afagar um gato era humilhante!

– Parece que não sou a única aqui com um ego do tamanho do mundo – observou Lacey com satisfação.

Tristan ignorou o comentário. – O que está acontecendo comigo? – perguntou.

– Toda a sua energia foi reenviada para as pontas dos seus dedos, fazendo com que o restante enfraqueça, como se você estivesse dissolvendo, ou algo assim.

Ele concordou com a cabeça.

– Assim que você adquirir mais força, isso não será problema. Se você algum dia chegar ao ponto de se materializar por inteiro, projetando sua voz – embora, francamente, duvide que aconteça – você aprenderá a sugar a energia do ambiente. É o que eu faço, sugo, bem ali.

– Você fala como se fosse um alienígena em um filme de terror ou ficção científica.

Ela concordou com a cabeça – *Lips of Planet Indigo*. Sabe, cheguei bem perto de ganhar um Oscar nesse filme.

Engraçado, Tristan se lembrava desse filme como um fracasso de bilheteria.

– Quer tentar novamente?

Tristan esticou o braço. De certa forma, era como encontrar o pulso, como deitar na cama para ouvir seu próprio batimento cardíaco: de repente, tomou consciência da energia que caminhava pelo seu corpo e a direcionou, dessa vez de forma mais calma e tranquila, para a ponta de seus dedos. Eles pararam de brilhar.

Então, pôde senti-la. Seu pelo macio, sedoso e profundo. Ella começou a ronronar mais alto enquanto ele passava a mão nas partes do corpo em que ela mais gostava de ser acariciada. Quando passou a mão na sua barriga, o “motor” dentro dela parecia mais alto do que a hélice de um avião pequeno.

Então, perdeu o toque. A luz do sol tornou-se cinza. Ella parou de ronronar. Tudo o que conseguiu fazer foi ficar parado e esperar, sugando o ar ao redor como alguém faz para tentar recuperar o fôlego, apesar de não ter nenhum.

– Excelente! Não fazia ideia de que era tão boa professora! – disse Lacey.

A cor voltou à grama e às árvores. O céu voltou a ficar azul. Apenas Ella, ficando de pé e fungando, dava sinais de que havia alguma coisa errada.

Tristan virou-se para Lacey, exausto. – Não vou conseguir tocá-la. Se isso é tudo que consigo fazer, não vou conseguir tocá-la.

– Está falando da garota de novo?

– Você sabe o nome dela?

– Ivy. Símbolo de fé e de recordação. Há alguma mensagem que quer dar a ela?

– Tenho de convencê-la do meu amor.
– Só isso? – Lacey fez uma careta. – Só isso?
– Essa provavelmente é a minha missão.
– Ah, por-fa-vor!
– Sabe, estou ficando bem cansado do seu sarcasmo.
– Eu também não curto muito a sua idiotice. Tristan, você é bem ingênuo se acha que o Diretor Número Um ia se dar ao trabalho de fazer de você um anjo só para que pudesse convencer uma garota sobre seu amor. As missões nunca são simples assim, nunca são tão fáceis.

Queria brigar com ela, mas ela tinha parado com a encenação melodramática. Estava séria.

– Ainda não entendi. Como devo saber qual é a minha missão?
– Você observa. Ouve. Fica próximo das pessoas pelas quais se sente atraído, pois provavelmente são as pessoas para as quais você foi mandado de volta para ajudar.

Tristan começou a imaginar quem na sua vida parecia precisar de ajuda.

– É tipo como ser detetive. A dica é não se focar em quem fez, mas em quem-fez-o-quê. Com frequência, você não sabe qual é o problema que tem de resolver. Às vezes, o problema ainda nem aconteceu – você tem de salvar a pessoa de algum desastre que vai acontecer no futuro.

– Você está certa. Não é simples.

Passaram pela quadra de tênis e dirigiram-se para a frente da casa. Ella, que os estava seguindo, passou na frente deles e subiu os degraus.

– Mesmo que algo desse tipo aconteça no futuro, a chave está sempre escondida em seu passado. Felizmente, não é difícil viajar no tempo.

Tristan arqueou as sobrancelhas. – Viajar no tempo?

Lacey sentou no carro de Gregory, que estava estacionado na

garagem.

– Viajar no tempo na sua mente, quero dizer. Há muitas coisas das quais nos esquecemos se pensarmos somente no presente. Podem haver pistas nas quais não prestamos atenção no passado, mas ainda estão lá e podem ser encontradas novamente se voltarmos no tempo em nossas mentes.

Enquanto falava, Lacey se espreguiçou no capô da BMW. Para Tristan, ela parecia a Morticia Addams fazendo um anúncio de carro.

– Talvez eu te ensine a viajar no tempo também. É claro que viajar no tempo, na mente de outra pessoa, não é algo que um amador como você consiga fazer. Tudo isso é muito perigoso – acrescentou.

– Ah, anime-se, Chorão!

– Não estou pra baixo. Só estou pensando.

– Então, olhe para cima.

Tristan olhou para a porta da frente. Ivy estava lá, olhando em direção à garagem, como se estivesse esperando alguém.

– “Esta é a minha dama! Oh, eis o meu amor! Se ela o pudesse saber! – disse Lacey.”

Tristan não tirava os olhos de Ivy. – O quê?

– Romeu e Julieta, ato dois, cena dois. Fiz um teste para essa peça, sabia? Para *Shakespeare no Parque*. O diretor de elenco me queria.

– Legal – disse Tristan sem prestar atenção. Queria que ela o deixasse sozinho agora. Tudo o que queria era estar sozinho, para se alegrar com a presença de Ivy, Ivy saindo na varanda, Ivy com seus cabelos dourados movimentando-se graciosamente no alto da escada para pegar Ella.

– O diretor disse que meu talento era o tipo pelo qual as pessoas morriam. – Demais! – disse Tristan. Se os gatos pudessem falar, pensou. Diga a ela, Ella, diga o que você sabe.

– O produtor, uma pessoa que não entende a verdadeira arte, queria alguém que tivesse um rosto “mais clássico”, alguém que não tivesse um sotaque tão nova-iorquino.

Ivy ainda estava em pé na varanda, fazendo carinho em Ella e olhando na direção dele. Talvez ela ainda acreditasse, Tristan pensou. Talvez tivesse uma vaga sensação da sua presença.

– Esse produtor está em Nova York por algumas semanas, terminando um show. Acho que deveria fazer uma visitinha a ele.

– Ótimo! – disse Tristan, virando a cabeça junto com Ivy, ouvindo o ronco do motor de um carro pequeno subindo o topo da montanha.

– Acho que o mataria, causaria um acidente de trânsito que o mataria na hora – disse Lacey.

– Maravilha!

– Você é patético! Você é mesmo patético! Era assim tão reticente quando era vivo? Fico imaginando como era quando seus hormônios ainda bombeavam em seu corpo.

Ele virou-se para ela com raiva. – Veja! Você não é melhor que eu! Estou apaixonado por Ivy. Nós dois somos obcecados, então, cai fora.

Lacey não disse nada por um momento. Seus olhos alteraram-se só um pouquinho. Uma câmera não teria captado a centelha de mágoa. Mas Tristan captou e, sabendo que dessa vez ela não estava atuando, arrependeu-se do que disse.

– Sinto muito.

Lacey tinha saído de perto dele. Imaginou que ela iria embora a qualquer minuto, deixando-o tatear seu caminho em direção à sua missão.

– Lacey, desculpe.

– Ah, tudo bem – disse.

– É que...

– Quem são essas? Mimi e Cocó vieram dividir o luto com a sua dama?

Virou-se e viu Beth e Suzanne saindo do carro. As duas estavam de preto, mas Suzanne sempre gostou de preto, especialmente o preto justinho, que era exatamente o que estava usando – um vestido

tomara que caia muito maneiro. Beth, por outro lado, estava usando roupas típicas de Beth: um macacão preto, largo, com pequenas flores brancas estampadas, cuja bainha ondulada estava a alguns centímetros acima de sua sandália vermelha de plástico.

- São as amigas dela, Beth e Suzanne.
- Aquela ali é definitivamente um radar – disse Lacey.
- Radar?
- Aquela que parece estar usando uma cortina de banheiro.
- Beth. Ela é escritora.
- O que eu te disse? Um radar inato.

Tristan viu Ivy cumprimentar suas amigas e levá-las para dentro da casa.

– Vamos – disse Lacey, passando na frente dele. – Isso vai ser divertido.

Ele hesitou. Já tinha visto esse tipo de diversão um pouco antes.

– Você quer ou não quer dizer a ela que a ama? Isso vai ser um bom treino para você, Tristan. Vai dar certo. A garota é um radar total. Bons radares não precisam nem acreditar. São receptivos a todos os tipos de coisas, uma dessas coisas são os anjos. Você pode falar através dela – pelo menos, você pode escrever através dela. Você sabe o que é escrita automática, não sabe?

Já tinha ouvido falar. Os médiuns faziam esse tipo de coisa, suas mãos supostamente escreviam diante da vontade de outra pessoa, enviando mensagens dos mortos.

- Quer dizer que Beth é como um médium?
- Um médium sem treinamento. Um radar natural. Ela vai entrar em sintonia com você – se não for hoje, será amanhã. Você só tem de estabelecer a ligação e entrar na mente dela.
- Entrar na mente dela?
- É bem simples. Tudo o que precisa fazer é pensar exatamente como ela, ver o mundo como Beth vê, como Beth sente, amar quem ela ama, sentir seus mais profundos desejos.

– De jeito nenhum – disse Tristan.

– Em resumo, você tem de adotar o ponto de vista do radar e daí entrar bem na mente dele.

– Obviamente, você não sabe como funciona a mente da Beth. Você nunca viu suas histórias. Ela escreve esses romances tórridos.

– Oh... quer dizer, do tipo que o amante olha com desejo para sua amada, seus olhos cheios de sentimentos, seu coração doendo tanto que ele não pode ver nem ouvir mais ninguém?

– Exatamente.

Ela inclinou a cabeça para o lado e deu um sorriso forçado.

– Você tem razão. Você e Beth são muito diferentes.

Tristan não disse nada.

– Se você realmente amasse Ivy, você tentaria. Tenho certeza de que os amantes das histórias de Beth não iriam deixar que um desafio desses fosse um empecilho para eles.

– E o Philip? Ele é o irmão da Ivy. Ele me vê brilhar.

– Ah! Encontrou alguém que acredita!

– Com certeza é um radar – disse Tristan.

– Não necessariamente. Não há nenhuma conexão real entre ser um radar e acreditar.

– Podemos tentar primeiro com ele?

– Claro, temos tempo sobrando – disse e entrou na casa.

Philip estava na cozinha fazendo *brownie* de micro-ondas. Na bancada ao lado da tigela, havia algumas figurinhas de beisebol grudadas e um catálogo aberto na foto de crianças andando de bicicleta. Tristan estava confiante. Tinha bastante familiaridade com esse ponto de vista.

– Fique atrás dele – aconselhou Lacey. – Se ele perceber o brilho, vai se distrair. Vai começar a procurar e tentar entender. Vai se concentrar tanto no exterior que não vai deixar mais nada entrar.

Na verdade, ficar atrás de Philip ajudava-o de outras maneiras. Tristan leu as instruções na caixa por detrás dos ombros de Philip.

Pensou em qual deveria ser o próximo passo e como deveria ser o aroma dos *brownies* enquanto assavam e qual seria o gosto, quente e crocante, assim que saíssem do forno. Queria lambe-la colher para sentir o gosto da massa crua e líquida. Philip lambeu.

Tristan sabia quem ele era e, ao mesmo tempo, ele era outra pessoa também, da forma como fazia quando lia uma boa história. Isso era fácil. – Philip, sou eu...

Bum! Tristan tropeçou para trás, como se estivesse andando por uma parede de vidro. Não tinha visto, não tinha percebido, até dar com a cara nela. Ficou paralisado por alguns minutos.

– Às vezes fica bem difícil – observou Lacey. – Acho que está bem claro. Philip não quer deixar você entrar.

– Mas eu era amigo dele.

– Ele não sabe que é você.

– Se ele me deixasse conversar com ele, então saberia.

– Não é assim que funciona. Já te avisei. Estou ficando boa em perceber quais pessoas são radares e quais não são. Pode tentar novamente, mas ele vai estar mais preparado dessa vez e vai ficar ainda mais forte. Você não vai querer um radar que luta contra você. Vamos tentar a Beth.

Tristan virou-se. – Por que você não tenta a Beth?

– Sinto muito.

– Mas – ele pensou rápido. – Você é tão boa atriz, Lacey. É por isso que essas coisas vêm rapidamente para você. A função de uma atriz é assumir um papel. As grandes atrizes, como você, não apenas imitam. Não, elas se tornam a outra pessoa. É por isso que você se sai tão bem.

– Boa tentativa. Mas a Beth é o seu radar e você tem de mandar a sua mensagem para ela. É você quem tem de fazer. É assim que funciona.

– Nunca parece funcionar do jeito que eu quero – ele reclamou.

– Você também percebeu isso. Suponho que saiba chegar ao quarto

da sua dama.

Tristan mostrou o caminho até o quarto de Ivy. A porta estava entreaberta. Ella, que ainda os seguia, empurrou a porta abrindo-a ainda mais, eles atravessaram a parede.

Suzanne estava sentada na frente do espelho de Ivy, remexendo uma caixa de joias, experimentando os colares e brincos de Ivy. Ivy estava esparramada na cama, lendo alguns papéis – uma das histórias de Beth – imaginou Tristan. Beth estava andando pelo quarto.

– Pelo menos arrume um lápis cravejado de joias. Já que vai continuar usando-o no seu cabelo – disse Suzanne.

Beth pegou o nó do seu cabelo, preso no alto da cabeça e tirou o lápis. – Esqueci.

– Você está ficando cada vez pior, Beth.

– É tudo tão interessante. Courtney jura que sua irmãzinha está dizendo a verdade. E alguns dos rapazes voltaram lá na capela e encontraram o casaco de uma das garotas pendurado no alto de um baluarte.

– As próprias garotas poderiam ter feito isso – salientou Suzanne.

– Hum, talvez – disse Beth, tirando um caderno da bolsa.

Lacey virou-se para Tristan. – Essa é a sua deixa. Ela está pensando sobre hoje de manhã. Não há uma maneira mais fácil que essa para você.

Beth rabiscava em seu caderno. Tristan aproximou-se dela. Supondo que ela estava tentando imaginar a cena, lembrou-se da forma como a capela parecia, partindo do brilho da luz do lado de fora para a vasta escuridão interna. Viu as garotas ajeitando-se no altar. As histórias de Beth tinham um milhão de detalhes. Lembrou-se dos pedaços de gesso no chão e imaginou como devia ser frio o chão em que as garotas estavam sentadas com as pernas de fora, como suas peles deviam ficar arrepiadas se uma corrente de ar passasse pela janela quebrada, ou como ficariam agitadas caso sentissem uma

aranha em suas pernas.

Ele estava na cena, saindo fora de seu corpo e entrando...

– Opa! – ela não se fechou como Philip, mas ele foi retirado rapidamente e com firmeza. Beth levantou-se, tomando distância, e olhando para o lugar em que estava escrevendo antes.

– Ela consegue me ver? – Tristan perguntou para Lacey.

– Ela vê o meu brilho?

– Acho que não. Ela não está prestando atenção ao meu. Mas sabe que tem alguma coisa acontecendo. Você chegou com muita força nela.

– Estava tentando pensar da mesma forma que ela, dando alguns detalhes. Ela adora detalhes.

– Você foi com muita sede ao pote. Ela sabe que tem alguma coisa errada. Recue um pouco.

Mas Beth começou a escrever novamente, descrevendo as garotas no círculo. Alguns dos detalhes de Tristan estavam lá – não sabia se por sugestão dele ou pela imaginação dela – mas não conseguia resistir ao desejo de ir a fundo.

Bum! Dessa vez ele bateu com tudo, foi tão forte que sentiu rebater para trás.

– Eu te avisei! – disse Lacey.

– Beth, você está tão agitada quanto um gato – disse Suzanne.

Ivy deu uma olhada na história de Beth. – Tão agitada quanto Ella, que tem agido de forma bem estranha ultimamente.

Lacey fez não com o dedo para Tristan. – Ouça-me. Você tem de ir com calma. Imagine que Beth é uma casa e você é um ladrão tentando invadir. Você tem de rastejar. Encontrar o que precisa no sótão, no inconsciente dela, mas não perturbe a pessoa que mora no andar de cima. Entendeu?

Ele havia entendido, mas relutava em tentar novamente. A força da mente de Beth era muito maior do que a de Philip.

Tristan sentia-se frustrado, incapaz de mandar o recado para Ivy.

Ela estava tão perto, tão perto, e no entanto... Podia atravessar sua mão sobre ela, mas não tocá-la. Deitar ao lado dela, mas nunca oferecer-lhe consolo. Dizer algo para fazê-la sorrir, mas jamais ser ouvido. Não havia mais lugar para ele na vida dela, e talvez fosse melhor para ela, mas havia vida após a morte para ele.

– Nossa! – disse Beth. – Nossa! Se é que posso dizer isso. Que tal essa primeira frase para minha história? Não havia mais lugar para ele na vida dela, e talvez fosse melhor para ela, mas havia vida após a morte para ele.

Tristan viu as palavras nas páginas como se estivesse segurando o caderno com suas próprias mãos. E quando Beth se virou para olhar a foto dele na escrivania de Ivy, ele também se virou.

Se você soubesse, pensou.

– Se você... – ela escreveu. – Se você, se você, se você... – ela parecia ter empacado.

– Se você.

– Se você o quê? – perguntou Suzanne.

– Não sei – respondeu Beth.

Tristan observava o quarto pelos olhos dela, como era bonito, como Ella olhava para ela, como Suzanne e Ivy trocavam olhares, então deu de ombros.

Se Ivy soubesse o quanto a amo. Pensou nas palavras com a maior clareza possível.

– Se eu me libertasse... – parou de escrever e franziu a testa. Ele conseguia sentir o espanto como se estivesse em sua própria mente.

– Ivy, Ivy, Ivy – disse. – Se Ivy soubesse.

– Beth, você está tão pálida. Você está bem? – disse Ivy.

Beth piscou várias vezes. – É como se alguém estivesse falando por mim.

Suzanne tirou sarro dela com um assobio peculiar.

– Não estou louca! – disse Beth.

Ivy aproximou-se de Beth e olhou bem nos olhos dela; olhou bem

nos olhos dele. Mas ele sabia que ela não conseguia ver.

– Mas ela não conseguia ver – escreveu Beth. Depois apagou e reescreveu, lendo em voz alta o que havia produzido.

– Não havia mais lugar para ele na vida dela, e talvez fosse melhor para ela, mas a vida após a morte era uma tristeza para ele. Se ela pudesse libertá-lo dessa prisão de amor. Mas ela não sabia, ela não conseguia ver que a chave estava em suas mãos apenas – Beth ergue o lápis um pouco. – Estou com muita sorte! – exclamou Beth.

Começou a escrever novamente. – Em suas mãos adoráveis, cuidadosas, carinhosas e gentis; mãos que seguravam, curavam, nutriam esperanças...

Ah! Dá um tempo! Pensou Tristan.

– Cale a boca – Beth falou para ele.

– O quê? – disse Ivy, arregalando os olhos.

– Você está brilhando.

Todas se viraram para Philip, que estava parado na porta do quarto de Ivy.

– Você está brilhando, Beth – disse Philip.

Ivy desviou o olhar. – Philip, já te falei que não quero mais ouvir essa história?

– Sobre eu estar brilhando? – perguntou Beth.

– Ele colocou essa história de anjos na cabeça – explicou Ivy. – Diz ver cores e coisas, e acha que são anjos. Não aguento mais isso! Não quero mais ouvir falar nisso! Quantas vezes vou ter de te falar isso?

Ao ouvir as palavras dela, Tristan perdeu a esperança. Seus esforços o tinham levado além da exaustão; era a esperança que o sustentava. E agora ela tinha ido embora.

Beth balançou a cabeça e ele saiu de dentro dela. Philip não tirou os olhos de Tristan enquanto ele foi para perto de Lacey.

– Puxa! Com quem será que Philip aprendeu a falar sobre os anjos? – disse Suzanne, dando uma piscadinha para Beth.

– Eles te ajudaram no passado, Ivy. Por que não podem te ajudar agora? – perguntou Beth, gentilmente.

– Eles não me ajudaram! Se os anjos fossem reais, se fossem nossos guardiões, Tristan estaria vivo! Mas ele se foi. Como posso ainda acreditar nos anjos?

Cerrou os punhos. A expressão de revolta em seus olhos tinha se transformado em um verde intenso, queimando de certeza, a certeza de que os anjos não existiam.

Tristan sentiu que estava morrendo por inteiro novamente.

Suzanne olhou para Beth e deu de ombros. Philip não disse nada. O formato de sua boca mostrava uma expressão já conhecida.

– Monstrinho teimoso! – comentou Lacey.

Tristan concordou com a cabeça. Philip ainda acreditava. Tristan sentiu um pouquinho da esperança voltar.

Então, Ivy tirou o saco plástico da sua lixeira. Começou a retirar seus anjos da prateleira.

– Não, Ivy!

Mas suas palavras não iriam detê-la.

Philip pegou no braço dela. – Posso ficar com eles?

Ela o ignorou.

– Posso ficar com eles, Ivy?

Tristan ouviu o vidro se quebrando dentro da sacola. Sua mão movia-se de forma inflexível e cruel, mas ainda não havia pego Tony ou o anjo das águas.

– Por favor, Ivy.

Pelo menos ela parou. – Tudo bem, pode ficar com eles, mas você tem de me prometer que nunca mais vai falar comigo a respeito de anjos novamente.

Philip olhou ponderadamente para os dois últimos anjos.

– Tudo bem, mas e se...

– Não – disse com firmeza. – Esse é o combinado.

Ele pegou Tony e o anjo das águas com cuidado. – Prometo.

O coração de Tristan se despedaçou.

Quando Philip saiu, Ivy disse: – Está ficando tarde e logo todo mundo estará aqui. É melhor eu ir trocar de roupa.

– Ajudo você a escolher alguma coisa – disse Suzanne.

– Não. Vá descendo. Já já encontro vocês.

– Mas você sabe que gosto de escolher suas roupas...

– Estamos indo – disse Beth, empurrando Suzanne para a porta. – Leve o tempo que for preciso. Se os rapazes chegarem, faremos sala para eles – fechou a porta atrás de Suzanne.

Ivy olhou para a fotografia de Tristan do outro lado do quarto. Estava paralisada como se fosse uma estátua, as lágrimas rolavam pelo seu rosto.

Lacey disse suavemente: – Tristan, você precisa descansar agora. Não vai conseguir fazer nada se não descansar.

Mas ele não conseguia deixar Ivy. Colocou os braços ao redor dela. Ela passou direto por ele, dirigindo-se à escrivaninha. Ele a abraçou novamente, mas ela só chorou ainda mais.

Então, Ella subiu delicadamente na escrivaninha. As mãos de Lacey a tinham colocado lá. A gata esfregou-se no rosto de Ivy.

– Ah, Ella. Não sei como me desprender dele.

– Não faça isso! – implorou Tristan.

– No final, será exatamente o que ela deverá fazer – avisou Lacey.

– Sei que o perdi, Ella. Tristan está morto. Jamais poderá me abraçar novamente. Não pensa mais em mim. Não me quer mais. O amor termina com a morte.

– Não termina! Eu vou te abraçar de novo! – disse Tristan. – Juro! E você verá que meu amor nunca vai acabar.

– Você está exausto, Tristan.

– Vou te abraçar. Vou te abraçar para sempre!

– Se você não descansar agora, vai ficar ainda mais confuso. Será difícil distinguir o real do irreal, ou de conseguir sair da escuridão. Tristan, me ouça...

Mas antes que ela conseguisse terminar de falar, a escuridão já havia tomado conta dele.



Capítulo 16



- Bem – disse Suzanne ao saírem do cinema. – Nas últimas semanas acho que assisti pelo menos tantos filmes quanto Siskel e Ebert.

– Não sei não se eles assistiram esse aí – comentou Will.

– Foi o único filme de que gostei até agora. Mal posso esperar para ver *Bloodbath IV*.

Gregory olhou para Ivy e ela desviou o olhar.

Foi Ivy quem sugeriu ir ao cinema quando alguém disse que ela precisava sair, o que era algo que viviam falando ultimamente. Se pudesse ter escolhido, teria ido a uma sessão tripla. Ocasionalmente, dispersava-se no meio da história, mas mesmo que isso não acontecesse, era uma maneira de parecer sociável sem ter de conversar com os outros. Infelizmente, a parte mais fácil da noite havia acabado de terminar. Ivy recuou quando saíram do friozinho e da escuridão do interior do cinema para entrar na luz neon, quente da noite.

– Pizza? – perguntou Gregory.

– Adoraria uma bebida! – disse Suzanne.

– Bem, Gregory está pagando, e como ele não me deixa encher o porta-malas – disse Eric.

– Gregory está pagando a pizza – disse Gregory.

Cada vez mais, pensou Ivy, Gregory parecia um conselheiro de acampamento, cuidando de seu estranho grupo, agindo de forma responsável. Era de se estranhar que Eric estivesse tolerando essa situação – mas sabia que Gregory, Eric e Will tinham suas noitadas; noitadas selvagens com garotas e rapazes.

Nesses passeios em grupo, Ivy fazia um jogo consigo mesma,

vendo quanto tempo conseguia sair sem pensar em Tristan, ou pelo menos sem sentir terrivelmente a falta dele. Concentrava-se em prestar atenção às pessoas ao seu redor. A vida continuava para eles, mesmo que não continuasse para ela.

Naquela noite, foram ao Celentano's, uma pizzeria popular na região. As cadeiras balançavam e as toalhas de mesa eram quadrados de papel rasgado – uma placa dizia: “Temos lápis e giz coloridos” – mas os proprietários, Pat e Dennis entendiam tudo de comida. Beth, que adorava tudo que levava chocolate, adorava suas famosas pizzas de sobremesa.

– O que vai ser hoje? – provocou Gregory. – *Brownies* com queijo?

Beth sorriu, duas covinhas cor-de-rosa apareceram em seu rosto. Parte da beleza de Beth estava em sua transparência, pensou Ivy, na forma como sorria sem apresentar defesas.

– Vou pedir algo diferente. Algo mais saudável. Já sei! Queijo *brie* com damasco e pedaços de chocolate amargo!

Gregory riu, pousando delicadamente a mão no ombro de Beth. Ivy pensou na época em que havia se enganado com os comentários de Gregory, achando que ele só queria tirar sarro dela e de suas amigas.

Mas agora era bem fácil entendê-lo. Assim como seu pai, tinha o gênio forte e precisava ser elogiado. No momento, tanto Beth quanto Suzanne o estavam elogiando, Suzanne o observava com sagacidade por cima do cardápio.

– Tudo o que quero é *pepperoni* – reclamou Eric. – Só *pepperoni* – disse, correndo o dedo pelo cardápio, como um rato frustrado que não consegue sair do labirinto.

Aparentemente, Will já tinha se decidido. Seu cardápio estava fechado e havia começado a desenhar na toalha de mesa à sua frente.

– Ora, ora, o retorno de Rembrandt – disse Pat ao passar pela mesa, apontando para Will. – Almoça aqui três vezes por semana – explicou aos demais. – Gostaria de acreditar que é por causa da

comida, mas sei que é por causa do material de arte gratuito.

Will abriu um sorriso, mas eram seus olhos que sorriam mais que a boca, mostrando a todos um castanho profundo. Seus lábios ergueram-se de leve só em um canto da boca.

Ele não era uma pessoa fácil de ser decifrada, pensou Ivy.

– O’Leary – disse Eric quando a dona da pizzeria saiu de perto. – Você tem uma queda pela Pat ou o quê?

– Gosta de mulheres mais velhas – provocou Gregory.

– Uma em UCLA, uma que foi para a Europa em vez de começar a faculdade...

– Você está brincando – disse Suzanne, obviamente impressionada.

Will olhou para cima. – Somos amigos – disse e continuou desenhando. – E trabalho aqui do lado, na loja de fotografia.

Isso era novidade para Ivy. Nenhum dos amigos de Gregory trabalhava de verdade.

– Will desenhou o retrato de Pat – Gregory contou às meninas.

Estava pendurado na parede, um pedaço de papel barato rascunhado com giz de cera. Mas o desenho de Pat estava bom, com seus cabelos lisos e macios, seus olhos cor de mel e a boca generosa – ele tinha captado a beleza dela.

– Você é muito bom! – disse Ivy.

Will ergueu os olhos e eles se entreolharam por um segundo, depois continuou desenhando. Ela não sabia dizer se ele era indiferente ou se era simplesmente tímido.

– Sabe, Will – disse Beth. – Ivy fica se perguntando se você é indiferente ou se é tímido mesmo.

Will piscou.

– Beth! – disse Ivy. – De onde você tirou isso?

– Ué? Você não se perguntou? Ou será que foi a Suzanne? Talvez tenha sido eu. Sei lá, Ivy, minha mente é confusa. Estou com dor de cabeça desde que saí da sua casa. Acho que preciso de cafeína.

Gregory riu. – A pizza com chocolate vai cuidar disso.

Will disse a Beth: – Quero deixar claro que não sou indiferente.

– Dá um tempo – disse Gregory.

Ivy sentou-se na cadeira e olhou no relógio. Bem, tinha conseguido ficar oito minutos inteiros pensando em outras pessoas. Oito minutos sem imaginar como seria se Tristan estivesse sentado ao lado dela. Já era um progresso.

Pat anotou o pedido, depois procurou no bolso e entregou um formulário para Will. – Estou fazendo isso na frente dos seus amigos, então não há como dar para trás, Will. Andei guardando as toalhas com os seus desenhos – planejo vendê-las quando seus quadros estiverem pendurados no Metropolitan Museum of Art. Mas se você não inscrever seu trabalho no festival, eu mesma farei a inscrição.

– Obrigada por me dar uma escolha, Pat – disse, secamente.

– Você tem mais formulários? Ivy precisa de um – disse Suzanne.

– Você também está guardando meus desenhos nas toalhas?

– A sua música, garota. O Festival de Stonehill é para todos os tipos de artistas. Eles montam um palco para apresentações ao vivo. Isso vai ser bom para você.

Ivy mordeu a língua. Estava cansada das pessoas dizerem o que era bom para ela. Toda vez que diziam isso, tudo o que conseguia pensar era que Tristan era o bom para ela.

Dois minutos dessa vez, dois minutos sem pensar nele.

Pat trouxe mais formulários junto com as pizzas. Os outros ficaram lembrando dos festivais de arte de verões passados.

– Gostei de ver as dançarinas – disse Gregory.

– Já fui uma jovem dançarina – disse Beth.

– Até que um acidente prematuro encerrou sua carreira – disse Suzanne.

– Eu tinha 6 anos – disse Beth. – E tudo era tão mágico... e eu rodopiei com minha fantasia de lantejoulas com um milhão de estrelas brilhando sobre a minha cabeça. Infelizmente, dancei até cair do palco – Will soltou uma gargalhada. Era a primeira vez que Ivy o

ouvira rir dessa forma.

– Você se lembra quando Richmond tocou acordeão?

– O Sr. Richmond? Nosso diretor?

Gregory concordou com a cabeça. – O prefeito tirou o banquinho detrás dele.

– Mas Richmond sentou-se – disse Eric.

– Ai!

Ivy riu junto com todos os colegas, apesar de estar atuando a maior parte do tempo. Sempre que algo a interessava ou a fazia rir, era possível prender sua atenção no primeiro minuto, e depois ela pensava, tenho que contar para Tristan.

Quatro minutos dessa vez.

Will desenhava cenas engraçadas na toalha de mesa: Beth rodopiando na ponta dos pés, Richmond com as pernas para cima. Montava a cena como se fosse uma história em quadrinhos. Suas mãos eram rápidas, seu traçado era firme e seguro. Ivy observou com interesse por alguns minutos.

Depois Suzanne soltou um suspiro. Ivy olhou para o lado, mas o rosto de Suzanne era uma máscara de cordialidade. – Lá vem uma amiga sua – disse a Gregory.

Todos se viraram. Ivy engoliu seco. Era Twinkie Hammonds, a moreninha *mignon*, como Suzanne a chamava – a garota com quem Ivy havia conversado no dia em que tinha visto Tristan nadar pela primeira vez. E ela estava com Gary.

Gary olhava para Ivy, depois para Will, que estava sentado ao lado dela, depois para Eric e Gregory. Ivy estremeceu. Não era um encontro, mas mesmo assim, Gary a encarava de forma acusadora.

– Oi, Ivy.

– Oi.

– Está se divertindo? – perguntou.

Ela brincou com um giz de cera, depois balançou a cabeça. – Sim.

– Faz tempo que não te vejo.

– Eu sei – disse, apesar de que ela o tinha visto – uma vez no shopping e outra vez na cidade, mas se escondeu rapidamente na primeira porta que encontrou.

– Saindo muito?

– Bastante, acho.

Cada vez que o via, esperava que Tristan estivesse ao lado dele.

Toda vez sentia a mesma dor novamente.

– Achei que estivesse. A Twinkie me falou.

– Algum problema? – perguntou Gregory.

– Estava falando com ela e não com você – respondeu Gary friamente. – E só estava querendo saber o que ela tem feito – mudou o peso do corpo e continuou. – Os pais do Tristan perguntaram de você outro dia.

Ivy abaixou a cabeça.

– Eu os visito às vezes.

– Que bom! – disse. Havia prometido a si mesma uma centena de vezes que iria vê-los.

– Eles se sentem sós – disse Gary.

– Acredito que sim – disse, desenhando pequenas letras “x” com o giz de cera.

– Eles gostam de falar sobre o Tristan.

Ela concordou com a cabeça sem dizer nada. Não podia voltar àquela casa, não podia! Solto o lápis.

– A sua foto ainda está no quarto dele!

Os olhos dela estavam secos. Mas sua respiração estava irregular. Tentou inspirar e expirar para controlá-la, a fim de que ninguém percebesse.

– Tem um recado embaixo da sua foto – a voz de Gary parecia um riso trêmulo. – Você sabe como são os pais de Tristan. Sempre respeitaram o filho e a sua privacidade. Até hoje eles ainda não leram, mas sabem que a letra é sua, portanto, guardaram. Acham que é algum tipo de bilhete de amor e que deveria ficar junto com a

fotografia.

O que ela havia escrito? Nada valioso o suficiente para ser guardado. Apenas recados para confirmar a hora que se encontrariam para a próxima aula. E ele guardou.

Ivy tentou controlar as lágrimas. Jamais deveria ter saído com os colegas naquela noite. Não dava para fingir por tanto tempo.

– Seu cretino! – era a voz de Gregory.

– Está tudo bem – disse Ivy.

– Saia daqui, cretino, antes que eu saia com você! – ordenou Gregory.

– Está tudo bem – e, para ela, estava mesmo. Gary não conseguia controlar seus sentimentos da mesma forma que ela não conseguia.

– Falei para você, Gary – disse Twinkie. – Ela não é do tipo que usa preto por um ano.

A cadeira de Gregory caiu quando se levantou e ele a chutou para longe.

Dennis Celentano o pegou antes que chegasse ao outro lado da mesa – Qual o problema com vocês, rapazes?

Ivy sentou-se com a cabeça baixa. Antes teria rezado aos anjos pedindo força, mas não conseguia mais fazer isso. Controlou-se, colocando seus braços ao redor de si mesma. Fechou-se para todo tipo de pensamento, todo tipo de sentimento, bloqueou as palavras, com raiva, que surgiam à sua volta. Entorpecida, ficaria entorpecida; se pudesse manter o torpor para sempre.

Por que não havia morrido no lugar dele? Por que as coisas tinham acontecido daquela forma? Tristan era tudo que seus pais tinham. Era tudo que ela queria. Ninguém o substituiria. Ela deveria ter morrido, não ele!

De repente, o ambiente ficou silencioso, um silêncio mórbido à sua volta. Havia dito aquilo em voz alta? Gary tinha ido embora. Não ouvia nada além do lápis correndo pelo papel. A mão de Will movia-se rapidamente, com o traçado cada vez mais forte e mais certo do

que antes.

Ivy observava com fascinação. Finalmente, Will afastou a mão. Olhou para os desenhos. Anjos, anjos, anjos. Um anjo que parecia Tristan com os braços envoltos nela de forma amorosa.

Sentiu a fúria dominando seu corpo. – Como você ousa! Como você ousa, Will!

Seu olhar cruzou com o dela. Havia pânico e confusão em seus olhos. Mas ela não recuou. Não sentia nada além da raiva.

– Ivy, não sei porque... Não quis... Nunca quis, Ivy, juro que nunca... Ela rasgou o papel.

Ele olhava incrédulo. – Jamais magoaria você – disse, em voz baixa.

Tinha sido tão fácil. Parecia que em menos de um milionésimo de segundo havia conseguido entrar em Will. Não houve dificuldade em se comunicar, os desenhos dos anjos vieram rapidamente, como se suas mentes fossem uma só. Ele havia compartilhado com Will a surpresa de ver a imagem que seu lápis havia desenhado, se ao menos Will pudesse torná-los verdadeiros para Ivy, sua Ivy, que precisava de consolo.

– O que faço agora, Lacey? Como posso ajudar Ivy? Se tudo que faço a magoa ainda mais?

Mas Lacey não estava por perto para aconselhá-lo.

Tristan vagou pelas ruas da silenciosa cidade depois que Ivy e seus amigos saíram. Precisava pensar. Estava quase com medo de tentar novamente. Estatuetas de anjos, desenhos de anjos, só o fato de mencionar anjos provocava em Ivy nada mais do que dor e raiva – mas era isso que ele era agora, um anjo.

Seus poderes recém-adquiridos eram inúteis, completamente inúteis. E ainda havia a questão da sua missão, da qual ele não fazia a mínima ideia. Era tão difícil pensar nisso, quando tudo o que conseguia pensar era em uma forma de se aproximar de Ivy.

– O que faço agora Lacey? – perguntou novamente.

Não sabia se Lacey estava sendo exageradamente dramática quando havia dito que sua missão poderia ser salvar alguém de algum desastre. Mas, e se estivesse certa? E se ele estivesse tão preso à sua dor e à de Ivy que estava fracassando com alguém?

Lacey disse que tinha que ficar perto das pessoas que conhecia e por isso, assim que saiu da escuridão, foi procurar por Gary e o seguiu até o Celentano's naquela noite. Ela também havia dito a ele que sua missão poderia estar no passado, algum problema que tivesse visto, mas que não tivesse dado importância na época. Precisava aprender como viajar de volta no tempo.

Imaginava o tempo como uma teia rodopiando em meio aos pensamentos, sentimentos e ações todos juntos, uma teia que o segurava até romper de forma súbita. Parecia que o ponto de partida mais fácil seria seu ponto de saída. Será que ajudaria se ele fosse até lá?

Andou rapidamente pela sinuosa estrada escura. Era bem tarde e não havia carros na estrada. Uma estranha sensação, a sensação de que, a qualquer momento um cervo saltaria na frente dele, fez com que diminuísse o ritmo, mas só por pouco tempo.

Foi estranho com que facilidade encontrou o lugar e a certeza que sentia de que aquele era o lugar, pois cada curva da estrada parecia exatamente a mesma. A lua, apesar de estar cheia, mal conseguia iluminar as pesadas copas das árvores. Não havia o mínimo clarão de luz ali, só a iluminação ambiente, uma espécie de névoa cinza fantasmagórica. Mesmo assim, encontrou as rosas.

Não as que tinha dado a ela, mas rosas parecidas. Estavam do outro lado da estrada, totalmente murchas. Ao pegá-las, ficaram completamente despetaladas; só sobrou a fita roxa que as amarrava.

Tristan olhou para a estrada como se pudesse olhar de volta no tempo. Tentou se lembrar do seu último minuto de vida. A luz. Uma incrível luz e voz, ou recado – não tinha certeza se era, na verdade, uma voz e não podia se lembrar de palavra alguma. Mas tinha

conseguido chegar depois da explosão de luz. Voltou para a luz e focou sua mente nela.

Um ponto de luz – sim, antes do túnel, antes da luz ofuscante no fim dele, havia um ponto de luz, a luz dos olhos do cervo.

Tristan deu de ombros. Segurou-se e sentiu o impacto com seu corpo todo. Sentiu como se estivesse batendo nele mesmo. Caiu para trás. O carro ia em marcha ré em alta velocidade, como em uma montanha russa ao contrário. Era como se estivesse preso em uma fita sendo rebobinada, com toda a conversa e os movimentos frenéticos voltando para trás. Tentou parar, desejou que parasse, toda sua energia canalizada para que a corrida no tempo parasse.

Então, estava sentado ao lado de Ivy, totalmente paralisado, como se estivesse congelado em uma tela de cinema. Estavam no carro e ele lentamente deixou a cena correr a partir desse momento.

– Última olhada no rio – foi o que disse assim que fizeram uma curva, desviando-se do lugar em que estavam.

O sol de junho dominava toda a região oeste do interior de Connecticut, enviando os seus raios de luz às copas das árvores, cobrindo-as como se fossem ouro. A estrada sinuosa parecia um túnel de bordos, álamos e carvalhos. Ivy sentia estar nadando em meio às ondas com Tristan, o sol brilhando no alto, os dois juntos em movimento uníssono, em direção a um abismo de azul, roxo e verde escuro. Tristan ligou os faróis do carro.

– Você não precisa correr – disse Ivy. – Não estou mais com fome.

– Eu matei a sua fome?

Ela balançou a cabeça negativamente. – Acho que me alimentei de felicidade – respondeu suavemente.

A velocidade do carro continuava aumentando pelas curvas da estrada..

– Já falei que a gente não precisa correr.

– Engraçado. Não sei o que... Não parece que... – murmurou Tristan, olhando para os seus pés.

– Vá mais devagar, está bem? Não tem problema se a gente se atrasar um pouquinho. – Ah! – Ivy apontou para frente da estrada. – Tristan!

Havia algo saindo do meio dos arbustos e parando no meio da estrada. Não dava para ver o que era. Só dava para perceber a movimentação por entre as sombras. E então o cervo parou. Virou a cabeça e olhou fixamente para as luzes dos faróis.

– Tristan! – ela gritou.

Ele pisou mais fundo no freio. Estavam cada vez mais próximos dos olhos brilhantes.

– Tristan, você não está vendo?

A velocidade não parava de aumentar.

– Ivy, tem algo...

– Um cervo!

Ele freiou inúmeras vezes, o pedal ia até o fim, mas o carro não diminuía o ritmo.

Os olhos do animal reluziam. Havia uma luz atrás dele, uma mancha brilhante em meio à escuridão. Um carro vinha na outra pista. Do outro lado havia inúmeras árvores. Não tinha como desviarem nem para a esquerda nem para a direita, e o pedal estava encostado no chão do carro.

– Pare! – ela gritou.

– Estou...

– Pare! Por que você não para? – ela implorou. – Tristan, pare!

Ele desejou que o carro parasse, desejou voltar ao presente, mas não tinha controle, nada o fazia parar de aumentar a velocidade em direção ao redemoinho escuro que estava preparado para engoli-lo.

Quando abriu os olhos, Lacey estava olhando para ele.

– Viagem difícil?

Tristan olhou para os lados. Ainda estava na mesma estrada, mas já era de manhã, a luz do sol era tão frágil como as teias de aranha que se prendiam às árvores. Tentou se lembrar do que tinha acontecido.

– Você me chamou, horas atrás, me perguntou o que fazer em seguida. Obviamente, não conseguiu esperar para descobrir.

– Voltei no tempo – disse, passando a se lembrar de tudo de repente – Lacey, não foi só o cervo. Se não fosse o cervo, teria sido um muro. Ou as árvores, ou o rio ou a ponte. Podia ter sido outro carro.

– Calma aí, Tristan! O que você está falando?

– Não havia pressão, nem fluido. Ia até o fundo do chão do carro.

– O quê?

– O pedal. O freio. Não era para funcionar dessa forma – segurou Lacey com força – E se... e se não foi um acidente? E se só pareceu um acidente?

– E você só parece estar morto. Com certeza, me enganou.

– Preste atenção, Lacey. Os freios estavam funcionando perfeitamente. Alguém mexeu neles. Alguém cortou algum fio! Você tem de me ajudar!

– Mas não sei nem colocar gasolina!

– Você tem de me ajudar a falar com a Ivy – Tristan começou a caminhar pela estrada.

– Preferia ajudar com os freios – Lacey chamou por ele. – Mais devagar, Tristan. Antes que você derrube outro cervo.

Mas nada o faria parar. – Ivy tem de acreditar novamente. Temos de falar com ela. Ela tem de saber que não foi um acidente. Alguém queria ver um de nós dois mortos!